



EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

# **EIS QUE FAÇO UMA COISA NOVA; NÃO O NOTAIS?**



RIMINI 2018



# EIS QUE FAÇO UMA COISA NOVA; NÃO O NOTAIS? (Isaías)

---

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE  
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RIMINI 2018

Tradução do italiano de Cláudio Cruz.  
Revisão de Maria Ramos Ascensão.

© 2018 Fraternidade de Comunhão e Libertação para os textos de L. Giussani e J. Carrón

Na capa: Vincent van Gogh, *Ramos de amendoeira em flor*, Saint-Rémy-de-Provence, fevereiro de 1890. © Van Gogh Museum, Amsterdam (Vincent van Gogh Foundation).

*«Por ocasião do curso anual dos Exercícios Espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que tem lugar em Rimini, com o título “Eis que faço uma coisa nova: não o notais?” (Is 43,19), Sua Santidade o Papa Francisco dirige-vos o seu cordial pensamento e seus bons votos. Ele convida a fazer experiência viva de Cristo presente na Igreja e nas vicissitudes da história, mudando a própria vida para poderem renovar o mundo com a força do Evangelho. É a contemplação do rosto de Jesus morto e ressuscitado que recompõe a nossa humanidade, mesmo aquela fragmentada pela dureza da vida, ou aquela marcada pelo pecado.*

*O Santo Padre deseja que os que seguem o carisma do falecido monsenhor Luigi Giussani deem testemunho do amor concreto e poderoso de Deus, que opera realmente na história e determina o seu destino final. E, enquanto pede que rezem em apoio do seu ministério petrino, invoca a proteção celeste da Virgem Maria e confere-lhe de coração, bem como a todos os participantes, a implorada bênção apostólica, estendendo-a aos que estão ligados via satélite e a toda a Fraternidade».*

**Cardeal Pietro Parolin**, Secretário de Estado de Sua Santidade,  
27 de abril de 2018

# *Sexta-feira, 28 de abril, noite*

*À entrada e à saída:*

*Antonín Dvořák, Stabat Mater, op. 58*

*Rafael Kubelik – Symphonie-Orchester des Bayerischen Rundfunks*

*“Spirto Gentil” n. 9, Deutsche Grammophon*

## ■ INTRODUÇÃO

**Julián Carrón**

«Eis que faço uma coisa nova: não o notais?»<sup>1</sup> A capacidade de perceber as coisas pertence à natureza do homem, é parte da sua grandeza, incomparável a nenhuma outra criatura. Infelizmente, muitas vezes prevalece em nós o óbvio ou a superficialidade. Quem, de entre nós, vendo os rostos pintados por Caravaggio, enquanto ouvíamos o *Fac ut ardeat cor meum* do *Stabat Mater* de Dvořák, não sentiu todo o desejo de ser tomado como aqueles rostos, tão dominados por um conhecimento de Cristo que penetrava até ao coração? Mas – pensamos – como poderemos nós, frágeis como somos, chegar a conhecê-Lo? É por isso que Jesus nos oferece um grande consolo: «Tendes necessidade do Espírito. É o Espírito quem vos conduzirá à verdade plena».<sup>2</sup>

Peçamos então ao Espírito que nos conduza a um conhecimento de Cristo presente no real, na história, que faça arder o nosso coração.

*Vinde, Espírito Santo*

Começo por ler a mensagem de saudação que o Santo Padre nos enviou: «Por ocasião do curso anual dos Exercícios Espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que tem lugar em Rimini, com o título “Eis que faço uma coisa nova: não o notais?”, Sua Santidade o Papa Francisco dirige-vos o seu cordial pensamento e seus bons votos. Ele convida a fazer experiência viva de Cristo presente na Igreja e nas vicissitudes da história, mudando a própria vida para poderem renovar o mundo com a força do Evangelho. É a contemplação do rosto de Jesus morto e ressuscitado que recompõe a nossa humanidade, mesmo aquela fragmentada

---

<sup>1</sup> Is 43,19.

<sup>2</sup> Cf. Jo16,13.

pela dureza da vida, ou aquela marcada pelo pecado. O Santo Padre deseja que os que seguem o carisma do falecido monsenhor Luigi Giussani deem testemunho do amor concreto e poderoso de Deus, que opera realmente na história e determina o seu destino final. E, enquanto pede que rezem em apoio do seu ministério petrino, invoca a proteção celeste da Virgem Maria e confere-lhe de coração, bem como a todos os participantes, a implorada bênção apostólica, estendendo-a aos que estão ligados via satélite e a toda a Fraternidade». Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade.

## 1. A consequência de um deslocamento

Desde a Jornada de Início de Ano que uma frase de Dom Giussani ficou a martelar dentro de mim: «No início construía-se, procurava-se construir, sobre qualquer coisa que estava a acontecer [...] e que nos tinha revestido. Por mais ingénua e exageradamente desproporcionada que fosse, esta era uma posição pura. Por isso, por a termos abandonado, ficando presos numa posição que foi, diria eu, acima de tudo uma “tradução cultural”, mais do que o entusiasmo por uma Presença, nós não conhecemos – no sentido bíblico do termo – Cristo, nós não conhecemos o mistério de Deus, porque não nos é familiar».<sup>3</sup>

O deslocamento do entusiasmo por uma Presença para uma tradução cultural teve como consequência não termos conhecido a Cristo. E vê-se que não conhecemos a Cristo pelo facto de não nos ser familiar.

Parece-me que não há desafio maior do que aquele que está contido nesta provocação: se ao longo do caminho Cristo não se torna mais familiar, haverá cada vez menos interesse por Ele, e tudo aquilo que fizermos será então uma consequência cada vez mais separada da sua origem, como um ramo seco, que nos deixará cada dia mais desiludidos, com um amargo na boca.

O trabalho feito desde o Início de Ano deu a cada um de nós a possibilidade de dar-se conta do caminho que percorreu nestes meses. Como perceber se conhecemos mais a Cristo? Através de que sinais podemos demonstrá-lo?

Dom Giussani deu-nos um critério de verificação para reconhecermos se Cristo entrou verdadeiramente e está a entrar cada vez mais na nossa vida, se se torna cada dia mais familiar. Para perceber isto, basta referirmos uma experiência elementar que cada um de nós faz: vemos que

---

<sup>3</sup> L. Giussani, *Una strana compagnia*, Bur, Milão 2017, pp. 88-89.

uma presença, uma pessoa, entrou na nossa vida ao ponto de se tornar familiar, quando determina a forma como encaramos tudo, como agimos diante das coisas e das circunstâncias. Basta pensarem nos vossos filhos. Pelo contrário, quando não existe essa familiaridade, ou não é suficiente, o ponto de partida continua a ser o de antes: uma determinada impressão das coisas, os esquemas que trazemos connosco. Todos nós podemos comprová-lo.

Não é diferente o que acontece com Cristo. Se, de facto, o acontecimento de Cristo não incide na minha forma de viver, de estar diante do real, das situações e dos desafios quotidianos, se *o acontecimento de Cristo* presente não determina a forma como vivemos as circunstâncias, isto significa que as encaramos como toda a gente, ou seja, a partir da *impressão* que suscitam em nós, e, como toda a gente, acabamos por sufocar numa vida que «nos parte as pernas».<sup>4</sup> O resultado salta imediatamente à vista: uma vida dominada pelas nossas “impressões” – que cada um pense em como acorda nalgumas manhãs –, em vez de aumentar o entusiasmo por Cristo, torna a fé cada vez mais irrelevante para viver, porque não se vê a pertinência de Cristo às exigências da vida.

Mas se o entusiasmo por Cristo não aumentar cada vez mais, onde vamos procurar a nossa plenitude? Cada um de nós pode olhar para a própria vida e reparar no que é que predomina nela. Uma vez que o nosso coração não pode deixar de desejar, inevitavelmente iremos procurar a realização no que fazemos nós, no nosso «esforço de atividade associativa, operativa, caritativa, cultural, social, política»,<sup>5</sup> ou então nas nossas tentativas profissionais. A fé torna-se, desta forma, apenas uma “premissa” que atiramos para trás das costas. Por isso Dom Giussani nos dizia que «o erro fundamental que podemos cometer [...] é dar por óbvia a fé. Quer dizer: dada a fé, introduzida a fé, muito bem, agora nós fazemos atividades culturais».<sup>6</sup> Ele não nos dá tréguas nesta chamada de atenção: «Se tudo aquilo que esperarmos não se esgotar totalmente naquilo que nos foi dado, no facto de que nos foi dado», ou seja, no Facto de Cristo, todas as nossas atividades, tudo aquilo que fazemos «torna-se na espera do nosso reino».<sup>7</sup>

A questão que inevitavelmente se coloca é então: mas estas atividades são capazes de nos realizar? A campanha de alarme é aquela sensação de mal-estar que nos assalta graças a um «fazer» que, no fundo, não nos satisfaz.

<sup>4</sup> C. Pavese, *Dialoghi con Leucò*, Einaudi, Turim 1947, p. 166.

<sup>5</sup> L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 88.

<sup>6</sup> L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, Bur, Milão 2006, p. 173.

<sup>7</sup> L. Giussani em A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*, Tenacitas, Coimbra 2017, p. 406.



Mas é precisamente a insatisfação que sentimos quando esperamos a realização a partir do que fazemos que pode tornar-se – se conservarmos uma pobreza última de coração – uma ocasião, a oportunidade de sentir dentro de nós a urgência de voltar ao início, ao entusiasmo por Cristo que nos tinha conquistado.

Escreveu-me um jovem médico, confirmando o facto de que a «urgência de voltar ao início», ao entusiasmo por Cristo, diz respeito à vida de cada um de nós, qualquer que seja a sua idade ou a sua história (podemos ter encontrado o Movimento há um ano atrás e ter menos de trinta anos):

«Caro Julián, nestes meses comecei a perceber o que nos tens dito tantas vezes, quer dizer, que se eu não verificar a pertinência da fé às exigências da vida, ela não poderá resistir, e o primeiro sinal é um ceticismo – não explícito –, diria quase uma dúvida, um “quem sabe”, uma incredulidade em relação ao facto de certas coisas, certas chatices da vida, poderem ser abraçadas e mudadas por Cristo. Comigo, aconteceu no trabalho. Sou médico especialista num serviço em que os ritmos de trabalho são exigentes, a competição e as queixas são contínuas, e a maior parte dos colegas não tem quase vida fora do trabalho. Nestes dois anos, na tentativa de fazer bem o meu trabalho, deixei-me absorver demais. Na sequência de duas grandes decepções no trabalho, dei-me conta de quanto o trabalho – pelo menos, como eu o estou a viver – não é capaz de me restituir, em termos de satisfação, nem sequer um pouco do quanto eu lhe dou: é um balanço absolutamente negativo. Este facto levou-me também a pensar no trabalho como aquilo que me rouba o tempo para a minha mulher e para meus amigos, e as queixas aumentaram ainda mais! Ler a Escola de Comunidade, ir à missa, falar com os amigos – mas sem estarmos dispostos a mudar o ponto de vista, querendo só a solução do problema contingente – revelam-se todas tentativas destinadas ao fracasso e deixam-nos cada vez mais cétricos quanto ao facto de Cristo poder mudar alguma coisa da relação com o trabalho. Por fim, aconteceu uma coisa. Há cerca de dois meses que, de vez em quando, eu vou à missa antes do trabalho; há um grupinho de pessoas do Movimento que vai todas as manhãs e, no fim da missa, tomam um café rápido no bar em frente da igreja: um facto banal e para eles quotidiano. Na primeira manhã em que me juntei a eles, fiquei contente e fiz o trajeto de mota para o trabalho – que, normalmente, é o momento em que me domina a preocupação com tudo o que vou ter de fazer, e com todos os compromissos para encaixar – com a leveza de quem acabou de ver uma coisa bonita. Enquanto na maior parte dos meus intervalos do trabalho eu já estou com a cabeça na próxima coisa para fazer, eles naqueles dez minutos estavam ali verdadeiramente, atentos, presentes. Impressionou-me também a atenção para comigo, que não os co-

nhecia, mas também com alguns sem-abrigo que andam por ali perto da igreja. Percebi uma série de coisas que me levaram a perguntar-me se não seria realmente possível também para mim estar contente no trabalho. Um pequeno facto reabriu uma brecha nas minhas queixas: uma pergunta que impele a fazer um caminho. Durante um encontro contigo e com alguns jovens trabalhadores, vi acontecer a mesma dinâmica do bar: impressionou-me a tua liberdade diante de nós, o não teres nada a defender e, aliás, a curiosidade pelo que poderia aparecer entre nós. Os juízos que deste mexeram comigo e têm desmascarado muitas vezes a perspectiva reduzida que tínhamos sobre a realidade. Percebo que um olhar tão livre não pode ser produzido por uma mais perfeita e atenta cultura sobre os textos de Giussani, pela participação num maior número de gestos e assembleias, mas só por uma familiaridade com o Mistério. Por isso observei-te com curiosidade e inveja, e perguntava-me a toda a hora por que razão é que tu respondias às várias provocações de uma forma diferente de como eu teria feito. Vivia numa tensão para me identificar, para tentar perceber como é que tu olhas para as coisas. Foi bonito porque, para mim, no início, seguir foi exatamente assim: uma identificação, quase espontânea, que nascia do espanto por uma diferença humana».

Atenção, para reencontrar o entusiasmo do início não basta um saudosismo, não é suficiente encontrar-se com os amigos para relembrar os velhos tempos. A lembrança de algo que passou não nos devolve o início. Relembrar os bons tempos do namoro não devolve a um casal o entusiasmo perdido nos anos seguintes. Querem uma prova disto? Observem o ceticismo que se insinua na vida de muitos adultos. A única possibilidade é voltar a acontecer agora aquilo que nos inflamou no início.

Sobre qualquer outra tentativa nossa de recuperação do início, Dom Giussani expressou-se de maneira definitiva: «Formulemos a hipótese de que se reúnam hoje algumas pessoas que [...] tendo a lembrança impressionante de um acontecimento pelo qual foram tocadas – que lhes fez bem, que até qualificou a sua vida –, queiram retomá-lo, preenchendo uma “descontinuidade” que se foi criando ao longo dos anos. [...] Se, por exemplo, elas dissessem: “Vamos juntar-nos para formar um grupo de catequese, ou para uma nova iniciativa política, ou, ainda, para desenvolver uma atividade caritativa, para criar uma obra, etc.”, nenhuma dessas respostas seria adequada para vencer a descontinuidade». Não há nada mais claro do que isto: «A continuidade com “o então” só se restabelece pelo reacontecer do mesmo acontecimento, do mesmo impacto agora».<sup>8</sup> Porque o início é

---

<sup>8</sup> L. Giussani, «Qualquer coisa que vem antes», *Passos*, novembro 2008, nº10, p. 3.

um acontecimento, sempre. E para cobrir a descontinuidade com o início é preciso que volte a acontecer agora o que aconteceu naquela época, é preciso que ocorra o mesmo acontecimento que nos moveu no princípio.

Foi o que nos lembrou o Papa Francisco na Praça de São Pedro: «O carisma não se conserva numa garrafa de água destilada! [...] Dom Giussani não pode reduzir-se a um museu de lembranças [...]. Fidelidade à tradição – dizia Mahler – “significa manter vivo o fogo”».<sup>9</sup>

Só o reacontecer da Sua presença agora é que pode restituir-nos o início. Cristo é um acontecimento presente. E a única esperança para nós é conhecer melhor Cristo, se não quisermos perder o entusiasmo que nos conquistou. É por isso que, desde o Início de Ano, esta frase ficou a martelar na minha cabeça.

## 2. Ao ficarmos mais velhos, uma desmoralização

Nos primeiros Exercícios da Fraternidade, Dom Giussani dizia-nos exatamente que o nosso inimigo é «a ausência do conhecimento de Cristo». Mas de que tipo de conhecimento se trata? Sendo que para nós o conhecimento é normalmente reduzido a um saber conceptual, Giussani adverte-nos que está a falar do conhecimento tal como o entende a Santa Bíblia: «Conhecimento como familiaridade, como afinidade, como identificação, como presença ao coração». Por isso, mais adiante observa: «É como se não continuasse [depois do encontro] uma familiaridade que se fez sentir [...]. Há um obstáculo que é a distância d’Ele, que é como uma não presença d’Ele, um ser que não determina o coração. Nas ações não é assim, nelas pode ser determinante – vamos à igreja, “fazemos” o Movimento, talvez até rezemos as Completas, fazemos Escola de Comunidade, empenhamo-nos na caritativa, vamos fazer grupos daqui e dali e lançamo-nos, catapultamo-nos até na política –. Não falta nas ações: em muitas ações pode ser determinante, mas no coração? No coração não! Porque o coração é como a pessoa olha as suas crianças, como olha a mulher ou o marido, como olha aquele que passa, como olha as pessoas da comunidade ou os colegas de trabalho, ou então – principalmente – como se levanta de manhã».<sup>10</sup>

Não só. A distância entre Cristo e o coração «explica também outra distância, que se revela também num último obstáculo nas relações entre nós, no olhar entre nós, porque é só Cristo [...] que pode tornar-nos realmente ir-

<sup>9</sup> Francisco, *Discurso ao movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

<sup>10</sup> L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., pp. 22-24.

mãos»,<sup>11</sup> amigos! Quantas vezes falámos disso e o experimentámos na vida: a distância entre o coração e Cristo torna-se distância entre uns e outros, de modo que entre nós domina uma estranheza última, recíproca.

Ora, Jesus pode estar tão distante do coração, que se torna para nós como um estranho: «Se Jesus viesse aqui em silêncio – *softly* – e se sentasse numa cadeira ali, perto daquela, e todos a certa altura nos apercebêssemos, não sei em quantos de nós o espanto, a gratidão, a alegria... não sei em quantos a afeição seria verdadeiramente espontânea, mesmo conservando uma certa consciência de si. [...] Não sei se não nos sentiríamos cobertos por um manto de vergonha [...], se nos dêssemos conta naquele momento de que nunca dissemos “Tu” [...], se tentássemos viver seriamente o não total naufrágio do seu Eu pessoal no nosso eu coletivo».<sup>12</sup> Perguntemo-nos: quem de nós hoje disse «Tu» a Cristo, com aquela familiaridade com que trata as presenças que lhe são verdadeiramente queridas?

Não é que Cristo seja desconhecido à nossa vida, entendamo-nos. «Paradoxalmente – insisto – [é Dom Giussani que insiste] Cristo é precisamente o motivo pelo qual fazemos um tipo de vida que não teríamos feito: e, no entanto, está longe do coração!» Ao ficarmos mais velhos, adultos, embora fazendo muitas coisas para o Movimento ou em nome do Movimento, Cristo permaneceu longe do nosso coração, pode não ter ainda penetrado no coração. «Eu não considero, com efeito [continua Dom Giussani], que seja uma característica estatisticamente normal que o crescer nos tenha familiarizado mais com Cristo, tenha tornado mais presença para nós aquela “grande ausência” [...]. Não creio».<sup>13</sup>

O que acontece se o facto de ficarmos mais velhos não torna Cristo mais familiar para nós? Penetra em nós uma desmoralização, «não no sentido banal do termo, mas em relação àquela familiaridade com Deus em que reside a essência da vida do homem».<sup>14</sup> Por isso, se a moralidade é «tender a algo maior do que nós, a desmoralização quer dizer a ausência dessa tensão. Insisto em que, como discursos e até como obras – não como mentira, mas até veridicamente –, esta tensão ressurgue, mas não está em última instância *no coração*. Porque o que está em última instância no coração [...] não tem horas nem tem condições que o impeçam [...]. Assim como o eu não pode suspender o seu viver, igualmente, quando o coração é moral, quando o coração não está desmoralizado, então esse tender para o “mais”, para algo

---

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 24.

<sup>12</sup> L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, Bur, Milão 1999, p. 151.

<sup>13</sup> L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., pp. 24-25.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 30.

de mais, é como se nunca diminuísse». Não há tréguas, amigos, porque aqui estamos a falar do coração, não das obras. «O problema está realmente no nosso coração».<sup>15</sup>

Como contrastar esta desmoralização? Neste momento, Dom Giussani renova o destaque ao valor da amizade entre nós, da nossa companhia, da nossa Fraternidade, esclarecendo a sua tarefa: «A nossa companhia deve, acima de tudo, fazer-nos lutar contra esta desmoralização; ela quer ser o principal instrumento contra esta desmoralização».<sup>16</sup>

Mas como é que ela pode ajudar-nos nesta luta, de modo a que Cristo penetre no nosso coração? Vemo-lo com clareza quando acontece.

«Caríssimo Pe. Julián, sou um “retornado” à *Via Sacra*, estive ontem à noite em Caravaggio, depois de anos de esquecimento total da Sexta-Feira Santa. Sempre tive o alibi do trabalho, por isso faltava tranquilamente a este gesto sem nenhuma dúvida. No fundo, não sentia necessidade dele. Este ano, sabe-se lá por quê, arranjei tempo e percebi que a questão é onde se apoia o meu coração. Foi como voltar à origem de tudo. Nos tempos do Tríduo Pascal dos universitários com Dom Giussani, em Caravaggio, foi uma das coisas que me fulminaram, tinha eu vinte anos. E também me “derrubou” ontem, mas com uma dor lancinante, ouvir o coro cantar *Cristo al morir tendea* e a pergunta cheia de sofrimento de Maria: “Vós o deixariais por outro amor?” Marcou-me porque não diz “pelo pecado” ou “pelo mal”, mas “por outro amor”. Hoje de manhã, coloquei-me questões que havia décadas já não me colocava, ou que talvez nunca tenha colocado. Perguntei-me por que a Igreja todos os anos nos volta a propor a Semana Santa. Quantas vezes deixamos passar este tempo como um gesto que, no fundo, não muda nada em nós, na nossa vida, até porque “já sabemos” e não temos nada para pôr em ordem! Esperamos que passe depressa, para nos voltarmos a ocupar de coisas concretas: o trabalho, o dia de pagamento, o marido, os filhos, a casa, o carro, as festas de aniversário, os grupos de Fraternidade (mas em que é que somos irmãos, afinal?), as férias do Movimento ou na praia com os amigos. A Igreja, porém, rompe literalmente o tempo, para reabrir aquela ferida que é a minha humanidade. Porque tu, amiga, marido, mulher, filho e qualquer movimento do meu coração; tu, que és tudo para mim, não viverás para sempre e irás trair-me, e eu irei trair-te e traio-me a mim mesma; tu, a quem eu amo tão profundamente, não és capaz de manter a promessa que, no entanto, suscitaste em mim. Então, onde depositar a esperança que o coração não cessa de pedir? Eis o que nos volta a propor

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 25-26.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 26.

a Igreja todos os anos: descobrir as feridas de todos os dias e, a partir da Quarta-Feira de Cinzas, reconhecermos-nos necessitados de tudo, recolocar-nos na posição mais verdadeira, a mendicância. A resposta não nos é dada, mas impõe-se a um coração mendicante e que corre, numa nova alvada, no terceiro dia».

Eis a tarefa da companhia. Por menos do que isto, não valeria a pena permanecer nela. «A nossa companhia», insiste Dom Giussani, «deve descer mais a fundo, mais no fundo, dizer respeito a nós mesmos, deve dizer respeito ao nosso coração»,<sup>17</sup> ela deve introduzir-nos – como diz a Escola de Comunidade –, impelir-nos a «uma relação profundamente pessoal com Ele»,<sup>18</sup> com Cristo.

Mas, chegando a este nível, esclarece Giussani, ao nível do meu reconhecimento de Ti, ó Cristo, ou seja, ao nível do coração, ninguém pode delegar nos outros uma resposta que só pode ser sua: «Esta é uma responsabilidade [como demonstra a carta que acabamos de ler] [...] que não se pode descarregar na companhia. O coração é a única coisa em que é como se não houvesse parceiros [...]. Se se está numa equipa em que cada um tem um papel, um puxa o outro, e assim é no caso do Movimento, nas atividades do Movimento. Aqui não! Por isso, a nossa companhia terá de ser uma estranha companhia: é como uma companhia sobre a qual não se pode descarregar nada».<sup>19</sup>

### 3. Cristo, esperança de realização

Por que é que Giussani insiste tanto assim na necessidade de que Cristo penetre no coração? A razão é simples: sem Cristo, o coração continua insatisfeito. E a experiência mostra-nos que o coração não se pode enganar, porque é objetivo e infalível. Como nos recorda o primeiro capítulo d' *O sentido religioso*, o coração, como critério de juízo, é objetivo: as exigências originais, com efeito, nós encontramos-las em nós, não podemos manipulá-las, são-nos dadas com a própria vida. Por isso, o coração é infalível como critério: as exigências elementares são infalíveis, tanto é verdade que desmascaram constantemente as reduções e as imagens que fazemos daquilo que deveria responder à sede do coração; o sentido de insatisfação que experimentamos perante o caos pessoal ou familiar, mas também perante um sucesso profissional, é um sinal evidente disto.

<sup>17</sup> *Ibidem*, pp. 26-27.

<sup>18</sup> L. Giussani, *Porquê a Igreja*, Tenacitas, Coimbra 2016, p. 233.

<sup>19</sup> L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 27.

Nesta insistência de Dom Giussani, podemos encontrar toda a sua estima por nós, a sua paixão por cada um de nós. Ele é mesmo a encarnação de uma companhia verdadeira, a de quem nunca desiste de nos chamar a atenção para a única coisa que pode satisfazer o coração. «A ausência de Cristo», com efeito, «demole e deprime, coloca o humano sob a forma estável de depressão. Menos possibilidade da Tua presença, ó Cristo, menos humanidade para o meu coração e o teu coração; menos possibilidade da Tua presença, ó Cristo, menos humanidade no relacionamento do homem com a sua mulher, da mulher com os seus filhos, com [a consequência d'] aquele estender-se substitutivo à afeição verdadeira, ao amor real, à caridade, à gratuidade do dom de si, [que é a] pretensão [...] Menos possibilidade da Tua presença, ó Cristo, e menos possibilidade de humanidade para [...] todas as pessoas que se amontoam em Teu redor»,<sup>20</sup> em nosso redor.

Qual é o contrário da desmoralização do coração e da depressão do humano, que parecem caracterizar o nosso envelhecimento? «O contrário da desmoralização», aquilo de que todos nós precisamos, «é a esperança». Também a nossa amiga nos testemunhava isso. O que Dom Giussani nos diz fica demonstrado de forma impressionante em quem quer que faça uma experiência verdadeira de humanidade, seja leal com o que acontece em sua vida. Mas qual esperança? De que esperança se trata? Da esperança no próprio destino, na própria realização. Mas como é possível, com todos os erros, os fracassos, as contradições, que se repetem, multiplicam e acumulam? «É só onde Deus falou ao homem que esta esperança existe». O conteúdo de tal esperança é de facto aquilo «que o anjo disse a Nossa Senhora: “A Deus nada é impossível”. Creio que isto é tudo. O homem novo que Deus veio despertar no mundo é o homem para quem esta afirmação é o coração da vida: “A Deus nada é impossível”; onde Deus não é o “Deus” dos nossos pensamentos, mas é o Deus verdadeiro, o vivo, vivente, aquele que se tornou homem, Cristo».<sup>21</sup>

Recorda-nos a Bíblia: «Eu sou o Senhor, sou o Deus de todas as criaturas. Haverá alguma coisa que me seja impossível?».<sup>22</sup> «“A Deus nada é impossível”! Esta frase está então, precisamente, no início da história verdadeira da humanidade, está no início da grande profecia do povo de Israel, está no início da história do povo novo, do mundo novo, no anúncio do anjo a Nossa Senhora, e está no início da ascensão do homem novo, está

<sup>20</sup> L. Giussani, *Si può vivere così*. Esercizi Spirituali della Fraternità di CL, Rimini 28-30 abril 1995, suppl. a *Tracce - Litterae Communionis*, junho 1995, p. 22.

<sup>21</sup> L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 28.

<sup>22</sup> Jer 32,27.

no início da perspectiva e dos passos do homem novo. [...] Os apóstolos, perante a frase d'Ele: “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus”, disseram: “Mas quem então poderá entrar no reino dos céus? Quem poderá salvar-se?” E eles não tinham eira nem beira, tinham largado a meia dúzia de coisas que tinham. Jesus respondeu: “Para vós é impossível, mas a Deus nada é impossível”». <sup>23</sup>

Este é o fundamento da esperança, da possibilidade de resgate da desmoralização, de resgate da diminuição dessa inclinação do coração àquilo para o qual é feito: Deus tornou-se homem, Cristo. «Um novo homem entrou no mundo e, com ele, um caminho novo»: <sup>24</sup> o impossível tornou-se possível. O manifesto da Páscoa chama a atenção para isso de modo comovente: «Desde o dia em que Pedro e João correram para o sepulcro vazio e depois O viram ressuscitado e vivo no meio deles, tudo se pode mudar. Desde então e para sempre, um homem pode mudar, pode viver, pode reviver. A presença de Jesus de Nazaré é como a seiva que, a partir de dentro – misteriosamente, mas certamente – torna verde outra vez a nossa aridez e torna possível o impossível: aquilo que não é possível para nós, não é impossível para Deus. De tal forma que, uma humanidade nova apenas insinuada, para quem tem o olhar e o coração sinceros, se torna visível através da companhia daqueles que O reconhecem presente, Deus-connosco. Apenas insinuada humanidade, nova, como o tornar-se verde outra vez da natureza amarga e árida». <sup>25</sup>

Amigos, temos então de pedir ao Espírito a simplicidade de reconhecer Cristo, de «levantar o olhar de nós mesmos para essa Presença» <sup>26</sup> que veio ao nosso encontro, e de deixar que ela penetre no nosso coração, como a alvorada de um novo dia.

Só precisamos de uma simplicidade. «Tudo se remete a ter um coração de criança». O que significa isto? «Levantar o rosto dos próprios problemas, dos projetos, dos próprios defeitos, dos defeitos dos outros, para olhar para Cristo ressuscitado. “Levantar o olhar de si para aquela Presença.” É como se tivesse de passar um vento para varrer para longe tudo o que somos; então o coração fica ou volta a ficar livre, e continua a viver na carne, ou seja, erra como antes [...], mas é como se uma outra coisa tivesse entrado no mundo. Um novo homem entrou no mundo, e, com ele, um caminho novo. “Eis que se abriu um caminho no deserto: não o vedes?” No deserto do mundo abre-se um caminho, ou seja, abre-se a possibilidade de “obras”, mas prin-

<sup>23</sup> L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 29.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 34.

<sup>25</sup> L. Giussani, texto do Manifesto da Páscoa de 2018 de Comunhão e Libertação.

<sup>26</sup> L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 35.



principalmente de *uma obra*. “Obras” são a expressão do humano; “obra” é um humano novo, uma companhia humana nova». <sup>27</sup>

Não há outra possibilidade para reencontrar o entusiasmo do início que possamos ter perdido: «Sem esta simplicidade, sem esta pobreza, sem termos a capacidade de levantar o olhar de nós mesmos para aquela Presença, é impossível uma companhia que remova de si aquele obstáculo último, [...] que se torne verdadeiramente uma ajuda para o caminho até ao destino [...]. É preciso levantar o olhar de mim para essa Presença, para a presença de Cristo». <sup>28</sup> Levantar o olhar de nós mesmos para voltá-lo à Presença d’Ele é a única possibilidade para vivermos a própria vida ganhando-a e para salvarmos a companhia, superando aquele obstáculo último entre nós de que falava Dom Giussani.

Só Cristo é capaz de responder à espera que nos trouxe aqui, como escreve uma de vocês: «Estou à espera dos Exercícios como nunca aconteceu na minha vida!», para citar uma das muitas mensagens que chegaram, cheias desta espera.

No auge da crise de 68, Giussani dizia aos amigos do Centro Péguy: «É muito necessário que um período termine e que outro comece: o definitivo, o maduro, aquele que pode aguentar o choque do tempo, aliás, o choque de toda a história, porque aquele anúncio que começou por impressionar duas pessoas (primeiro capítulo de São João), João e André, há dois mil anos, aquele anúncio, aquela pessoa, é tal e qual o fenómeno que nos atraiu aqui e é o fenómeno que pode fazer com que permaneçamos na Igreja de Deus». <sup>29</sup>

Peçamos a Cristo que nestes dias faça o nosso coração vibrar de afeição por Ele: é a única possibilidade para O conhecermos realmente, de uma forma que não seja conceptual ou intelectual. Identifiquemo-nos então com a invocação que Dom Giussani foi buscar ao *Stabat Mater* atribuído a Jacopodi da Todi, enquanto comenta a versão musical de Dvořák: *Fac ut ardeat cor meum in amando Christum Deum ut sibi complaceream* (faz com que meu coração arda de amor por Cristo Deus para que possa agradá-Lo). «Faz com que tudo arda em mim! Tudo, tudo até ao último fio de cabelo. Faz com que tudo arda em mim, indigno mas feito para cantar: “Te adoro, Redentor”. Que liberdade, que ardor de reconhecimento!» <sup>30</sup>

<sup>27</sup> *Ibidem*, pp. 34-35.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 35.

<sup>29</sup> L. Giussani em A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*, op. cit., p. 427-428.

<sup>30</sup> L. Giussani, «La festa della fede», em *Spirto Gentil. Un invito all’ascolto della grande musica guidati da Luigi Giussani*, organização de S. Chierici e S. Giampaolo, Bur, Milão 2011, p. 289.

Como viram ao entrar no salão, este ano pensámos em propor, em cada entrada, uma breve citação de Dom Giussani relativa ao trecho musical que estamos a ouvir, como ajuda para nos identificarmos mais com o que está a acontecer. Os trechos musicais que propomos, como sabem, não são casuais: Dom Giussani introduziu-nos com o tempo a cada um deles justamente pela força que podem ter ao nos facilitarem o silêncio. Quem observou as imagens de Caravaggio enquanto ouvia o *Fac ut ardeat* terá feito experiência disso. Não é a mesma coisa estarmos distraídos ou usarmos o telemóvel em vez de nos deixarmos levar pelo que está à nossa frente: o prestar atenção é para não reduzir o alcance do que está a acontecer.

Vamos pegar, por exemplo, no que Dom Giussani nos disse de uma obra de Mozart, a *Grande Missa em dó menor*, que tantas vezes ouvimos durante os nossos gestos: «Este lindo canto ajuda-nos a recolher-nos num silêncio agradecido, de modo que pode nascer no coração, pode desabrochar no coração a flor do “sim” pelo qual o homem consegue agir, consegue tornar-se colaborador do Criador [...]: amante do Criador. Assim como foi para Nossa Senhora [...]: uma relação sem fim preenchia o seu coração e o seu tempo. Se a intensidade religiosa da música de Mozart – uma genialidade que é dom do Espírito – penetrasse no nosso coração, na nossa vida, com todas as suas irrequietações, contradições e dificuldades, seria bela como a sua música».<sup>31</sup>

Eu, com vocês, desejo deixar-me educar cada vez mais pelo carisma a viver o silêncio, *este* silêncio, que é o «sermos preenchidos no coração e na mente pelas coisas mais importantes», pela Presença mais decisiva para a vida. «O silêncio [...] coincide com o que nós chamamos de memória.» Nestes dias que vamos viver juntos, «a memória será favorecida pela música que vamos ouvir ou pelos quadros que vamos ver [nos ecrãs]; assim nos disporemos a olhar, a ouvir, a sentir com a mente e com o coração o que de alguma forma Deus nos vai propor»,<sup>32</sup> para nos deixarmos levar, tomar por Ele.

Todas as tentativas que fazemos – a escolha de uma determinada música, dos cantos e das imagens – são para aprendermos a dar espaço a um Outro, que ademais é a única grande razão que pode ter-nos trazido aqui hoje.

Peço-vos, por isso, uma atenção particular ao silêncio nestes dias, nos trajetos de e para os hotéis, à entrada e à saída dos salões. O gesto que vamos viver depende muito do contributo de cada um de nós: peço, por mim e por todos nós, que não desperdicemos esta ocasião.

<sup>31</sup> L. Giussani, «Il Divino incarnato», em *Spirto Gentil...*, op. cit., p. 55.

<sup>32</sup> L. Giussani, *Dare la vita per l'opera di un Altro*, *Esercizi Spirituali della Fraternità di CL*, Rimini 8-10 maio 1992; suppl. a *CL-Litterae Communionis*, n. 6, 1992, p. 5.

# SANTA MISSA

*Liturgia da Santa Missa: At 13,26-33; Sal 2; Jo 14,1-6*

## HOMILIA DO PADRE STEFANO ALBERTO

Naquela noite em que, antecipando o sacrifício total da sua morte e a glória da sua ressurreição, se doa inteiramente, o seu corpo como alimento e o seu sangue como bebida, Jesus encontra a resistência, a desmoralização, a estranheza dos seus. Mas usa a pergunta de Tomé – «Senhor, nós não sabemos para onde vais. Como podemos conhecer o caminho?» – para uma incrível, genial e definitiva manifestação da Sua ternura, da Sua paixão pelo destino do homem. Ele diz, evidentemente: «Eu sou a verdade». Diz também: «Eu sou a vida». Mas antes – e isso homem algum jamais dissera e jamais algum poderia ter dito depois d’Ele: «Eu sou o caminho», que significa: «Eu sou esta iniciativa de comunhão, esta presença cheia de paixão pelo teu destino. Não sou só o caminho: eu sou companhia ao longo do caminho, a cada passo do caminho». É o que está a acontecer nesta noite, neste momento, vinte e um séculos depois. «Eis que faço uma coisa nova: não o notais?»

# *Sábado 28 de abril, manhã*

*À entrada e à saída:*

*Wolfgang Amadeus Mozart, Grande Missa em dó menor, K 427*

*Herbert von Karajan – Berliner Philharmoniker*

*“Spirto Gentil” n. 24, Deutsche Grammophon*

*Angelus*

*Laudes*

## ■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO

**Julián Carrón**

### **«Nós conhecemos e acreditamos no amor que Deus tem por nós!»**

Há uma «viagem»<sup>33</sup> que temos de fazer para chegarmos ao conhecimento de Cristo no sentido bíblico do termo – como dizia Dom Giussani –, se não quisermos continuar paralisados no obstáculo provocado pela distância entre o nosso coração e Ele.

Digamos logo qual é a perspectiva que Jesus põe diante dos nossos olhos. Aonde quer nos levar? Ouvimo-lo no *Regina Coeli* de Domingo passado: «Conheço as minhas ovelhas, e elas conhecem-me, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai».<sup>34</sup> Comentando estas palavras, o Papa Francisco dizia: «Jesus não fala de um conhecimento intelectual, não, mas de um relacionamento pessoal, de predileção, de ternura recíproca, reflexo da mesma íntima relação de amor entre Ele e o Pai».<sup>35</sup> Menos do que isto, não é conhecimento de Cristo e do Pai. Jesus quer levar-nos, as Suas ovelhas, ao mesmo conhecimento, ao mesmo nível de intimidade que Ele, o Pastor, tem com o Pai. É esse o objetivo.

Que caminho o Mistério usa para nos conduzir a semelhante conhecimento? «Deus é tudo em tudo», o Senhor é tudo, lembrou-nos muitas vezes Dom Giussani. «O Senhor é tudo não por força de um sentimento nosso, porque “sentimos” que é tudo; não por força de um ato de vontade,

<sup>33</sup> C. Chieffo, «Il viaggio», *Cancioneiro*, Gráfica de Coimbra 2005, p. 201.

<sup>34</sup> Jo 10,14-15.

<sup>35</sup> Francisco, *Regina Coeli*, 22 de abril de 2018.

porque “decidimos” que seja tudo; não de forma moralista, porque “tem” de ser tudo, mas por natureza». <sup>36</sup> Esta é a verdade, que é verdade desde o início. Ela em si é clara e não depende do nosso sentimento, da nossa vontade, da nossa decisão. Mas pede para ser descoberta pelo homem, conhecida no sentido que mencionamos, para que chegue a plasmar a vida. Como é que, então, pode penetrar no coração? Só acontecendo.

Esta é a condição do conhecimento no sentido bíblico do termo: um acontecimento. Que o Senhor seja o Senhor, isto é, que Deus seja tudo para o homem, que Ele seja familiar à vida das Suas criaturas, não se tornou evidente, com efeito, em virtude de uma reflexão, como conquista de um “saber”, mas de outra maneira, que inverte a direção: Deus revela-se Senhor do homem através da história, intervindo nela. Escreve Dom Giussani: «O facto de que o Senhor seja tudo por natureza [...] não veio à tona como fruto de uma sabedoria, não saiu de uma reflexão filosófica. O facto de que o Senhor seja o Senhor [...] apareceu como evidência dentro de uma intervenção Sua na história, através de um Seu revelar-se histórico». <sup>37</sup>

A história bíblica – uma história precisa, particular, constituída por factos e palavras pontuais – é a prova desse revelar-se de Deus. A historicidade torna-se então a dimensão fundamental do comunicar-se de Deus. É exatamente como o que aconteceu connosco, dentro desta «história particular» que é o Movimento.

Ouçam como Dom Giussani recorda o seu início, sabendo até precisar a hora: «Lembro-me como se fosse hoje: liceu clássico Berchet, 9 horas da manhã, primeiro dia de aulas, outubro de 1954. Lembro-me do sentimento que tinha enquanto subia os poucos degraus da entrada do liceu: era a ingenuidade de um entusiasmo, de uma ousadia [...]. Revejo-me naquele momento, com o coração todo inflado com o pensamento de que Cristo é tudo para a vida do homem, é o coração da vida do homem: aqueles jovens tinham de começar a ouvir e aprender este anúncio, para a felicidade deles. [...] Digo estas coisas pois constituem o único motivo, o único objetivo e a única raiz da qual o nosso movimento nasceu. E se o nosso movimento atravessou momentos de debandada, de superficialidade ou distração, foi exclusivamente pelo fato de ter-se enfraquecido ou esquecido este único tema de todo o nosso esforço e de toda a nossa iniciativa. Um grande entusiasmo, portanto». <sup>38</sup>

<sup>36</sup> L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, Cia. Ilimitada, São Paulo 1996, p. 26.

<sup>37</sup> *Ivi.*

<sup>38</sup> L. Giussani, *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, organização de C. Di Martino, EDIT-Il Sabato, Roma 1993, pp. 336, 338.

No início desta história particular reside o método de cada momento do percurso seguinte. Mas, justamente porque a verdade se tornou presente segundo este método – um revelar-se histórico –, na história ela pode perder a sua evidência, o seu fulgor, pode enfraquecer-se ou ser esquecida. A razão disto foi-nos lembrada por Bento XVI na *Spe salvi*: «Um progresso por adição só é possível no campo material [...] Mas, no âmbito da consciência ética e da decisão moral, não há tal possibilidade de adição, simplesmente porque a liberdade do homem é sempre nova e [...] deve ser incessantemente conquistada para o bem. A livre adesão ao bem nunca acontece simplesmente por si mesma».<sup>39</sup>

Quem é que, quando decai, nos momentos mais lúcidos não surpreende em si mesmo o desejo de ser novamente tomado? Como é que isso pode acontecer? Para responder, nada pode ajudar-nos mais do que a nossa identificação com Deus, com a trepidação de Deus, que quer atrair-nos para que a vida de cada um de nós não se perca, e que usou toda e qualquer circunstância da história de Seu povo para dar-se a conhecer cada vez mais. Voltemos por isso ao início, para aprendermos de novo o que julgávamos já saber.

Não consegui reler as páginas de von Balthasar, d’*O compromisso do cristão no mundo*,<sup>40</sup> recentemente reeditado, sem ter debaixo de olhos a urgência deste retorno às origens. Talvez a consciência, amadurecida em tantas ocasiões, de que não adianta já saber ou ter experimentado alguma coisa num dado momento para que esta continue presente, nos torne mais disponíveis, mais atentos a deixar-nos surpreender pela forma como Deus fez e faz as coisas.

## 1. O início: um ato de eleição

«Todos os povos antigos têm os seus deuses, mas o deus de Israel distingue-se de todos os outros pelo facto de, em primeiro lugar, criar com um ato de eleição, único, [...] o povo que o adora. [...] Nos primórdios de tudo está antes de tudo a livre iniciativa divina [...]. “O Senhor compadeceu-se de vós e escolheu-vos, não porque éreis um povo mais numeroso do que todos os outros povos [...], mas porque o Senhor vos ama”».<sup>41</sup>

É através da experiência de ser escolhido que se pode conhecer a Deus. Expressa-o de maneira luminosa o diálogo de Moisés com Deus: «E contu-

<sup>39</sup> Bento XVI, Carta encíclica *Spe salvi*, 24.

<sup>40</sup> H.U. von Balthasar - L. Giussani, *L’impegno del cristiano nel mondo*, Jaca Book, Milão 2017.

<sup>41</sup> H.U. von Balthasar, «Significato dell’antica Alleanza», in *ibidem*, p. 31.

do dissestes-me [diz Moisés dirigindo-se a Deus]: “Conheço-te pelo nome e achaste graça aos meus olhos”. Se é verdade que achei graça aos Vossos olhos, revelai-me as Vossas intenções e que eu Vos conheça a fim de achar graça aos Vossos olhos». <sup>42</sup>

Conhecer significa achar graça aos Seus olhos, ser preferido por Ele: «Disse-lhe o anjo: “Não tenhas receio, Maria, pois achaste graça diante de Deus”». <sup>43</sup> É a preferência, a iniciativa que Deus toma, e não uma capacidade do homem aquilo que fundamenta a possibilidade de conhecê-Lo e de conhecer-se. Cada um de nós, o rosto de cada um de nós «é» esta preferência, este gesto absolutamente único de preferência. Como diz von Balthasar: «O amor que Deus me dirige faz de mim o que eu sou em verdade e definitividade: estabelece o Eu que Deus quer ver na Sua frente e ter para Si, dirigido a Si. O amor que escolhe torna pessoa irrepetível o vago “Sujeito” ou “Indivíduo” que o homem seria em si mesmo. Deus é absolutamente único e, enquanto me concede o Seu amor que escolhe, nesse raio torna-me único também a mim». <sup>44</sup> Que impressionante ouvir dizer estas coisas!

«A livre escolha e iniciativa de Deus são [portanto] a forma concreta com que a graça aparece entre os homens. Poder-se-ia crer que esta imotivada, soberana ação de Deus a caracterize como um poder soberano arbitrário e com isso reduza o homem a servo condenado à mera obediência, mas a livre escolha não é acima de tudo demonstração de poder, mas de amor». A finalidade da Sua graça não é tornar o homem escravo de um novo poder, mas a sua libertação. «A ação de Deus é a minha libertação. Que Ele me tenha livrado da casa da escravidão do Egito não pode ter a finalidade de me conduzir a uma nova escravidão, na submissão a Javé, mas sim conduzir-me, pelo seguimento do Deus livre, à minha [...] liberdade. O fundamento da eleição: a liberdade de Deus tem de coincidir com a finalidade da eleição, que é a participação na própria liberdade de Deus». <sup>45</sup>

Como é que o homem faz – isto é, cada um de nós – para verificar se estas são palavras deitadas ao vento ou se é verdade que a finalidade da iniciativa de Deus é a própria libertação? A resposta a esta pergunta caracteriza a revelação de Deus na história: a verificação da promessa de libertação feita por Deus é a nossa participação na própria liberdade de Deus. Eu sei que conheço a Deus porque me torna livre. Mas com uma

---

<sup>42</sup> Ex 33,12-13.

<sup>43</sup> Lc 1,30.

<sup>44</sup> H.U. von Balthasar, «Significato dell’antica Alleanza», in *Ibidem*, p. 38.

<sup>45</sup> *Ibidem*, p. 32.

condição: acolhê-lo. É preciso a minha resposta, o meu acolhimento da Sua preferência, pois a minha liberdade não pode dar-se sem mim. Para me libertar, Deus precisa da minha liberdade. «Se o facto da escolha de Deus é em primeiro lugar tal amor insondável, a resposta que espera, aliás, de que precisa, é [...] um “sim” que segue e obedece com docilidade e disponibilidade, [...] e em contrapartida, reconecedor do amor.» E só reconhecendo a escolha é que o povo de Israel poderá ver o cumprimento da promessa: «Deus conduzirá o povo para fora do Egito, fã-lo-á atravessar o mar, fará os perseguidores afogar-se, nutri-lo-á e saciá-lo-á milagrosamente no deserto. Passará como nuvem de fogo e de fumaça indicando-lhe as paragens: onde e quando a nuvem parar, lá o povo terá de acampar; quando se puser em movimento, terá de desmontar as tendas e prosseguir seguindo sempre a Deus». É impensável que os dois factores possam, em algum momento, inverter-se, e «que Israel assuma o comando e Deus siga atrás do povo. Docilidade e entendimento dos caminhos do Deus que faz a escolha são os primeiros dotes que se exigem de Israel. [...] Toda a obediência é educação para essa liberdade. “Sede santos como Eu sou santo”, bem compreendido [...] significa: “Sede livres como Eu sou livre”». Ser santos, ser livres significa então «depositar livremente a própria confiança na liberdade de Deus». <sup>46</sup> É a condição pedida pelo Senhor para sermos verdadeiramente livres.

Mas isto implica, observa sabiamente von Balthasar, que o início não pode nunca tornar-se passado. O início é «a fonte da qual nunca podemos afastar-nos. Mesmo depois, logo a seguir, quando já existirem as consequências, a premissa não poderá ser esquecida nem sequer por um segundo. A nossa liberdade é inseparável do termos sido libertados». <sup>47</sup>

A nossa liberdade é inseparável do termos sido constantemente libertados, tanto ontem como hoje: «Caro Carrón, acabo de passar por um período complicado. Houve um momento em que pensei que seguir Cristo já não servia para nada e me afastei, achando que no fundo nada mudaria. Mas depois comecei a viver mal, tudo era insuficiente. E não é que eu não me apercebesse de todo aquele mal-estar e da minha tristeza, mas tinha medo de admiti-lo. Tinha medo de admitir que, no fundo, eu só preciso de senti-Lo presente na minha vida, preciso d’Ele para aceitar circunstâncias que só têm de ser acolhidas. Não te estou a falar de uma aceitação resignada da realidade. Falo de uma maneira nova de encarar novas circunstâncias. Assim cedi, voltei e comecei a viver de novo. Se esta companhia falta, se

---

<sup>46</sup> *Ibidem*, pp. 32-33.

<sup>47</sup> *Ibidem*, p. 33.



Cristo presente falta, é impossível viver». Separados d'Ele, a nossa vida fica arruinada.

No momento em que nos assenhoramos da nossa liberdade, esquecendo que nos é dada momento a momento, nós perdemo-la, porque ela é inseparável do facto de sermos libertados. É isto o que nunca podemos esquecer. «Quando o Senhor, teu Deus, te instalar na terra que jurou a teus pais dar-te [...] guarda-te de esqueceres o Senhor que te tirou da terra do Egipto, da casa de servidão».<sup>48</sup> Toda a intenção pedagógica de Deus é precisamente a de conduzir o povo a esta consciência: a nossa liberdade é inseparável do sermos constantemente libertados; por isso dessa nascente, que é a Sua ação, a Sua preferência, a Sua presença, nunca podemos afastar-nos. Como mudaria tudo se tivéssemos consciência disto!

Se não identificarmos o método de Deus, se não reconhecermos o nexó entre a nossa experiência de liberdade e a Sua iniciativa, inevitavelmente nos afastaremos da origem. Como? Dando-a por adquirida, tratando-a como algo já sabido. Mas o que é que fazemos com o já sabido diante das circunstâncias que nos perseguem? Damo-nos conta, porém, de que a tentação kantiana é também a nossa: afastar-se da fonte, reduzindo a vida cristã a doutrina cristalizada ou a ética.<sup>49</sup> Mas a vida cristã é sempre um dom gratuito, livre, de Deus para nós, nasce sempre de novo da Sua iniciativa presente, do Seu reacontecer agora; e afastarmo-nos dessa fonte, reduzindo-a ao que temos na cabeça, às nossas interpretações, significa voltarmos à escravidão, querendo ou não. Por isso, como dizíamos ontem citando Dom Giussani, o erro fundamental é dar por adquirida a fé, dar por adquirido o ponto de origem de toda a novidade que experimentamos na vida.

Sucumbe continuamente a esta tentação também o povo de Israel. Em vez de acompanhar a obra de Deus no presente, seguir as Suas indicações, decide agir por conta própria. É um consolo ver que, exatamente como nós, o povo de Israel teve de aprender, passo a passo, caindo continuamente, o método de Deus. É muito iluminador o caso do rei Saul. Totalmente determinado pelo medo com a iminente vitória dos filisteus, decide não esperar o profeta Samuel, como Deus lhe ordenara, e oferece ele mesmo o sacrifício. A situação é urgente, os inimigos estão a derrotar o povo, e então ele procede! Ao chegar, Samuel repreende Saul: «Procedeste nesciamente,

<sup>48</sup> Cf. Dt 6,10-12.

<sup>49</sup> «Pode-se, de facto, tranquilamente acreditar que, se o Evangelho não tivesse ensinado primeiro as leis éticas universais na sua pureza integral, a razão não as teria conhecido na sua plenitude, se bem que agora, *dado que já existem*, cada um pode ficar convencido da sua correção e validade mediante apenas a razão» (E. Kant, «Lettera a F.H. Jacobi, 30 de agosto de 1789», in Id., *Questioni di confine*, Marietti 1820, Génova 1990, p. 105).

não observando o mandamento que te deu o Senhor, teu Deus». <sup>50</sup> Saul não percebeu. Partindo da sua análise da situação, achava que já entendera o sentido do mandamento do Senhor, mas tinha-se esquecido de que o protagonista era Outro. A Deus, com efeito, não interessava o sacrifício, mas sim que o povo começasse a perceber e a confiar n'Ele.

É este o critério que permite verificar se o povo de Israel parte do acontecimento que se deu entre eles – a preferência de Deus, a Sua iniciativa para com eles – ou de uma impressão das coisas: como encara o real. A sua história mostra que, em muitas ocasiões, a presunção de poder abrir por conta própria o caminho para a liberdade os levou inexoravelmente para a escravidão. Também é válido para nós. A comparação é imediata, e é experimentável na nossa pele: pretender abrir caminho para a liberdade a partir das nossas impressões ou análises conduz-nos sempre a alguma forma de escravidão. <sup>51</sup>

## 2. «Por estes factos saberás que eu sou o Senhor»

Como é que o Senhor se dá a conhecer até ao ponto de entrar nas entranhas do povo, tornando-se familiar? Através de um método bem concreto: uma iniciativa contínua na história, que tem como objetivo fazer saber quem Ele é, não em termos de uma definição teórica, mas como Presença real, que toma conta do Seu povo. É marcante como a Bíblia vincula a experiência do povo de Israel ao conhecimento de Deus. Nenhuma abstração, nenhuma cristalização em doutrina, mas uma promessa que se torna realidade histórica. Trata-se de experiência pura, verificada, pois a experiência não é tal se não chegar até ao reconhecimento da origem que a torna possível.

Deus dirige-se a Moisés: «Diz, portanto, aos filhos de Israel: “Eu sou o Senhor”». Como podem ver, como podem reconhecer isso? Eis a resposta: «Livrar-vos-ei dos trabalhos forçados impostos pelos egípcios, libertar-vos-ei da escravidão, salvar-vos-ei do braço estendido e manifestarei uma imensa justiça. Farei de vós o Meu povo e serei o vosso Deus, e sabereis, então, que eu sou o Senhor vosso Deus, que vos libertará da opressão dos egípcios. Conduzir-vos-ei até entrardes na terra que jurei dar a Abraão, a Isaac e a Jacó; e vo-la darei em possessão, eu, o Senhor». <sup>52</sup> No cumprimento da promessa, o povo tem a verificação de quem é verdadeiramente Deus: «Eu sou o Senhor teu Deus, que te fez sair do país Egito, da casa da escravidão». <sup>53</sup>

<sup>50</sup> 1Sam 13,13.

<sup>51</sup> Cfr. H.U. von Balthasar, «Significato dell'antica Alleanza», in *Ibidem*, pp. 33-34.

<sup>52</sup> Ex 6,6-8.

<sup>53</sup> Dt 5,6.

É isto o que Israel aprendeu por experiência e deve guardar. Deus, com efeito, convida cada membro do povo a «guardar na memória [...] os prodígios que realizei no meio deles. Assim reconhecereis que eu sou o Senhor!». <sup>54</sup> É só julgando esta ação de Deus, reconhecendo-a e conservando-a viva na memória, que ela poderá determinar a ação de cada um e de todo o povo, constituir a origem do pôr-se diante de tudo. Toda a ética, de facto, toda a forma de pôr-se diante do real, «nasce necessariamente do fundamento religioso», ou seja, dessa ação de Deus. Porque «não é a minha relação com Deus, mas sim a relação de Deus em relação a mim. A Sua ação salvífica fundamenta tudo, e esse tudo inclui simultaneamente a mim e ao meu povo». <sup>55</sup>

Por isso a liberdade do povo exprime-se numa resposta que nasce sempre diante da iniciativa de Deus e encontra nela sua origem: «Porque Eu sou o Senhor que vos fez sair do Egito, para ser o vosso Deus, sereis santos, porque eu sou santo». <sup>56</sup> Um convite que, como alertava von Balthasar, significa: «Sede livres como eu sou livre». Uma vez que Deus se demonstrou tão verdadeiro, real, incidente, até ao ponto de dar cumprimento à Sua promessa de libertação, o povo de Israel foi libertado da idolatria e pode ser livre: «Não vos volteis para os ídolos», não tendes necessidade, «nem façais para vós divindades de metal fundido. Eu sou o senhor vosso Deus». <sup>57</sup>

Há mais um ponto que não nos deve escapar: o conhecimento de Deus não se dá apesar da rebelião do povo, mas passando por ela. O Senhor dá-se a conhecer justamente respondendo à rebelião e ao esquecimento, como aconteceu diante das murmurações de Israel. Deus usa essa ocasião para desafiar o seu povo com uma nova iniciativa: «Ouvi as murmurações dos filhos de Israel [diz a Moisés]. Dir-lhes-ás: “Esta tarde, ao anoitecer, comereis carne, e amanhã saciar-vos-eis de pão. E, assim, ficareis a saber que Eu sou o Senhor, vosso Deus”». <sup>58</sup> É a forma constante através da qual Deus se dá a conhecer ao seu povo. Daqui «saberão que Eu, o Senhor, sou o seu Deus, que os tirei da terra do Egito». E logo a seguir acrescenta: «Para habitar no meio deles; eu, o Senhor, seu Deus!». <sup>59</sup>

A finalidade é que a Sua presença se torne familiar – «morar no meio deles» – porque só o conhecimento progressivo de Deus, uma certeza cada vez maior da Sua presença, é que lhes permitirá enfrentar as circunstâncias

<sup>54</sup> Ex 10,2.

<sup>55</sup> H.U. von Balthasar, «Significato dell’antica Alleanza», in *Ibidem*, p. 38.

<sup>56</sup> Lv 11,45.

<sup>57</sup> Lv 19,4.

<sup>58</sup> Ex 16,12.

<sup>59</sup> Ex 29,46.

sem medo: «Porque eu sou o Senhor [...] e digo: “Não temas!”». <sup>60</sup> Mas ninguém deixa de temer só porque alguém lhe diz: «Não temas!». É preciso que tal presença tenha entrado nas entranhas do seu eu e tem de tratar-se de uma presença que se demonstrou credível no seio de uma história. Só uma história vivida pode constituir, com efeito, a base adequada da confiança. Tudo o que Deus fez e faz é «para que saibas que eu sou o Senhor» e possas confiar n’Ele. Senão, são palavras lançadas ao vento.

Em virtude de uma verificação contínua, o povo chega portanto a conhecer cada vez mais quem é o seu Senhor: «Dar-te-ei tesouros enterrados, riquezas escondidas, para que saibas que eu sou o Senhor, o Deus de Israel, que te chamou pelo teu nome». <sup>61</sup> Deus esbanja tesouros e riquezas para Seu povo, para que este saiba que Ele é o Senhor, para que possa conhecê-Lo cada vez mais por aquilo que é e familiarizar-se com Ele, abandonando-se Ele com confiança. E, por outro lado, é a própria familiaridade com Ele que torna acessíveis profundidades novas, escondidas para a maioria, na relação com a realidade.

Infelizmente o povo de Israel muitas vezes não compreende, demonstra-se cego e obtuso. Como diz a comparação usada pelo Senhor: «O boi conhece o seu proprietário e o jumento, o estábulo do seu dono; mas Israel não conhece nada, o Meu povo não tem entendimento!». <sup>62</sup> O povo de Israel não entende, endurece continuamente na sua presunção, cede à tentação de agir por conta própria. Deus conhece muito bem as suas criaturas e sabe que se a Sua ação, a Sua iniciativa, não atingir o coração, ficará fora do homem, e este, por conseguinte, não O conhecerá por experiência – uma experiência íntima, pessoal, profunda, que já não possa ser apagada, que chegue a determinar a sua forma de viver o real. Por isso, para fazer frente a esse obstáculo, Ele toma uma nova iniciativa: «Dar-lhes-ei um coração para que me conheçam, e saibam que Eu sou o Senhor. Eles serão o Meu povo e Eu serei o seu Deus, porque de todo o coração se converterão a Mim». <sup>63</sup> Assim «reconhecerão que Eu sou Senhor, seu Deus. Dar-lhes-ei, então, um coração apto para compreender e ouvidos para ouvir». <sup>64</sup>

Deus estabelecerá com o Seu povo uma nova aliança, que chegue até ao coração: «Esta será a aliança que estabelecerei com a casa de Israel, – oráculo do Senhor: imprimirei a Minha lei no seu íntimo e gravá-la-ei no seu

---

<sup>60</sup> Is 41,13.

<sup>61</sup> Is 45,3.

<sup>62</sup> Is 1,3.

<sup>63</sup> Jer 24,7.

<sup>64</sup> Bar 2,31.

coração». <sup>65</sup> «Dar-vos-ei um coração novo e infundirei em vós um espírito novo», <sup>66</sup> um coração que se deixe invadir e determinar pela Sua presença.

O povo de Israel poderá reconhecer a novidade dessa aliança pela novidade dos seus frutos, de acordo com o método com que Deus os educou a reconhecê-Lo presente; pelos frutos saberão quem é o Senhor. «Nesse dia farei brotar uma haste na casa de Israel e te darei licença de abrires a boca no meio deles; saberão que eu sou o Senhor». <sup>67</sup> «Meu povo, vou abrir os vossos túmulos; tirar-vos-ei deles e vos restabelecerei na terra de Israel. Sabereis então, que Eu é que sou o Senhor, ó Meu povo, quando tiver aberto os vossos túmulos e vos tiver levantado deles», <sup>68</sup> de modo que já não vivereis as circunstâncias como uma tumba.

Deus toma uma iniciativa nova para derrotar o formalismo com que o povo se relaciona com Ele. «O Senhor disse: “Este povo aproxima-se de Mim só com palavras, e honra-Me só com os lábios, enquanto o seu coração está longe de Mim, visto que o temor que ele Me testemunha é convencional e rotineiro; por causa disto, continuarei a usar com este povo de prodígios estranhos, diante dos quais perecerá a sabedoria dos sábios e será confundida a prudência dos prudentes”». <sup>69</sup> Se a relação com Deus é formal – com palavras e com os lábios –, o povo não conhece o Senhor; o seu coração, que é o órgão de conhecimento e adesão, fica longe d’Ele; a relação com Ele fica reduzida a obrigações convencionais e rotineiras. Impressionante! Mas isto não detém o Senhor, que toma novamente a iniciativa – «Continuarei a usar com este povo de prodígios estranhos» –, de tal modo que o espanto seja novamente possível, e assim Israel O conheça de verdade e possa confiar n’Ele. A via não será a dos «sábios» e dos «prudentes». «Perecerá a sabedoria dos sábios e será confundida a prudência dos prudentes».

Estamos no alvorecer de um novo dia.

### 3. «Radicalização» do compromisso de Deus com o homem

O que Deus fez para nos ajudar a vencer o formalismo, esta distância em que o nosso coração O mantém e a que tantas vezes sucumbimos? O que fez para facilitar o conhecimento d’Ele? Tomou uma iniciativa ousada: envolveu-se com o homem ao ponto de tornar-se Ele próprio homem. É o

---

<sup>65</sup> Jer 31,33.

<sup>66</sup> Ez 36,26.

<sup>67</sup> Ez 29,21.

<sup>68</sup> Ez 37,12-13.

<sup>69</sup> Is 29,13-14.

acontecimento da Encarnação. Em Jesus, Deus tornou-se uma «presença afetivamente atraente»,<sup>70</sup> a ponto de desafiar como ninguém o nosso coração. Basta ao homem ceder à atração vencedora da Sua pessoa. Assim como acontece com o apaixonado: é a presença fascinante da pessoa amada que desperta nele toda a sua energia afetiva; basta-lhe ceder ao fascínio de quem está à sua frente. Eis por que os discípulos logo se apegaram a Jesus. E, quanto mais estavam com Ele, mais se apegavam. Mas o apego deles «não era um apego sentimental», sempre nos disse Dom Giussani, «não era um fenômeno emocional». Era «um juízo de estima [...], uma maravilha de estima»,<sup>71</sup> o que os fazia apegar-se.

«Jesus era um homem como todos os outros, era um homem sem possibilidade de exceção à definição de homem; mas aquele homem disse de si coisas que outros não diziam, falava e agia de uma maneira diferente da de todos. Sinal de todos os sinais. A sua realidade, uma vez conhecida, era sentida, olhada e tratada, por quem fora golpeado pela sua pretensão, como sinal de outra, remetia para outra coisa. Como fica claro no Evangelho de João, Jesus não concebia a sua atração sobre os outros como uma referência última a si, mas ao Pai: a si para que Ele pudesse conduzir ao Pai».<sup>72</sup> Foi assim que Deus se deu a conhecer e continua a dar-se a conhecer. Jesus di-lo sinteticamente: «Acreditai que estou no Pai, e o Pai em Mim: crede-me, ao menos, por causa das mesmas obras».<sup>73</sup>

Jesus insere-se naquela história da salvação em que o povo foi educado por Deus a reconhecer, através das Suas obras, que Ele é o Senhor. O grande exegeta Schlier explica por que esse reconhecimento não é mecânico, mesmo com a nova e inaudita aproximação de Deus ao homem em Jesus: «As ações portentosas de Cristo, nas quais se manifestam as obras de Deus, essas ações ou obras são “sinais” em que o episódio remete a outra coisa que o transcende e em que ocorre concomitantemente revelação e velamento, de modo a só poderem ser reconhecidos por quem compreende o seu caráter de manifestação, isto é, por quem apreende a glória de Deus que se manifesta nos mesmos episódios. Assim a multidão alimentada milagrosamente reconheceu em Cristo, com o prodígio, o “profeta” que “deve vir ao mundo” (Jo 6,14) e por isso quer fazê-Lo rei”. Mas Cristo diz dessa multidão: “Em verdade, em verdade, vos digo: estais me procurando não porque vistes sinais, mas porque comestes pão e ficastes saciados” (6,26). Eles, que tinham visto

<sup>70</sup> L. Giussani, *L'autocoscienza del cosmo*, Bur, Milão 2000, p. 247.

<sup>71</sup> L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, op. cit., IX.

<sup>72</sup> L. Giussani, *L'uomo e il suo destino. In cammino*, Marietti 1820, Génova 1999, p. 129.

<sup>73</sup> Jo 14,11.

com seus olhos o sinal (a ação milagrosa de Cristo), não o reconheceram *como* sinal, como referência a outro sacramento e a outro pão». <sup>74</sup> Não bastava verem Jesus realizar um prodígio para compreenderem, como tantas vezes acontece também a nós.

Querendo introduzir-nos a tal compreensão, o próprio Jesus nos oferece o significado verdadeiro, completo, das Suas ações. De facto, Schlier escreve: «As obras de Cristo, sendo milagres, quer dizer, sinais, estão estreitamente ligadas às palavras do próprio Cristo. [...] O milagre desemboca na palavra. A palavra afunda as suas raízes no milagre. [...] Tanto as palavras como as ações são “testemunhos”. [...] De ambos, das obras e das palavras de Cristo, diz-se que manifestam (2,11; 9,3; 17,6)». O quê? O próprio Cristo. «Com as palavras e os milagres, Cristo manifesta, no fundo, a si mesmo. As suas palavras e os seus milagres são revelação de si. [...] “As obras que eu faço em nome do meu Pai dão testemunho de mim” (10,25; cf. 5,36)». Cristo «dá testemunho de si e, em si, do Pai». <sup>75</sup>

O testemunho de Jesus atinge o seu auge na Sua doação ao Pai pelo mundo. «Quando tiverdes elevado o Filho do Homem, então sabereis que “eu sou”...» E aquele «Eu sou o Senhor» – que vimos repetir-se tantas vezes no Antigo Testamento – quem o diz agora é Alguém em cima da cruz, que acrescenta: «Por Mim nada faço, mas conforme o Pai Me ensinou é que falo». <sup>76</sup> Esta é a suprema manifestação do Senhor, que torna possível conhecer Deus no sentido bíblico do termo.

A convivência tornou Jesus tão familiar aos discípulos que no fim O reconhecem. Quando se senta para comer com eles na margem do lago, depois da ressurreição, João anota no seu Evangelho: «Nenhum dos discípulos se atrevia a perguntar-Lhe: “Quem és tu?”, por saberem que Jesus era o Senhor». <sup>77</sup>

Pelo dom de Si até à morte, chega ao seu auge o compromisso extremo de Deus com o mundo. A radicalidade de tal compromisso pode ver-se pelo tipo de liberdade completamente novo que esse mesmo compromisso possibilita. «Do compromisso definitivo de Deus com o homem em Jesus resulta a libertação definitiva da qual nos falamos João e Paulo: “...a liberdade não só em relação aos poderes políticos, bem como em relação a todos os poderes cósmicos do destino, à limitação do pecado, ao alienar-se de Deus, à limitação de defender-se, de agredir, de assassinar, à decadência no que é vão,

<sup>74</sup> H. Schlier, *Riflessioni sul Nuovo Testamento*, Paideia Editrice, Brescia 1976, pp. 334-335.

<sup>75</sup> *Ibidem*, pp. 335-336.

<sup>76</sup> Jo 8,28.

<sup>77</sup> Jo 21,12.

efêmero e, enfim, à morte”: todos estes poderes ficam “paralisados”, “fora de jogo”, “sem poder” na sua força agente», pela ação e pela atração vencedora de Outro. «E isto era possível – continua von Balthasar – só quando eram superados, não de fora ou do alto, mas de dentro, pelo facto de que Deus se esvaziou a si mesmo no Filho, tornando-se obediente até à morte».<sup>78</sup>

A nova liberdade doada coloca em evidência a diferença entre a libertação política do Egito e esta libertação sem comparação, muito mais profunda do que a inicial, pois diz respeito a todos os poderes, desde o do pecado e do efêmero, até ao da morte. É isto o que testemunha a diferença de conhecimento sem fim a que fomos introduzidos. Por isso von Balthasar sublinha que «o compromisso de Deus “connosco” não está só numa comunicação externa, desconhecida por nós mesmos e apenas complementar, de perdão dos nossos pecados, como alguns imaginam que seja o acontecimento da justificação. Antes, este compromisso toca-nos mais profundamente no nosso núcleo pessoal». Torna-nos novos! Confere-nos uma «dignidade pessoal diante de Deus».<sup>79</sup>

A novidade desta liberdade em relação a poderes, alienações, pecados e efêmero torna-se evidente em quem aceita segui-Lo num percurso humano, no qual se mostra cada vez mais clara a origem dessa novidade. Vamos ouvir o que nos diz esta nossa jovem amiga:

«Comecei o percurso como catecúmena no ano passado. Frequentei o ensino secundário no *Sacro Cuore*, onde fui parar por puro acaso. Ficou marcado em mim o primeiro Tríduo Pascal em que participei. Eu ainda percebia pouco, mas sentia-me atraída pela beleza daquela companhia de pessoas que estavam juntas de uma forma diferente. Como é que é possível reunir milhares de jovens de dezoito/dezanove anos diante dum padre? Não era um concerto, não era um jogo de futebol, e mesmo assim estavam lá todos, e as palavras que eu ouvia não me pareciam nada distantes de mim, pelo contrário: aquele padre desconhecido falava de mim. Ali comecei a perceber a grandeza do encontro que fiz, e embora sentisse dificuldade em identificá-lo com Cristo, começou a fascinar-me muito. Naqueles anos de liceu, Jesus deu-me como Seu rosto humano uma grande amiga, a Lucia. O olhar que tinha para mim deixava-me cada vez mais curiosa. Chegando à universidade, procurei inicialmente alguém do Movimento, mas depois larguei tudo. Pensei que aquilo que tinha encontrado não era assim tão verdadeiro, ou pelo menos não era o suficiente para a minha vida, e que até poderia viver bem sem isso. Em fevereiro,

<sup>78</sup> H.U. von Balthasar, «Senso della nuova Alleanza», in H.U. von Balthasar - L. Giussani, *L'impegno del cristiano nel mondo*, op. cit., p. 40.

<sup>79</sup> *Ibidem*, p. 41.



depois de umas férias em Amsterdão com um grupo de amigos, voltei para casa muito triste, sentia-me mesmo vazia; lembro-me de ter chorado durante uma semana inteira. Nesse momento voltei para a Escola de Comunidade e, tendo uma grande falta dentro de mim, encontrei pessoas com quem compartilhar a minha necessidade, e pouco a pouco voltei a ver aquela diferença que tinha encontrado no liceu. Nestes anos, juntamente com esta companhia de amigos, lentamente fui começando a intuir o que está na origem dessa companhia, o que quer dizer que estes amigos são a memória de Cristo. No ano passado, no fim de janeiro, depois de quatro meses de caritativa numa comunidade de acolhimento de menores em dificuldades, pedi para entrar nesta história. Todas as vezes, antes de começar o gesto da caritativa, lemos juntos *O sentido da caritativa*; um trecho diz que “eu não sei do que o outro verdadeiramente necessita, eu não posso medi-lo, não é uma coisa minha. É uma medida que eu não possuo: é uma medida que está em Deus”; e depois ainda: “Justamente porque nós os amamos, *não é a nossa ação que os torna felizes*. [...] Somente um Outro poderá torná-los felizes. Quem é a razão de tudo? Quem é que fez tudo o que existe? Deus”. Aquelas duas horas na caritativa não ficavam ali, ajudaram-me muito a ter um olhar mais terno sobre mim própria, em primeiro lugar, e depois na família e com os amigos. Essa mudança em mim é que me atraiu totalmente. Vivendo nesta relação com Ele, tudo ganhou gosto. Eu já nem sequer me sentia eu mesma, dei por mim a querer bem às pessoas ao meu lado de uma maneira totalmente nova. Aquela beleza não podia ser fruto da minha capacidade. O Batismo [que recebeu no sábado dia 31 de março, na noite da Vigília Pascal] é mesmo dizer sim a Cristo, com todo o meu desejo de ser completamente conquistada por Ele. Porque só Ele responde ao meu desejo infinito de ser amada. É dramático, porque sou humana e sou livre, cada dia é uma luta: mas esta saudade e ao mesmo tempo esta beleza são tão fortes, que só Ele é que pode criá-las. Surpreendo-me diante deste modo completamente diferente e novo de viver. É vertiginoso pensar que estamos juntos “só” porque todos recebemos uma graça e decidimos caminhar juntos seguindo o nosso primeiro “sim”. Como isso é forte! Como é possível que eu, com o meu caráter forte, com todos os meus erros, com toda a minha pobreza, tenha diante de mim pessoas que me perdoam sempre e me veem como um bem para eles? Como é que os meus pais fizeram para se darem conta desta diferença introduzida na minha vida? Acho realmente incrível o que Jesus pode criar se vivermos com Ele. Quando estou num período mais difícil, penso que este encontro foi um engano, que preferiria viver “despreocupada e tranquila” como os meus colegas de turma. Mas depois, se penso seriamente nisso, não renunciaria a ele por nada neste mundo. Como poderia e aonde iria?»

Factos como este, semelhantes aos que aconteciam quando Jesus caminhava pelas ruas da Palestina, são-nos dados para que possamos, também nós, reconhecer no presente Deus como o Senhor: «Eu sou o Senhor». Isto não são “historietas”. São parte da própria história da salvação, que acontece agora. E, tal como no passado os israelitas podiam desinteressar-se deles, também nós podemos agora ficar indiferentes a estes factos.

Como podemos, então, conservar uma liberdade em relação aos poderes, à alienação, ao efêmero? Só permanecendo na origem. Oiçamos mais uma vez von Balthasar: «Em nenhum caso podemos voltar as costas à fonte [a rapariga da carta achava que podia viver sem aquele encontro, ou seja, voltar as costas à fonte], ao ponto em que tem origem a graça de Deus, quase como se já fosse suficientemente conhecido como um objeto de saber ou um tesouro que entrou na nossa posse que se pode usar no mundo e trocar por uma moedinha». Esta é a ilusão em que caímos com facilidade: achar que já sabemos, considerar que a origem seja já uma posse nossa, caindo assim na tentação de fazer por conta própria, abdicando do vínculo pessoal com ela, isto é, com a presença viva d’Ele, com o Seu acontecimento agora. Porém «a fonte é a boca de Deus [é a iniciativa atual, contemporânea de Deus], da qual nunca podemos separar a nossa boca. A fonte é o acontecimento permanente graças ao qual somos inseridos na verdade de nós mesmos com a possibilidade de aí permanecer».<sup>80</sup>

Escreveu-me uma amiga: «Espero ansiosamente estes Exercícios. Lendo a Página Um (“Um salto de autoconsciência”),<sup>81</sup> identifiquei-me imenso com aquilo que descreves, ou seja, com o facto de acharmos que já sabemos e começarmos a andar com as “nossas próprias pernas”. Como tu dizes, é uma tentação sempre à espreita. Ao mesmo tempo, tenho bem presente na minha experiência a diferença abissal entre quando entro no meu dia e encaro situações difíceis ou circunstâncias boas com um Acontecimento nos olhos, de mãos dadas com uma Presença, e quando, ao contrário, aposto só em mim mesma. É justamente esta experiência que me convence cada vez mais da imensa conveniência do cristianismo para a minha vida e para a vida de todos». É só isto o que pode convencer-nos. De facto, conclui: «Acho que nunca tive, em toda a minha vida, tanta certeza disto».

Então, «permanecer significa [...] permanência no recebimento de si mesmo pela graça e pelo compromisso de Deus [...]. A fonte é rica o bastante para fecundar toda a nossa ação terrena, se a mantivermos viva em nós e

<sup>80</sup> *Ibidem*, p. 55.

<sup>81</sup> J. Carrón, “Um salto de autoconsciência”, *Passos-Litterae Communionis*, n. 201, abr. 2018, pp. 15-22.

jamais nos afastarmos dela. Só ela é a verdadeira fecundidade, pela qual a nossa [ação] será tão maior quanto mais intimamente nos mantivermos perto dela: fonte que escorre para a nossa fonte pessoal, ação própria que se torna princípio de toda e qualquer ação nossa. Quanto mais ficarmos diante dela como criancinhas sem palavras, numa atitude de recebimento, mais poderemos abrir-nos, adultos e maduros, ao mundo numa atitude de doação». Naturalmente, é necessário tempo para que a fonte entre nas nossas entranhas: «Temos de assimilar cada vez mais essa dimensão da prática cristã para não abandonarmos a origem de cada ação temporal. Só a assimilamos quando a pomos em prática conscientemente, ou seja, quando nos lembramos de forma sempre renovada da fonte original, apartando-nos da distração mundana [quotidiana]. [...] A fonte escorre por toda a nossa pessoa mesmo quando estamos absorvidos pelos compromissos terrenos».<sup>82</sup> Caso contrário, como poderíamos vivê-los sem sermos dominados por eles?

Portanto, assim como Jesus não pode separar-se do Pai (é deste seu vínculo com o Pai que Ele nos quer tornar partícipes, como dissemos no início), nós tampouco podemos separar-nos de Jesus presente e vivo e, através dele, do Pai. «Jesus tomou a palavra e disse-lhes: “Em verdade, em verdade, vos digo: não pode o Filho fazer nada por Si mesmo se não vir o Pai fazê-lo, pois tudo quanto o Pai faz, também o Filho o faz igualmente”».<sup>83</sup> O apego a Cristo presente pertence ao método escolhido por Deus para comunicar-se definitivamente aos homens, um método que não pode ser “superado”. De facto, não se trata de algo para “sabermos”, do qual – uma vez apreendido – podemos prescindir, mas de uma presença presente para acolhermos, de um acontecimento que ocorre agora, com o qual temos de nos familiarizar. A Encarnação é o método escolhido por Deus para nos salvar: em Jesus, Deus tornou-se homem, e Jesus projeta esse método para toda a história, até ao fim: «Em verdade, em verdade, vos digo: quem recebe aquele que Eu enviar, é a Mim que Me recebe; e quem Me recebe a Mim, recebe Aquele que Me enviou».<sup>84</sup> Com estas palavras, Jesus traça o caminho para o futuro, indica o modo para entrarmos em relação com Ele e, através d’Ele, com o Pai. É um convite que Ele dirige a cada um de nós hoje: sem isso, como poderíamos alcançar uma familiaridade com Cristo?

A esta altura, conseguimos compreender por que Giussani lamenta que o nosso caminho de pertença ao Movimento não conduza a uma familiari-

<sup>82</sup> H.U. von Balthasar, «Consequenze», in H.U. von Balthasar - L. Giussani, *L'impegno del cristiano nel mondo*, op. cit., pp. 55-57.

<sup>83</sup> Jo 5,19.

<sup>84</sup> Jo 13,20.

dade com Cristo: dela depende a verdadeira mudança na nossa vida. «Essa mudança do ser é a presença de Outro».<sup>85</sup> A mudança não coincide com uma coerência, mas com uma presença, com uma familiaridade vivida, como a de Jesus com o Pai. Sem ela, a mudança seria virtual e nada seria duradouro. Quando falta uma familiaridade com Cristo, perdemos o ponto de apoio para viver, para enfrentar as circunstâncias; ficamos presos, encurralados nas nossas impressões: a nossa forma de festar no real não é determinada pelo acontecimento de Cristo, mas – como é para todos – pelos nossos preconceitos, pelos nossos esquemas. E – cada um de nós o verifica na própria pele, nas próprias experiências, todos os dias, diante de qualquer desafio, em qualquer circunstância – o «já sabido» não é suficiente para viver uma plenitude agora.

#### 4. Onde se apoia a certeza

Só uma familiaridade com Cristo pode dar-nos a certeza de que precisamos. Senão, onde vamos procurar a nossa consistência? «No que fazemos ou no que temos, o que é o mesmo. Assim, a nossa vida nunca tem aquele sentimento [de] [...] certeza plena [...]. No máximo, chegamos à satisfação no que fazemos ou na satisfação em nós mesmos». Imaginem o quanto isto dura! «E esses fragmentos de satisfação no que fazemos ou no que somos não trazem nenhuma felicidade e nenhuma alegria, nenhuma sensação de plenitude firme, nenhuma certeza e nenhuma plenitude».<sup>86</sup>

A nossa certeza só pode apoiar-se em «alguma coisa que nos aconteceu, entrou em nós, foi encontrado por nós [...]». A nossa identidade, a consistência da nossa pessoa, a certeza do tempo coincide – literalmente “coincide” – com esta coisa que nos aconteceu. Emmanuel Mounier, falando da sua filha doente, depois de ter dito “Alguma coisa nos aconteceu”, corrige-se e diz: “*Alguém* nos aconteceu” [...]. Alguém nos aconteceu, nos foi dado, dado a ponto de inserir-se na carne e nos ossos e na alma [de cada um de nós]: “Vivo, não eu, mas é este [Cristo] que vive em mim”». Também nós, quando somos realmente “tomados”, fazemos a experiência de Maria, ou dos pastores, ou dos Reis Magos: a nossa identidade, a nossa consistência está no que aconteceu. E isto implica abandonar a posição em que se está para deixar-se determinar pela presença de Outro, que nos preferiu antes ainda da nossa resposta. Este “sermos amados” «coloca um dado de facto irreversível» e «define o nosso valor no mundo».<sup>87</sup> Mas é preciso acolhê-lo.

<sup>85</sup> L. Giussani, *La familiarità con Cristo*, San Paolo, Cinisello Balsamo-Mi 2008, p. 27.

<sup>86</sup> *Ibidem*, pp. 25-26.

<sup>87</sup> *Ibidem*, pp. 26-28.

Pensemos no sobressalto que devia sentir o coração de Maria de cada vez que «tomava consciência do que acontecera» e como «ruminava dentro de si o que acontecera». Imaginemos «o que sentiram os pastores, o que sentiam os Reis Magos [...]. O que acontecera tornava-se evidente para eles como algo que queimava até a consciência da espera, que em primeiro lugar não era resposta à espera, mas era uma presença que invade». Para Maria, os pastores, os Reis Magos, «o que acontecera dominava os seus olhos e o seu coração, dominava a sua própria consciência. [...] Aquele menino era eles próprios, era a identidade deles, a certeza deles, a plenitude deles, e já nem lembravam o que fora antes. Já nem se lembravam, diante daquele menino, das suas aspirações, e já nem sequer pensavam nelas, porque agora era aquele menino que ditava tudo».<sup>88</sup> Foi assim que conheceram Cristo: chegaram ao conhecimento d'Ele por experiência.

A prova de que a nossa vida é determinada pela certeza do que nos aconteceu é que nela dominam «a felicidade e a alegria», sinal inequívocos, cuja raiz é a ternura. «Ternura», atenção, «não é satisfação com o sentimento que temos, mas abandonar-se, sentir-se tomado pelo amor que nos tomou, por Aquele que nos tomou. [...] É como quando a criança arregala os olhos e fica toda cheia do que vê e não tem espaço para dar ao sentimento que tem», esquece-se até mesmo de si; «diante do que vê, fica todo cheio do que vê. [...] O homem só se ama a si mesmo por isso que tem à frente, em Cristo, nisso que tem à frente, nesse acontecimento». É essa a finalidade última de todo o agir de Deus. Porque nunca podemos ser tão plenamente nós mesmos do que quando Ele prevalece. Que experiência Giussani deve ter feito dessa ternura de Deus para com a nossa carne, para dizer que ela é «um milhão de vezes maior, mais aguda, mais penetrante do que o abraço de um homem à sua mulher, de um irmão ao irmão»!<sup>89</sup>

Sabendo o quão facilmente resvalamos para o intelectualismo, Dom Giussani dirige-nos uma última advertência: «Estas coisas não se compreendem raciocinando, mas olhando [...] para a experiência», deixando-se tomar, atrair, fascinar «dentro da consciência dessa identidade entre mim e Ti, de Ti comigo, melhor, dentro da consciência desse acontecimento que se instalou em mim, desse “Tu que és eu”».<sup>90</sup>

O silêncio é o espaço dado para olhar este «Tu que és eu».

<sup>88</sup> *Ibidem*, pp. 30-31.

<sup>89</sup> *Ibidem*, pp. 32-33.

<sup>90</sup> *Ibidem*, p. 33.

# SANTA MISSA

*Liturgia da Santa Missa: At 13,44-52; Sal 97; Jo 14,7-14*

**HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA CARDEAL KEVIN JOSEPH FARRELL  
PREFEITO DO DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA**

Caros irmãos e irmãs em Cristo,

os Exercícios Espirituais são um tempo propício que o Senhor nos dá para pormos em foco a nossa vida interior. Para todos, sacerdotes e leigos, trata-se de voltar a pôr “diante dos olhos do nosso coração” o núcleo da nossa vida de fé e a vocação específica que o Senhor deu a cada um de nós. São estes os dois elementos dos quais temos de nos reapropriar nestes dias: o que me fez virar tornar cristão e como é que eu sou chamado a “estar no mundo” como cristão? As duas coisas são inseparáveis: voltando ao núcleo fundamental da minha vida de fé, ao encontro originário com o Senhor Jesus, encontro também as razões profundas e as motivações mais nobres que devem animar-me na missão específica que o Senhor me confiou, como sacerdote ou como casado, como pai, como educador, como pessoa empenhada no mundo da escola, do comércio, da informação, da política, da promoção social e em qualquer outro emprego e atividade profissional.

Sabemos bem que todos nós estamos expostos ao perigo de nos perdermos no quotidiano, de sermos sugados pelas necessidades e pelas obrigações materiais que a vida nos põe à frente sem tréguas, e assim, sem nos darmos conta, corremos o risco de vivermos semanas ou meses inteiros meramente “fazendo coisas”. O nosso «fazer» passa a predominar, mas o nosso «ser» empobrece. E então, entramos num estado de sofrimento interior, porque o mero «fazer» não nos satisfaz, antes nos desgasta e deixa vazios, pois já não nasce da plenitude daquilo que temos dentro de nós, ou melhor, do que «somos» no nosso interior, já não é expressão viva da nossa personalidade, das nossas convicções, da nossa sensibilidade; numa palavra: da nossa humanidade «tocada» por Cristo, pelo Senhor Jesus, mas é, sim, apenas uma resposta passiva às circunstâncias da vida. É a experiência dolorosa que normalmente fazemos de termos perdido o nosso «centro». É dolorosa porque foi precisamente naquele «centro» de nós mesmos, naquele «núcleo vital», que aconteceu o nosso encontro com Cristo e aí, encontrando-O, encontrámo-nos também a nós mesmos, porque, como diz uma célebre frase do Concílio Vaticano II, «Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente».

te».<sup>91</sup> Quando, por isso, perco este «centro», habitado pelo meu «eu» mais autêntico e por «Cristo em mim», então no meu íntimo florescem perguntas angustiantes: por que faço todas as coisas que estou fazendo?

O Evangelho da liturgia de hoje apresenta-nos uma desorientação deste tipo também no apóstolo Filipe. O primeiro encontro com Jesus tinha sido acompanhado pela certeza imediata de ter encontrado n'Ele a Verdade e a resposta à sua sede de sentido. Podemos deduzi-lo das palavras entusiasmadas que ele dirigiu a Natanael: «Acabámos de encontrar Aquele de Quem escreveu Moisés na Lei e que os profetas anunciaram; é Jesus, o filho de José, de Nazaré».<sup>92</sup> Jesus acabou de tranquilizar os discípulos dizendo: «Desde agora O conheceis e O tendes visto»,<sup>93</sup> dando a entender que por meio d'Ele podem ter a certeza de terem conhecido e visto também o Pai. No entanto, bem naquele momento, Filipe pergunta-lhe: «Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta».<sup>94</sup> Onde tinha ido parar aquela “intuição interior” que Filipe tivera desde o começo a respeito de Jesus? O seu coração não tivera a certeza inabalável de ter encontrado Deus precisamente naquele homem, naquele Jesus que conhecera na Galileia? Estes são os momentos de confusão que acontecem também connosco, quando a certeza de termos encontrado a Verdade em Jesus, e de que n'Ele Deus mesmo se fez presente na nossa vida, parecem arrefecer, quase como lembranças apagadas de um passado distante.

Eis então a graça dos Exercícios Espirituais. São o tempo que Deus nos oferece para impedir que o nosso eu se dissolva e, com ele e antes dele, a nossa fé que está na sua raiz. Mas perguntamo-nos: como nos reencontramos? Como devolver a vida à fé? Voltemos ainda ao Evangelho de hoje, na tentativa de encontrar uma resposta. Jesus apercebe-se da confusão de Filipe e, depois de o ter repreendido com doçura, fala com ele com muita misericórdia. É precisamente neste momento de pouca lucidez do discípulo que lhe abre o coração, revelando-lhe o mistério mais íntimo da Sua Pessoa: «Não acreditas que Eu estou no Pai e que o Pai está em Mim?».<sup>95</sup> Se Jesus irradia sabedoria, santidade, poder sobre o mal, clareza de julgamento e autoridade ao falar, é porque o Pai está presente n'Ele, e Ele mesmo vive sempre imerso no Pai. «É o Pai que, permanecendo em

<sup>91</sup> Concílio Vaticano II, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et spes*, 22.

<sup>92</sup> Jo 1,45.

<sup>93</sup> Jo 14,7.

<sup>94</sup> Jo 14,8.

<sup>95</sup> Jo 14,10.

Mim, realiza as suas obras.»<sup>96</sup> A imanência recíproca do Pai e do Filho está na origem de toda a fecundidade e da plenitude de vida que a pessoa de Cristo irradia. Pensando bem, é essa mesma plenitude de santidade, de sabedoria e de inteligência da realidade o que nos falta, e por isso ficamos muitas vezes vazios e insatisfeitos. Pois bem, Jesus revela a Filipe que, pela fé, pode reproduzir-se em qualquer um de nós a mesma realidade que caracteriza o Filho: «Aquele que acredita em Mim fará também as obras que Eu faço».<sup>97</sup> Jesus revela que, como o Pai vive no Filho e atua n'Ele, assim, pela fé, o Filho pode viver em cada um de nós e atuar em nós. Mas a fé que faz «Cristo viver em nós», comunicando-nos a Sua santidade e a Sua sabedoria, não é uma auto-sugestão. É o acolhimento razoável do testemunho de homens e mulheres como nós que, antes de nós, encontraram Cristo. Ela nasce, assim, do encontro pessoal e totalmente humano com os outros cristãos, nos quais Jesus vive e pelos quais Ele se torna presente também para nós. Os Atos dos Apóstolos, que ouvimos na primeira leitura, dizem-nos que em Antioquia da Pisídia muitos pagãos, tendo-se cruzado com Paulo e Barnabé, tendo visto a sua maneira de ser e tendo ouvido as suas palavras, «encheram-se de alegria e glorificaram a palavra do Senhor; e todos os que estavam destinados à vida eterna abraçaram a fé».<sup>98</sup> É a mesma alegria que floresceu em nós quando encontramos pela primeira vez pessoas que apresentavam uma humanidade inusitada, diferente, nova, que nos surpreendeu e fascinou, e quando descobrimos que a «diferença» deles se devia justamente à presença de Cristo vivo neles. E foi uma alegria ainda maior a que nos invadiu quando descobrimos que esta «presença excepcional do divino no humano», ou seja, Cristo, era algo que satisfazia todos os desejos mais autênticos e profundos do nosso coração. E assim nos abrimos para a fé. Eis a tarefa que vos espera nestes Exercícios: redescobrir a concretização e a beleza da presença de Cristo em vocês, e assim reencontrarem-se a vocês mesmos.

Caríssimos, peçam nestes dias a graça de lembrar os rostos e as circunstâncias concretas pelas quais Cristo um dia veio ao vosso encontro, e de serem gratos pelo dom da fé recebido naquele dia. Um dia, para alguns de vocês, muito distante nos anos; para outros, mais próximo. E peçam a graça de compreender como, desde aquele dia, Cristo nunca mais se afastou de vocês, mesmo que vocês tenham perdido muitas vezes a consciência da sua proximidade d'Ele. Peçam que Deus Pai reavive em vocês aqueles dons

---

<sup>96</sup> *Ivi.*

<sup>97</sup> Jo 14,12.

<sup>98</sup> At 13,48.



do Espírito Santo que vos permitem identificar a presença de Cristo também hoje, nos desafios e nas circunstâncias determinadas que estão a viver, nas pessoas ao vosso lado, na família e no trabalho, na história de santidade que a Providência está a construir com vocês, usando até as misérias e as infidelidades. Peçam a graça de poder contemplar com olhos novos a Igreja e, na Igreja, aquela comunidade concreta de irmãos e irmãs que o Senhor pôs ao vosso lado para os sustentar na vivência da fé. Nunca se esqueçam que isso é para vocês o corpo de Cristo ressuscitado, onde vocês O encontram na escuta da Palavra de Deus, nos sacramentos, na oração comum, no testemunho da fé. E peçam a graça de se oporem ao pecado com resolução e confiança em Deus. Com efeito, o pecado é o que destrói o tesouro mais precioso que temos: a presença de Cristo em nós! Que não nos aconteça perdê-Lo e, com Ele, todos os benefícios da vida cristã. Conservar a presença de Cristo em nós, esta é a maior ajuda que podemos dar ao mundo! O Papa Francisco faz este convite na sua recente Exortação Apostólica sobre a santidade: «Permite-Lhe [ao Espírito Santo] plasmar em ti aquele mistério pessoal que possa refletir Jesus Cristo no mundo de hoje. Oxalá consigas identificar a palavra, a mensagem de Jesus que Deus quer dizer ao mundo com a tua vida».<sup>99</sup> Ser um reflexo de Cristo para os outros, ser uma palavra de Deus para o mundo! Somos todos chamados a isso! Se Cristo viver em nós, então todos, mesmo quem não crê ou é abertamente hostil a nós, receberá grandes benefícios, pois todo o mundo está à espera dessa «palavra de Deus» para si. E essa «palavra de Deus» és tu!

Jesus diz no Evangelho de hoje: «Se pedirdes alguma coisa em Meu nome, Eu o farei»;<sup>100</sup> não diz: «Sereis satisfeitos por Deus», mas: «Eu o farei», querendo dizer: «Eu mesmo o farei em vocês». Isto quer dizer que a missão confiada ao Filho pelo Pai para a redenção do mundo, Ele quer cumpri-la por meio de nós. Peçamos, então, na oração, que Cristo cumpra em nós a Sua obra, que leve à perfeição em nós os seus desígnios de bem e faça da Fraternidade, nascida do carisma de Dom Giussani, um sinal vivo do imenso amor que Deus tem por todos os homens, para que através de vocês muitos possam conhecer a perene novidade de Cristo, nosso único salvador, única fonte de felicidade para o mundo.

---

<sup>99</sup> Francisco, Exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*, 23-24.

<sup>100</sup> Jo 14,14.

## ANTES DA BÊNÇÃO

**Julián Carrón** Eminência caríssima, em nome de cada um dos presentes e de todos os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, desejo agradecer-lhe de todo o coração por ter aceitado presidir a esta Eucaristia durante os nossos Exercícios Espirituais anuais. Agradecemos-lhe pelas suas palavras e por ser testemunha viva da caridade e da solicitude do Papa Francisco, que nós desejamos seguir com tudo de nós mesmos, indo confiantemente ao encontro dos nossos irmãos homens, sobretudo os mais necessitados, nestes tempos tão difíceis e, ao mesmo tempo, tão cheios da esperança de um novo início. Obrigado!

**Cardeal Farrell.** Obrigado. E obrigado a todos vocês. Aquilo que eu disse, no meu italiano muito especial, é que vocês têm de ser, vocês são a presença de Cristo no mundo. Não há outro sinal da bondade de Deus, da misericórdia de Deus, do amor de Deus, senão o que passa através de nós. Qual é então a nossa tarefa para os próximos anos? Ser a presença real de Cristo no mundo.

\* \* \*

*Regina Coeli*

# *Sábado 28 de abril, tarde*

*À entrada e à saída:*

*Antonín Dvořák, Trio n. 4 in mi menor, op. 90, «Dumky»*

*Trio de Praga*

*“Spirto Gentil” n. 26, Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo-Universal*

## ■ SEGUNDA MEDITAÇÃO

**Julián Carrón**

### **«Bem-aventurados os olhos que veem o que vós vedes»**

Como já devem saber, esta noite morreu o pequeno Alfie.<sup>101</sup> O Papa acabou de publicar este *tweet*: «Fiquei profundamente tocado pela morte do pequeno Alfie. Hoje rezo especialmente pelos seus pais, enquanto Deus Pai o acolhe com seu terno abraço».

Vamos levantar-nos e fazer uma oração.

*Glória ao Pai...*

*Veni Sancte Spiritus, veni per Mariam.*

### **1. Porque temos assim tanta dificuldade em reconhecer Cristo presente?**

O percurso que fizemos esta manhã mostrou-nos as incontáveis iniciativas de Deus para fazer penetrar no coração dos homens o que deveria ser evidente à razão: «O Senhor é tudo». Às dificuldades que vimos aparecer no decorrer desta história, nos nossos dias acrescentou-se uma outra, que torna o caminho ainda mais trabalhoso. Na encíclica *Lumen fidei*, o Papa Francisco sintetiza a natureza de tal dificuldade: «A nossa cultura perdeu a noção desta presença concreta de Deus, da sua ação no mundo; pensamos que Deus se encontra só no além, noutra nível de realidade, separado das nossas relações concretas. Mas, se fosse assim, isto é, se Deus fosse incapaz

---

<sup>101</sup> Depois de polémicas e confrontos, apelos e recursos nos tribunais, no dia 28 de abril de 2018 chegou ao seu epílogo a batalha de Alfie Evans, o menino de 23 meses que estava internado em Liverpool devido a uma grave doença neurodegenerativa de difícil diagnóstico. O juiz do Supremo Tribunal inglês determinou que se desligassem as máquinas que o mantinham vivo.

de agir no mundo, o seu amor não seria verdadeiramente poderoso, verdadeiramente real e, por conseguinte, não seria sequer verdadeiro amor, capaz de cumprir a felicidade que promete. E, então, seria completamente indiferente crer ou não crer n'Ele». <sup>102</sup>

Dom Giussani já nos tinha advertido dessa dificuldade há muitos anos. Uma vez que «é impossível viver dentro de um contexto geral sem ser influenciado por ele», é preciso tomar consciência da realidade em que vivemos, do momento cultural em que nascemos: «Nós próprios participamos daquela mentalidade segundo a qual Deus é concebido de forma abstrata, ou esquecido, ou até negado. Assim, na prática, existencialmente», continua Dom Giussani, «nós chegamos a negar que “Deus é tudo em tudo”», <sup>103</sup> ainda que nos reconheçamos do lado dos que afirmam a Sua existência.

E como é que foi ganhando espaço, na nossa história, esta negação da presença concreta de Deus na realidade? «A *negação* do facto de que “Deus é tudo em tudo” deriva de uma irreligiosidade estranha à formação dos povos europeus.» Tal irreligiosidade «começa, sem que ninguém perceba, de uma separação que se dá entre Deus como origem e sentido da vida (portanto, pertinente às coisas que acontecem, ao dia a dia do homem) e Deus como facto de pensamento». <sup>104</sup> Portanto, no início da negação há uma separação: uma separação entre Deus e a experiência. Todo o percurso desta manhã não era um preâmbulo, um preliminar do discurso. Era, isso sim, a tentativa de mostrar de que forma é que Deus se tornou presente como «o Senhor» através das suas obras na história, a fim de que os homens não O separassem da sua experiência.

Mas – atenção – a raiz dessa separação encontra-se numa determinada maneira de conceber a relação entre razão e experiência, num determinado uso da razão. Diz Dom Giussani: «A substância da questão esclarece-se na luta travada sobre a maneira de *entender a relação entre razão e experiência*». Na experiência, a realidade – «uma realidade que nos é dada, com que deparamos, [que] não é criada por nós» – mostra-se ao nosso olhar humano. O que é, então, a razão? «É aquele nível da criação em que ela é consciente de si [...]. Essa autoconsciência gera a definição de razão». <sup>105</sup> Pois bem, foi precisamente isso o que se deteriorou: a razão, em vez de ser consciência da realidade que se mostra na experiência, tornou-se “medida”

<sup>102</sup> Francisco, Carta encíclica *Lumen fidei*, 17.

<sup>103</sup> L. Giussani, *L'uomo e il suo destino. In cammino*, op. cit., p. 105.

<sup>104</sup> *Ivi*.

<sup>105</sup> *Ibidem*, pp. 106-108.

da realidade; a razão começou a impor à experiência as próprias fronteiras, a submeter a experiência às próprias “medidas”.

Para redescobrir que «Deus é tudo em tudo», é necessário, portanto, em primeiro lugar, «o retomar cordial da palavra “razão”, que é a palavra mais confusa no dicionário moderno». Se se usa mal a razão, com efeito, fica comprometido todo o nosso caminho de consciência. Vemo-lo pelas consequências que produz. «Se se usa mal a razão, se a usamos como medida, dão-se [...] três possíveis reduções graves que influenciam todos os comportamentos»<sup>106</sup> e têm consequências no próprio modo como concebemos e vivemos o cristianismo, ou seja, na nossa relação com o que encontramos. Começamos pela primeira.

a) *Em vez de um Acontecimento, a ideologia*

A primeira redução diz respeito à grande alternativa na relação com a realidade: o ponto de partida – como dissemos na Jornada de Início de Ano – é o que acontece ou é uma impressão nossa, um preconceito. «Sem que o homem se aperceba, é como se irrompesse no seu juízo sobre as coisas um discurso já ouvido, alguma coisa que experimentou, ou seja, um preconceito»; parte-se de um preconceito, em vez de partir «da factualidade, da supremacia do nosso existir, das coisas como acontecem, das coisas com que nos deparamos»,<sup>107</sup> dos acontecimentos.

Partir do preconceito e não de alguma coisa que acontece quer dizer que a influência racionalista se reflete na forma de entender o cristianismo, opera uma redução da sua natureza: o cristianismo já não é «uma passagem, dia a dia, da Presença [...], do Facto original, mas é a sua redução a um *a priori* abstrato».<sup>108</sup> Quando, porém, o cristianismo «é passado como concepção, como doutrina, como maneira de conceber e de tratar, até o cristianismo se converte numa ideologia».<sup>109</sup> Que interesse têm estas coisas, que Dom Giussani nos diz, para a vida? São decisivas, porque quando o cristianismo é reduzido a ideologia já não é capaz de mudar a vida, de dar forma à relação com a realidade. E então podemos saber tudo, mas ficarmos sufocados no real. É um risco que nos concerne: podemos reduzir o Movimento ao «já sabido», a uma ideologia, a um discurso dominado por nós, ou seja, podemos substituir o Acontecimento pelo nosso preconceito.

<sup>106</sup> *Ibidem*, pp. 108-109.

<sup>107</sup> *Ibidem*, pp. 109-111.

<sup>108</sup> *Ibidem*, p. 67.

<sup>109</sup> L. Giussani, “Acontecimento e responsabilidade”, *Litterae Communionis*, n. 4 mai./jun. 1998, p. 24.

Toda a gente, querendo ou não, testemunha isso na maneira com que se move na realidade.

Escreve uma de vocês: «Um dia cheguei à noite muito triste e amargurada devido a uma situação particular que aconteceu no trabalho. Cansada, pegando no texto da Jornada de Início de Ano, li: “O ponto de partida do cristão é um Acontecimento. O ponto de partida dos outros é uma determinada impressão das coisas”. Para mim, naquele dia, o Acontecimento não foi nem sequer o último dos meus pensamentos. Simplesmente não pensei!». Esta circunstância fê-la perguntar «por que é que nem sequer me tinha passado pela cabeça», por que é que estava arrancado da experiência, da forma como se relacionava com o real, e «o que queria dizer que para o cristão o Acontecimento é o ponto de partida de toda a relação». Para responder a estas perguntas começou, então, a olhar para a própria experiência e notou que «há circunstâncias, ainda que muito difíceis e problemáticas, em que estou aberta e disponível para o Mistério. Enfrentando-as não me sinto cansada, não fico abatida; antes, tenho mais certeza de quem sou e de Quem conduz a minha vida. A diferença, na maneira de encarar as circunstâncias, está então no facto de eu estar, nalgumas delas, totalmente desarmada e a única posição possível ser o pedido. Sou pobre. Noutras eu já sei, sei o que é certo, o que é preciso fazer. Ter compreendido isso abriu uma brecha no significado da pobreza. Eu vi a relação entre pobreza e Acontecimento. Só um espírito necessitado, aberto, pode reconhecer o Acontecimento que está a acontecer agora». Só quando nos reconhecemos pobres, só quando temos necessidade, é que nos damos conta do que está a acontecer à nossa frente.

Tudo muda quando o cristianismo é o acontecer de Cristo, um acontecimento, quando não é reduzido a um discurso, mas é um facto na nossa vida.

Uma professora, que admite ter tudo (duas filhas lindas, um bom companheiro de vida, algum bem-estar económico, saúde, viagens, etc.), ficou impressionada com a diferença de uma colega do Movimento: mesmo tendo tudo, «falta-lhe» alguma coisa que essa colega tem «em abundância». A professora ficou marcada principalmente pelo facto da colega do Movimento ter conseguido estar em paz apesar de vários problemas sofridos e ser ainda capaz de olhar de forma positiva até para pessoas que lhe fizeram mal.

Assim, a nossa amiga convidou-a para participar na vida do Movimento, e ela foi a uma assembleia sobre os Exercícios, leu o livrinho e depois foi à Jornada de Início de Ano; isso mudou-a tanto, que deixou o marido e os amigos impressionados. Até os seus alunos lhe perguntaram o que estava a acontecer com ela. Ter assistido a tamanha mudança não deixou indiferente a colega do Movimento, que me escreveu: «Se para esta mulher

é um início, é um início também para mim, porque me contagia, devolvendo-me a simplicidade do encontro. Desejo estar com ela porque vejo Cristo acontecer no seu rosto, no seu espanto, na sua alegria. E é fácil dizer “Tu”, torna-se muito fácil. No outro dia, no grupo de Escola de Comunidade, entramos de uma maneira e saímos de outra, todos contentes, muito contentes. Era evidente que Cristo estava presente, acontecia nela e contagiava-nos também a nós: acontecia também em nós porque estávamos a ver acontecer. Acontece! Só é preciso estar atento para o ver. Também percebo que, como tu dizes no texto da Jornada de Início de Ano, podemos assumir posições diferentes perante o que acontece, podemos até dizer: “Que bom, é o início dela”, e imediatamente analisá-lo, em vez de olhá-lo, reconhecê-lo como o método escolhido por Deus para se comunicar nesse preciso momento. Quando, porém, ficamos, mesmo que só um bocadinho, lá onde acontece, é muito difícil subtrair-se ao contágio. Que é uma coisa muito simples. No início foi assim!».

Atenção, não nos confundamos: o acontecimento não é uma emoção que sentimos: «Quería exprimir um mal-estar senti na Escola de Comunidade», escreveu um de vocês, «porque me parece que a gente tende a identificar o acontecimento com qualquer coisa que produza em nós uma emoção, quer um dia bom, quer “um café em companhia” (ou seja, todas as vezes que a nossa companhia nos faz sentir bem), quer uma amabilidade recebida por parte de alguém. Na minha experiência, eu só reconheço o acontecimento cristão hoje quando vejo, no que está a acontecer, os traços inconfundíveis de Jesus, ou seja, reconheço que o que está a acontecer é possibilitado por Jesus de Nazaré, nascido de Maria há dois mil anos, morto, ressuscitado e vivo hoje, porque senão essa coisa não seria humanamente possível. E quem disse que tem obrigatoriamente de se tratar de uma coisa excepcional? Pode ser também um gesto simples e gratuito que, porém, dado o contexto, resulta verdadeiramente excepcional, ou então a capacidade de recomeçar todas as manhãs, ali onde a vida que nos parte as pernas poderia produzir apenas cinismo e ceticismo.»

O que têm em comum estas cartas? A vitória sobre a abstração. O cristianismo não é um *a priori* abstrato que se hospeda na cabeça deles, mas um Facto, como há dois mil anos, para olhar e seguir, que nos contagia e nos muda. Como é que estas pessoas conheceram Cristo? Graças ao Seu acontecer na experiência, diante dos olhos delas.

Como se pode então sair da ideologia, da redução do cristianismo a ideologia? Só graças ao reacontecer de Cristo aqui e agora. Só voltar a propor o cristianismo como acontecimento é que nos pode arrancar do preconceito, da ideologia.

b) *Redução do sinal a aparência*

Quando na relação com a realidade o ponto de partida são os nossos preconceitos ou a ideologia, diz Dom Giussani, determina-se uma segunda redução: a do sinal a aparência. A ideologia sufoca, suprime a provocação da realidade. «Se o homem cede à ideologia dominante, [...] verifica-se [...] uma separação entre sinal e aparência; a isto segue-se a *redução do sinal a aparência*. Quanto mais se tem consciência daquilo que o sinal é, mais se compreende [...] o desastre de um sinal reduzido a aparência. O sinal [como sempre dissemos] é a experiência de um factor presente na realidade que me remete para outro. O sinal é uma realidade experimentável cujo sentido é uma outra realidade».<sup>110</sup>

Cada um de vocês pode perceber imediatamente a natureza do desastre de que Giussani fala: pensem se um filho vosso reduzisse a aparência cada gesto que vocês, pais, fazem em relação a ele! Se se detivesse no que aparece, ele não o entenderia como sinal de alguma coisa mais, ou seja, do vosso amor por ele. «Não é razoável, mas todos os homens são levados, pelo peso que tem neles o pecado original, a ser vítimas das aparências, do que aparece, pois parece ser a forma mais fácil da razão. Uma determinada atitude de espírito faz mais ou menos isto com a realidade do mundo e da existência (as circunstâncias, a relação com as coisas, uma família para cuidar, os filhos para educar...): acusa o golpe, mas detendo a capacidade humana de adentrar-se na procura pelo significado, para o qual, inegavelmente, o próprio facto da nossa relação com a realidade solicita uma inteligência humana».<sup>111</sup>

Neste contexto, Giussani cita Finkielkraut, o qual, referindo-se a Hannah Arendt, observa: «A ideologia [...] não é a ingénua aceitação do visível, mas a sua inteligente destituição».<sup>112</sup> E Giussani comenta: «A ideologia é a destruição do visível, a eliminação do visível como sentido das coisas que acontecem, o esvaziamento daquilo que se vê, se toca, se percebe. Assim, já não se tem relação com nada».<sup>113</sup>

Todos sabemos o quão facilmente nós próprios resvalamos para esta «destituição» do visível, para o esvaziamento daquilo que acontece, graças ao que já nada nos fala, tudo fica plano. Até os sinais mais evidentes são reduzidos a aparência. Não somos os únicos, temos ilustres predecessores.

<sup>110</sup> L. Giussani, *L'uomo e il suo destino. In cammino*, op. cit., p. 112.

<sup>111</sup> *Ibidem*, pp. 112-113.

<sup>112</sup> A. Finkielkraut, *L'umanità perduta. Saggio sul XX secolo*, Editoriale Atlantide, Roma 1997, p. 88; cfr. H. Arendt, *Le origini del totalitarismo*, Edizioni Comunità, Milão 1996, pp. 645, 649.

<sup>113</sup> L. Giussani, *L'uomo e il suo destino. In cammino*, op. cit., p. 113.



Os discípulos tinham sido testemunhas de dois sinais realmente espantosos de Jesus: duas multiplicações dos pães. Mas alguns dias depois, na forma como reagem, vem ao de cima a redução que tinham feito – talvez inconscientemente, como se dá connosco – daqueles factos. «Tinham-se esquecido de levar pães e só tinham consigo um pão no barco». Jesus admoesta-os, dizendo-lhes que tomassem cuidado com o fermento dos fariseus e o de Herodes. Eles entenderam que Jesus estava a falar assim porque só tinham um pão. Então puseram-se a discutir «entre si porque não tinham pão».<sup>114</sup> Não se aperceberam da redução que tinham feito. Evidentemente, o milagre da multiplicação dos pães não se tornara uma oportunidade para fazerem experiência de Cristo, para aumentarem o conhecimento que tinham d’Ele. Pela forma como discutiram sobre a falta dos pães, vê-se de facto que, detendo-se na aparência, não tinham entendido quem era aquele homem que estava ali com eles. Atenção, porque neste caso não é válida a justificação que normalmente usamos: «Se estivesse à nossa frente – pensamos –, a aparência não levaria a melhor e seria fácil reconhecer Cristo». Neste episódio do Evangelho, Jesus está lá com eles, no barco, em carne e osso. Mas esta Sua presença não os leva a deixar de discutir: Jesus estar no barco é irrelevante em relação à preocupação deles sobre a falta de pão. É impressionante!

Como é que Jesus, então, os ajuda a crescer, a sair da redução do sinal a aparência? Não realiza outro milagre – já tinham visto muitos e não tinham entendido, de que adiantaria realizar outro? – e tampouco lhes explica quem Ele é. Jesus estimula-os a não se deterem na aparência, desafiando-os com perguntas. É fundamental ver como Ele se comporta.

«Percebendo [a discussão deles], Jesus disse-lhes: “Por que discutis sobre o facto de não terdes pães? Ainda não entendeis, nem compreendeis? Vosso coração continua endurecido? *Tendo olhos, não enxergais, e tendo ouvidos, não ouvis?* Não vos lembrais? Quando reparti cinco pães para cinco mil pessoas, quantos cestos recolhestes, cheios de pedaços?” – “Doze”, responderam eles. “E quando reparti sete pães com quatro mil pessoas, quantos cestos recolhestes, cheios de pedaços?” – “Sete”, responderam. Jesus então disse-lhes: “E ainda não entendeis?”».<sup>115</sup> Desta forma, Jesus desafia-os a ir até ao fundo no que viram, para trazerem à tona o conhecimento d’Ele a partir da experiência feita. Educa-os a olhar em profundidade para o que tinham visto e estavam a ver. Senão, teriam continuado a reduzir qualquer outro milagre que Ele fizesse.

<sup>114</sup> Mc 8,14-16.

<sup>115</sup> Mc 8,17-21.

Jesus provoca então os discípulos a um uso pleno da razão: é isso o que eles precisam para não reduzirem o sinal a aparência. E um uso pleno da razão implica uma posição de abertura («aquela abertura viva ao objeto que se torna afeição»),<sup>116</sup> que é a posição original em que fomos criados. Por isso, diz Dom Giussani, «o coração do problema cognitivo humano não exige uma capacidade particular de inteligência. [...] O centro do problema é realmente uma posição justa do coração, [...] uma moralidade»:<sup>117</sup> em vez de um coração endurecido, de pedra, que não se deixa tocar por nada e por ninguém, um coração de carne, escancarado, que se deixa ferir pelo real. Porque o homem «vê com os olhos da razão na medida em que o coração estiver aberto, na medida em que a afeição sustentar a abertura dos olhos [...] O olho da razão vê, portanto, enquanto for sustentado pela afeição, que já expressa o jogo da liberdade».<sup>118</sup>

Mas esta capacidade de despertar até ao fundo a razão deles é uma maneira através da qual se manifesta a diferença de Cristo, a Sua excepcionalidade, a Sua “divindade”. Imaginemos como se deviam perguntar: «Quem é este que é capaz de escancarar desta forma a nossa razão e nos permite identificar o significado das coisas que vimos acontecer sem contudo termos entendido?» É a mesma experiência que também nós, dois mil anos depois, fizemos com Dom Giussani. Se não tivéssemos sido educados para esta abertura, se não fôssemos continuamente educados a ela, não veríamos nada, nem sequer o que temos bem diante do nosso nariz, a não ser reduzindo-o.

Assim, a incapacidade tornou-se para os discípulos outra ocasião para conhecerem melhor Jesus. Sem a Sua presença, com efeito, não teriam entendido. É a Sua presença que, escancarando a sua razão, provocando-os a uma posição correta do coração, os faz reconhecer a natureza do gesto feito por Jesus. Nós também podemos conhecer Cristo pelo facto de que Ele, com o instrumento humano de que se serve, nos faz olhar para o real sem ficarmos presos na aparência. Senão Deus desaparece do horizonte da vida. E não porque Deus não exista. Não é que Jesus não estivesse lá e os discípulos não tivessem visto dois milagres efetivamente espantosos! O problema é que não estavam abertos a reconhecer os sinais até à sua origem. Por isso, se a Sua presença não acontecer agora e nós não estivermos dispostos a segui-la, mesmo com todos os Evangelhos e com todos os textos de Dom Giussani à disposição, não vamos ver nada de nada.

---

<sup>116</sup> S. Alberto - J. Prades - L. Giussani, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, p. 30.

<sup>117</sup> L. Giussani, *O sentido religioso*, Verbo, Lisboa 2008, p.47.

<sup>118</sup> S. Alberto - J. Prades - L. Giussani, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 30.

«Escrevo-te para agradecer o caminho que estamos a fazer, porque pertencer ao Movimento mudou profundamente a minha vida. Pertencer à Fraternidade está a tornar-se um vínculo cada vez mais profundo que me liberta das minhas imagens e das imagens de quem está à minha volta. É como se “quem eu sou” passasse precisamente por esta pertença. É aí que me descubro e me conheço cada vez mais e de uma forma inesperada. Na última vez, provocaste-me muito com o que disseste sobre a letícia, mas muitas vezes eu não faço o trabalho que me permite reconhecer a origem desta letícia.» É o que acontecia com os discípulos. «Só assim Jesus pode tornar-se familiar, e juro que é a urgência mais imperativa que tenho, porque só quando O reconheço é que volto a estar presente para mim mesma, presente e apaixonada porque sou desejada, e então as coisas começam a falar-me outra vez» – ou seja, a vida é outra vida –. «E a relação com Ele vence tudo.»

O que lhe deu a certeza de ter chegado à origem do encontro com o Movimento, daquilo que lhe é dado? O facto de as coisas começarem a falar-lhe outra vez, estarem cheias de significado, como o gesto de amor de uma mulher pelo marido ou pelo filho. Ela reencontrou-se presente para ela mesma, e assim reconheceu realmente a realidade. Só o acontecimento presente de Cristo é que vence a ideologia, isto é, a redução do que vemos. «A ideologia tende a afirmar como concreto o aparente, e o aparente é só o que se vê, se ouve, se toca. Mas a forma de olhar própria do homem é a razão, que (deixando-o intacto) reveste o contacto do eu com aquilo com que embate, esclarecendo-o e julgando-o, ou seja, reconhecendo a coisa na sua referência a outra; de facto, só se pode julgar se houver uma profundidade hipotizável».<sup>119</sup>

### c) *Redução do coração a sentimento*

A terceira redução nasce daquilo que dissemos até agora: trata-se da redução do coração a sentimento. É marcante que a provocação de Jesus aos discípulos no barco tenha sido: «Tendes o coração endurecido?» Entende-se o significado da palavra «coração» se considerarmos a pergunta final: «E ainda não entendeis?» Para Jesus, como para toda a tradição bíblica, o coração tem uma função cognoscitiva. Sem o coração, não é possível entender. «Até hoje, porém, o Senhor – diz o Deuteronómio – não vos tinha dado coração para entender».<sup>120</sup> É precisamente o uso do coração o que permite entender os factos. Giussani captou em profundidade a questão: «Os fac-

<sup>119</sup> L. Giussani, *L'uomo e il suo destino. In cammino*, op. cit., p. 114.

<sup>120</sup> Cf. Dt 29,3.

tos» – os factos que fazem «reviver o Acontecimento original» – devem ser lidos com o coração, quer dizer, com a razão afetivamente empenhada». <sup>121</sup>

O oposto de uma razão afetivamente empenhada é, como diz a terceira premissa d' *O sentido religioso*, um cérebro «morto e sepultado» <sup>122</sup> – ele diz mesmo assim – diante daquilo que acontece, como vimos nos discípulos no barco. «Ó homens sem inteligência e lentos de espírito em acreditar em tudo quanto os profetas anunciaram!», <sup>123</sup> diz Jesus aos discípulos de Emaús. Quando somos «lentos de espírito», o nosso olhar fica «morto e sepultado» diante do acontecer das coisas.

Dom Giussani indica desta maneira o núcleo da terceira redução: «Nós tomamos o sentimento em vez do coração como motor último, como razão última do nosso agir». O que significa isto? Que «a nossa responsabilidade se torna vã justamente ao cedermos ao uso do sentimento como prevalecente sobre o coração, reduzindo assim o conceito de coração ao de sentimento. No entanto, o coração representa e age como factor fundamental da personalidade humana; o sentimento não, porque tomado sozinho age como reatividade, no fundo é animalesco». <sup>124</sup> Como escreve Pavese: «Não compreendi ainda a parte trágica da existência [...]. E, no entanto, é muito clara: é preciso vencer o abandono voluptuoso, deixar de considerar os estados de espírito como fins em si mesmos». <sup>125</sup>

Continua Giussani: «O coração indica a unidade de sentimento e razão. Ele implica uma concepção de razão não paralisada, uma razão conforme toda a amplitude da sua possibilidade: a razão não pode agir sem aquilo a que se chama afeição». Por isso, o coração – como unidade de sentimento e razão – é «a condição da realização saudável da razão». Sempre me marcou esta frase de Giussani: «A condição para a razão ser razão é que a afetividade a invista e assim mova o homem todo». <sup>126</sup> Sem isto, nós vemos tudo de forma reduzida.

Como sair da redução do coração a sentimento? O que possibilita a atuação saudável da razão? Uma presença. Não se trata de nos submetermos a um treino específico. Só uma presença afetivamente atraente, dizíamos esta manhã, que tenha a capacidade de atrair toda a nossa afetividade até nos colar a ela, é que pode dilatar a nossa razão, segundo a sua verdadeira natureza de abertura total à realidade, como aconteceu aos discípulos de Emaús

<sup>121</sup> L. Giussani, *L'uomo e il suo destino. In cammino*, op. cit., p. 66.

<sup>122</sup> G. Giusti in L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 47.

<sup>123</sup> Lc 24,25.

<sup>124</sup> L. Giussani, *L'uomo e il suo destino. In cammino*, op. cit., pp. 116-117.

<sup>125</sup> C. Pavese, *O ofício de viver*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988, p. 407.

<sup>126</sup> L. Giussani, *L'uomo e il suo destino. In cammino*, op. cit., p. 117.

ao encontrarem Jesus no meio do caminho. Isto, que intelectualmente parece difícil de entender, compreende-se muito facilmente quando acontece. É a presença da mãe que, atraindo toda a afeição da criança, dilata a sua razão. Surpreendemo-lo isto no rosto encantado, totalmente aberto, da criança quando a mãe vem ao seu encontro. E é justamente esse olhar escancarado, suscitado pela presença amorosa da mãe, que lhe permite reconhecer a mãe pelo que é, em toda a profundidade de bem que ela traz em si. Pensemos mais uma vez nos discípulos de Emaús: «Não estava o nosso coração a arder cá dentro quando Ele nos falava pelo caminho?».<sup>127</sup> Quando acontece é fácilmo de reconhecer. Primeiro não percebíamos; chega Ele, «a mente retorna»<sup>128</sup> e tudo recomeça. De onde se vê que entenderam e que aquele ardor do coração não é sentimentalismo? Do facto de que os dois regressaram «naquela mesma hora» para Jerusalém. É sempre um movimento novo no real que nos diz que alguma coisa aconteceu.

Só um coração concebido e vivido como razão e afeição, ou seja, não reduzido a sentimento, é que pode identificar e reconhecer a verdade. Mas para que esse coração desperte completamente é preciso que haja uma presença: a Sua presença. Um coração assim desperto não se pode enganar quando fica diante da verdade, a não ser contradizendo-se a si mesmo. Por isso, a ajuda decisiva de Cristo ao caminho humano é o despertar do coração do homem. Ele volta a pô-lo em movimento, às vezes só com perguntas: «E ainda não entendeis?», impedindo que a preguiça vença. Acontecendo, Cristo desperta o coração do homem de tal forma que lhe permite reconhecer a Sua diferença, ou seja, a verdade, de modo a que não possa confundir-la com algum outro substituto. Qualquer imitação da verdade, sempre falsa, é desmascarada.

## **2. A necessidade de um lugar que nos devolva o olhar original**

De tudo quanto vimos até agora, sobressai a necessidade de um lugar que nos devolva e sustente constantemente um olhar original, escancarado.

O que é que pode vencer as reduções descritas, que nos fazem olhar para o real de como míopes? Estas só são vencidas por um acontecimento. Paradoxalmente, estas mesmas reduções, que muitas vezes encontramos em nós como alguma coisa que nos sufoca, podem tornar-se ocasiões para o revelar-se de Cristo perante nós e, portanto, para um conhecimento d'Ele não desligado da experiência. Para sairmos das reduções descritas, preci-

---

<sup>127</sup> Cf. Lc 24,32.

<sup>128</sup> Cf. «La mente torna», letra de G. Mogol, música de L. Battisti.

samos, de facto, de embater na Sua presença. Isto significa que nós conhecemos Cristo a partir do interior da experiência na qual vemos a vitória sobre elas.

Livrando-nos da miopia com que normalmente olhamos para o real, Cristo faz surgir um eu com uma capacidade de conhecer antes desconhecida. Por isso, a única alternativa verdadeira à ideologia não é uma doutrina ou uma ética – que não são capazes de dilatar a razão; de facto, podemos ter muita doutrina ou ser eticamente “bons” e continuar fechados –, mas um eu novo, originado por um acontecimento, um eu capaz de não ficar preso nos mecanismos reduzidos do nosso modo habitual de conhecer (como aconteceu com a rapariga catalã, que citamos tantas vezes, que na ocasião do referendo desmascarou a pretensão totalizante da ideologia).

Quantas vezes dissemos que o eu desperta do seu torpor, da sua redução, num encontro! «A pessoa encontra-se a si mesma num encontro vivo».<sup>129</sup> A pessoa que nasce no encontro é uma criatura nova. Isto torna-se visível principalmente pela capacidade de conhecer que ela adquire. «A criatura nova tem uma *mens* nova (*noûs*, em grego), uma capacidade de conhecer o real diferente da dos outros».<sup>130</sup>

Este «encontrar-se» do eu não acontece só no início e de uma vez por todas. Como vimos na história do povo de Israel e na experiência dos discípulos, estamos sempre e constantemente expostos ao risco de voltar a cair na redução do nosso eu e do olhar que temos sobre o real. Como pode então continuar a estar viva, momento a momento, esta criatura nova que conhece o real de forma diferente? Isto só pode acontecer se Cristo permanecer contemporâneo, num lugar, e nós não nos separarmos d’Ele. Nós já o recordamos: «O conhecimento novo implica [...] estarmos em contemporaneidade com o acontecimento que o gera e continuamente o sustenta».<sup>131</sup> Testemunhava-o a primeira carta que li esta tarde: «Pertencer ao Movimento mudou profundamente a minha vida [...]. Libertar-me das imagens minhas e das imagens de quem está à minha volta. É como se “quem eu sou” passasse precisamente por esta pertença». Para ter essa capacidade nova de conhecer é preciso, portanto, não se separar do acontecimento que a gera. «Uma vez que essa origem não é uma ideia, mas um lugar, uma realidade viva, o juízo novo só é possível numa relação contínua com essa realidade, quer dizer, com a companhia humana que prolonga no tempo o Acontecimento inicial.» Pelo contrário, «quem privilegia as suas análises ou as suas deduções, no fim ado-

<sup>129</sup> L. Giussani, *L’io rinasce in un incontro (1986-1987)*, Bur, Milão 2010, p. 182.

<sup>130</sup> S. Alberto - J. Prades - L. Giussani, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 74.

<sup>131</sup> *Ibidem*, p. 75.

tará os esquemas do mundo». Portanto, conclui Dom Giussani, «permanecer na posição da origem em que o Acontecimento faz nascer o conhecimento novo é a única possibilidade de se relacionar com a realidade sem preconceitos, segundo a totalidade de seus factores». <sup>132</sup>

Se essa Presença que reabre os nossos olhos não acontecer constantemente na nossa vida, se não a reconhecermos e não aderirmos a ela, o nosso olhar entorpece-se e acabaremos por negar a presença concreta de Deus no mundo, como diz o Papa. Isto não diz respeito só aos outros, mas principalmente a nós.

Quando experimentamos um conhecimento verdadeiro, realmente novo, é fácil reconhecer essa diferença como sinal da Sua presença agora. Há pessoas que, não tendo nenhum *background* cristão, se dão conta de maneira espantosa, ardente, da diferença de vida daqueles pelos quais Cristo se faz presente. Elas testemunham-nos todo o espanto que essa diferença provoca nelas, a ponto de as mudar.

Uma rapariga de origem indiana que encontrou o Movimento em Madrid, depois de ter estado em Itália a fazer Erasmus, e depois de ter ido para a Índia e para a Inglaterra, tentando fugir de tudo o que lhe acontecera, escreveu ao Pe. Nacho, o responsável do Movimento em Espanha:

«Fui-me embora para a Índia para viver uma filosofia famosa. Decidi ir para lá achando que encontraria a felicidade. Mas nada. Foi uma decepção constante. Constante. Achei que saberiam explicar-me melhor quem sou, porque estou sempre com uma espécie de nó dentro de mim. E nada. O curioso é que todos os dias eu tentava esquecer o que tinha me acontecido, mas as primeiras pessoas em quem pensava quando acordava de manhã eram as de CL que eu tinha conhecido (tu, a Anita, o Gio, o Javi, o Marti, a Emi, o Pe. Carrón). Eu esforçava-me para apagar estes pensamentos, mas eram sempre a primeira coisa que me vinha à cabeça quando eu abria os olhos. Depois decidi ir para Londres. Mas aconteceu a mesma coisa. O tempo todo com este nó dentro de mim, que não desaparecia de maneira nenhuma. Saí com vários rapazes, e nada. Quando estava com outros rapazes eu só pensava no Gio», um rapaz que ela tinha conhecido aqui em Itália e com quem tinha começado uma relação, «em como ele me queria bem, em como me tinha tratado, em como eu me sentia a pessoa mais preciosa do mundo estando com ele, e na forma como ele olhou para cada pormenor sobre mim de uma maneira completamente diferente. Assim, uma vez que o Gio veio a Londres, eu disse-lhe que queria recomeçar com ele» – de facto, ela também tinha fugido dele –, «mas ele disse-me que

---

<sup>132</sup> *Jvi.*

não, pois estava para consagrar a sua vida a Deus. Foi precisamente no último período, em que ele estava a viver essa relação tão exclusiva com Deus, que me amou mais do que nunca. O que ele está a viver deve ser algo de muito real para tê-lo mudado assim, ainda que eu não perceba. Depois desse período londrino, a minha mãe pediu-me expressamente para não a contactar mais, porque não conseguia enfrentar a dor de já não ter o meu pai» – que tinha morrido alguns anos antes –, «e não podia ter ninguém como eu, que a lembrasse tanto dele. Às vezes a dor cega-me de tal forma, que não consigo dizer se haverá em algum sítio alguém que me acolha».

Mas as contas não batem certo! Mesmo assim, continua a carta, de facto, «há alguma coisa que não posso negar e que continua a parecer-me incrível. Se, de algum modo, penso em alguém de quem posso dizer que me sinto amada, penso em vocês. Lembro-me que no começo de toda a minha história, quando lia as coisas que Jesus dizia e fazia, não as sentia estranhas; ouvia, via pessoas que eram como Ele, que falavam como Ele, que tratavam as pessoas à sua volta como Ele as tratava. Esta é a única coisa diferente que vocês têm em comparação com todas as outras pessoas. E começo a dar-me conta agora de que em vocês não há nada de diferente em comparação com o resto do mundo, a não ser o encontro com Cristo! E quanto mais me pergunto por que razão vocês fazem as coisas, mais tenho de reconhecer tudo o que fazem como ligado à relação com Ele. Por que razão tu [Nacho] escolherias não te casares, não teres filhos? De qualquer outra pessoa, eu poderia pensar que estava louca, mas tu não és estúpido. É nestes factos que Cristo se aproxima de mim mais uma vez, é aí que vejo que Ele não pode ser uma invenção, uma mentira, ainda que eu duvide mil vezes disso. Estes são os factos que não me deixam perder a esperança. Todos os dias me levanto pedindo para ver que Ele não me deixa sozinha. Não posso afirmar que estou sozinha. Não posso. Dizer-te a verdade surpreende-me. Cristo devia ser como vocês, uma pessoa que ajudava os outros a perceberem-se, a olhar o fundo do próprio coração e a perceber quem eram: uma pessoa estava perdida e, quando se cruzava com ele, reencontrava-se a si mesma. Tal como aconteceu comigo quando vos conheci: percebo-me, conheço-me melhor, antes estava como que morta. Eu não posso negar que fui olhada e tratada como Cristo tratava e olhava as pessoas, como o pequeno Zaqueu, um tipo que não valia nada, como eu. O facto é que a única coisa – a única – que todas estas pessoas têm em comum é que todas – todas! – têm uma relação pessoal e quotidiana com Cristo. Dei-me conta de outra coisa. Há um pequeno ponto que depende de mim; parece um nada, mas é tudo: reconhecer tudo isto que te disse. A minha pessoa joga-se na decisão de confiar que tudo isto é por Cristo,



ou pensar que é simplesmente por um acaso que todas as pessoas com estas características estejam no mesmo lugar. Às vezes vejo como confundo tudo e traio tudo o que vivi antes. E é como se esquecer os passos que dei me deixasse mais infeliz, me deixasse até mesmo mais estúpida. Mas não posso esquecer-me daquilo que já vivi, do que já está dentro de mim. E espero que volte a acontecer-me, eu procuro-O, olho para as pessoas esperando que volte a aparecer aquele olhar, que voltem a aparecer aqueles olhos que eu não trocaria por nada no mundo, aqueles olhos que me tornam consciente de que existo por um motivo, que me amam ainda que eu não saiba nada. Espero vê-lo em cada pessoa que encontro, e às vezes inconscientemente olho para o rosto de cada um, até dos desconhecidos, para ver se encontro alguma coisa Sua, alguma coisa própria d'Ele, que me faça voltar a ver que existe, e existe para mim. Porque muitas vezes a vida, a minha vida, é mais inquieta, até dolorosa, desde que O encontrei, mas é também mais qualquer coisa: é viva. É como se Ele fosse a nascente da minha vida: eu estava morta e agora vivo».

Este é o testemunho de um eu renascido graças ao encontro com Cristo. Aquela jovem não sabia nada do cristianismo, mas depois de ter conhecido os amigos do Movimento pode estar com verdade num mundo em que as evidências colapsaram, surpreendendo-se a procurar Cristo em cada pessoa que encontra, sem medo de sofrer contaminações, vivendo só do espanto pela Sua presença, do entusiasmo sempre novo por Ele. «O cristianismo na história é», estudámos na Escola de Comunidade: «A aurora de uma humanidade diferente, de uma comunidade humana diferente, nova, mais verdadeira».<sup>133</sup>

Pertencer a uma «história particular» – como é a vida do Movimento – tornou possível a esta rapariga uma tamanha descoberta de si («Percebo-me, conheço-me melhor, antes estava como que morta, [...] estava morta e agora vivo») que, mesmo tendo feito de tudo para esquecer o que se passara com ela, não conseguiu arrancá-lo de si. Quanto mais procura, quanto mais pessoas conhece, quanto mais vive, mais fica clara a diferença em relação ao que encontrou. O coração demonstra, em experiências como esta, toda a sua objetividade! Não é possível trocar Cristo por nenhuma satisfação barata, o Seu olhar por nenhum outro olhar e o Seu amor por uma imitação qualquer do amor. É impressionante a irredutibilidade de Cristo que cada uma dessas coisas ilustra.

Mas, para que todos estes sinais levassem a uma certeza sobre Ele, foi necessário um caminho de convivência com as pessoas que a marcaram

<sup>133</sup> L. Giussani, *Porquê a Igreja*, op. cit., p. 242.

e a lealdade de reconhecer o ponto que tinham em comum todos os que a impressionavam tanto. Por mais que se recusasse a reconhecer que fora Cristo quem mudara todas as pessoas que conheceu, por mais que ela fosse incoerente, os únicos relacionamentos que a deixavam sem palavras eram justamente aqueles com pessoas cuja vida lhe falava d'Ele. Ela conheceu Cristo justamente porque nunca se desligou da sua própria experiência. E essa experiência levou-a à consciência de haver, nas pessoas que ela tinha encontrado, alguma coisa que não se encontrava em nenhum outro lugar e que não podia ser reduzido às suas capacidades humanas. Era “alguma coisa” que ela nunca teria imaginado, a qual porém não podia negar, da qual ouvira falar por eles próprios, à qual o seu ex-namorado decidira dedicar a vida: Cristo. Percebeu que o reconhecimento desse “factor” não podia ser delegado a mais ninguém, só podia ser dela. Desde então continuou a procurar Cristo em cada olhar, em quem quer que encontre.

A partir de um encontro, Cristo é reconhecido como o coração da vida. Escreve uma outra amiga: «Uma noite, voltei para casa depois da caritativa no Banco Alimentar e comecei a contar ao meu marido como tinha sido. A certa altura, ele disse-me: “Sou mesmo um sortudo por viver contigo: não deixas escapar nem um pormenor dos teus dias, pedes o máximo e fá-lo sempre, nunca te contentas e deixas-te questionar por tudo o que te acontece. Para mim isso é invejável! Eu também queria viver como tu”. Nesse mesmo momento subiu por mim acima um sentimento de ansiedade e respondi logo: “Olha que não são as minhas capacidades, eu não sou boa! Eu sou assim porque encontrei Jesus, que mudou a minha vida, que me faz olhar para tudo dessa maneira que tu dizes que é ser fascinante e desejável também para ti. A companhia do Movimento torna-O vivo e torna-me viva”. Naquele momento, percebi o que quer dizer conhecer Cristo na minha experiência: não quer dizer conhecer uma pessoa estranha à minha vida, mas reconhecê-Lo como verdade de mim mesma! Porque eu não consigo pensar em mim mesma, em como vivo, nas perguntas que tenho, no que faço, sem Ele; não “sem pensar n'Ele”, mas sem Ele mesmo! Eu não posso dizer “Eu” sem Ele! Como dizia o título dos Exercícios do ano passado: “O meu coração exulta porque Tu, Cristo, vives!”».

A única resposta prática, concreta, efetiva à situação descrita acima – caracterizada pelas três reduções iluminadas por Dom Giussani –, na qual Deus, Cristo, é percebido como abstrato, estranho à vida, é o cristianismo como acontecimento. «Eis que faço uma coisa nova, que já está a germinar: não o notais?»<sup>134</sup>

---

<sup>134</sup> Is 43,19.

Como é que o Mistério nos facilita a superação da abstração à qual tantas vezes relegamos Cristo? Através da Igreja, lugar da comunicação da verdade, cujo instrumento é o milagre. «O milagre é [...] um acontecimento, algo que acontece, que uma pessoa não previa, que uma pessoa não pode explicar, mas acontece, é o conteúdo de um acontecimento que te obriga a pensar em Deus.» E o maior milagre é a mudança do humano, é um humano realizado: uma abertura do coração e da razão, um olhar para si e para os outros, uma gratuidade, uma letícia, uma fecundidade, uma construtividade impossível de pensar. «Palavras e factos impossíveis. Isto é o milagre. Presenças que são um milagre.» Dom Giussani cita, por exemplo, Madre Teresa e acrescenta: «Palavras e factos, [uma] presença impossível de pensar. Tão pura, tão coerente, tão poderosa, continuando a ser presença na minha fragilidade: a sua humanidade é como a minha, mas na sua humanidade floresce alguma coisa que vem de Algo maior [...] Milagre, portanto. Trata-se de uma realidade que eu vejo, sinto e toco, [...] mas que não posso reduzir àquilo que vejo, sinto e toco, que me remete obrigatoriamente para alguma outra coisa. Eu teria de negar essa realidade ao negar esse “remeter”. E, se a reduzisse, eu a aniquilaria».<sup>135</sup>

Mas por que é que, mesmo perante todas estas coisas que ocorrem, em muitas ocasiões nos acontece sermos como aqueles a quem Jesus censura? «Mas a quem posso comparar esta geração? É semelhante a crianças que estão sentadas nas praças e gritam umas às outras: “Tocámos flauta para vós e não dançastes, entoámos lamentações e não chorastes!”. Veio, efectivamente, João, que não come nem bebe, e dizem dele: “Está possesso”. Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizem: “Aí está um glutão e bebedor, amigo de publicanos e pecadores”. Mas a sabedoria foi justificada pelas suas obras”». Depois disto, Jesus «começou então a censurar as cidades onde tinha realizado a maior parte dos Seus milagres por não terem feito penitência: “Ai de ti, Corazain! Ai de ti, Betsaida! Porque, se os milagres realizados entre vós tivessem sido realizados em Tiro e em Sidónia, de há muito teriam feito penitência”».<sup>136</sup>

É impressionante que, depois desta censura, Jesus diga: «Bendigo-Te ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos entendidos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque isso foi do Teu agrado. Tudo Me foi entregue por Meu Pai, e ninguém conhece o

<sup>135</sup> L. Giussani, “Em busca de um rosto humano”, *Litterae Communione*, n. 49, 1996, pp. XXVII-XXVIII.

<sup>136</sup> Mt 11,16-21.

Filho senão o Pai, como ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar».<sup>137</sup>

Todos estão diante dos factos (assim como nós estamos). Seria razoável submeterem a razão à experiência, depois de terem visto tantos milagres realizados por Jesus. Mas é a isso mesmo que os sábios e os entendidos não estão disponíveis. Não O reconhecem não porque faltem os milagres, mas porque não existe neles a disponibilidade de notá-los.

### 3. Se não vos tornardes como crianças

Eis, então, o que é preciso: sermos como crianças. Ultrapassar a lógica dos sábios, contrária à dos pequeninos. Por isso, Jesus é categórico, como cantamos: «Se não vos tornardes como crianças...».<sup>138</sup> «Quem não receber o reino de Deus como uma criancinha, não entrará nele».<sup>139</sup> Mas como posso eu, enquanto adulto, voltar a ser criança? É pergunta de Nicodemos a Jesus: «Como pode nascer um homem sendo velho? Poderá entrar segunda vez no seio de sua mãe e voltar a nascer?». Jesus fica espantado com a pergunta e com o facto de um homem inteligente como Nicodemos não perceber o alcance da questão: «Tu és mestre em Israel e não sabes estas coisas?».<sup>140</sup>

Estamos diante de um ponto fundamental, como nos recorda Dom Giussani: «A grande questão é voltarmos à origem, a grande questão é voltarmos a ser como Deus nos fez. De facto, o que é a moralidade? A moralidade é viver na posição com que Deus nos fez. Só quem vive nesta posição reconhece a Sua Presença».<sup>141</sup> Por isso von Balthasar observa: «É a simplicidade que é a premissa de tudo o resto!».<sup>142</sup> Sem ela, não nos damos conta do que acontece, dos factos que acontecem diante dos nossos olhos; estes não são reconhecidos como sinais de algo diferente. Com a consequência inevitável de que os factos se tornam inúteis, ou seja, já não servem para aumentar o conhecimento de Cristo, a familiaridade com Ele.

Com este apelo, Jesus não está a pedir, obviamente, que permaneçamos para sempre num estado infantil. Quando Cristo apontou como modelo a criança, «evidentemente não punha como ideal o infantilismo, mas a aber-

---

<sup>137</sup> Mt 11,25-27.

<sup>138</sup> C. Chieffo, «Canção de Maria Clara», *Cancioneiro*, Comunhão e Libertação, 2017, p. 185.

<sup>139</sup> Mc 10,15.

<sup>140</sup> Cf. Jo 3,4.10.

<sup>141</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?, Vol.II Esperança*, Tenacitas, Coimbra 2009, p. 51.

<sup>142</sup> H.U. von Balthasar, *Se non diventerete come questo bambino*, Piemme, Casale Monferrato (AL) 1991, p. 9.

tura de espírito que a natureza assegura automaticamente na criança, de tal modo essa é a condição necessária para o desenvolvimento do humano, e que no adulto é, como todo o valor, afadigada conquista». <sup>143</sup> É por causa desta dificuldade que isto parece tão impossível de alcançar, tal como seria impossível nascer de novo quando se é velho, entrando uma segunda vez no seio da própria mãe para renascer.

Mas o próprio Jesus testemunha que não é impossível vivermos, enquanto adultos, como crianças. «Todas as suas palavras e os seus gestos revelam que [Jesus] olha para o Pai com o eterno espanto da criança: “O Pai é maior do que eu” (Jo 14,28). [...] [Jesus] nunca pensa em conquistar a sua origem [...]. Sabe que é dom dado a si mesmo, e que não subsistiria sem Aquele que se priva do dom mesmo doando-se nele. O que o Pai doa é o ser-eu-mesmo, a liberdade». <sup>144</sup> Jesus sabe que é dado pelo Pai. E esse dom enche o Filho de espanto, de maravilha e de gratidão. «De facto, o gesto da eterna transferência [entrega] do Pai ao Filho está constantemente presente, nunca está completamente concluído, acontecido [qualquer coisa passada, concluída] ou devido [...]. Ainda que este seja memória infinita, continua sempre sendo a oferta perenemente nova, de certa forma aguardada com infinita e amorosa confiança. O menino Jesus certamente se encanta com tudo: com a existência da mãe que o ama, com a própria existência e, a partir de ambas, com todas as criaturas do mundo, desde a florzinha mais pequena até o firmamento interminável. Contudo, esse espanto tem origem no espanto muito mais profundo do Filho eterno que no Espírito absoluto do amor se encanta com o próprio amor que tudo domina e supera. “O Pai é maior”». <sup>145</sup> Esta consciência do Pai é a que transparecia em cada gesto Seu. Como diz Giussani, «o homem Jesus de Nazaré – investido pelo mistério do Verbo e, por isso, assumido na própria natureza de Deus (mas a Sua aparência era absolutamente igual à de todos os homens) –, a esse homem não o viam fazer um único gesto sem que a sua forma demonstrasse a consciência do Pai». <sup>146</sup>

Mas Jesus não é um caso isolado, como aponta von Balthasar: «Pode deduzir-se dos maiores santos que não existe conflito entre o permanecer criança [...] e a maturidade. [...] [Os santos] mantêm até na idade avançada uma juventude miraculosa». <sup>147</sup> Vimos isso bem em Dom Giussani. E o Papa convida-nos a seguir estas presenças: «Frequenta pessoas que conservaram

<sup>143</sup> L. Giussani, *O sentido de Deus e o homem moderno*, Diel, Lisboa 2008, p. 32.

<sup>144</sup> H.U. von Balthasar, *Se non diventerete come questo bambino*, op. cit., p. 44.

<sup>145</sup> *Ibidem*, pp. 45-46.

<sup>146</sup> L. Giussani, «Un uomo nuovo», *Tracce-Litterae Communionis*, marzo 1999, pp. VII-IX.

<sup>147</sup> H.U. von Balthasar, *Se non diventerete come questo bambino*, op. cit., p. 41.

o coração como o de uma criança». <sup>148</sup> O que possibilitou neles ser como crianças? Aqui podemos entender a resposta de Jesus a Nicodemos: «Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no Reino de Deus». <sup>149</sup>

Tornar-se criança, nascer de novo é nascer do Espírito, aquele que recebemos no Batismo. É a comunicação do seu Espírito o que nos torna filhos como Ele é Filho, ou seja, filhos no Filho. Ser filhos no Filho significa receber tudo como dom, sem nos determos na aparência, reconhecendo tudo como dado pelo Pai. É a isto que quer conduzir-nos todo o caminho que Deus fez e continua a fazer conosco, de modo que tudo o que acontece possa introduzir-nos na relação com Ele. É pela familiaridade com Cristo e, através de Cristo, com o Pai, que nada da nossa vida perde. Sem tal familiaridade, pelo contrário, não temos aquele ponto de consistência que nos permite encarar o real com certeza, com paz, com uma novidade de olhar e de fecundidade.

Reconhecer tudo como dado pelo Pai muda até a nossa maneira de conceber a conversão a que somos chamados: «O caminho moral é o aparecimento da coerência, da qual somos incapazes [...]. A verdadeira coerência moral dá-se quando a pessoa fica espantada; espantada com o que acontece nela, com o dom que lhe é feito». <sup>150</sup> Quando não reduzimos aquilo que nos é dado, tudo se revela ocasião de reconhecer Deus presente no real: assim pode crescer a cada dia a nossa familiaridade com Ele, uma certeza na sua Presença que nos permite não sufocar nas circunstâncias, que nos torna livres, não ficticiamente, mas realmente. E podemos olhar para coisas da nossa vida que nunca quisemos olhar, como esta pessoa escreveu: «Meu amigo! Queria dizer-te que parto amanhã por alguns dias com o meu marido. Daqui a alguns dias será o aniversário do assassinato do meu pai. Há trinta anos que não vou lá, porque antes de te conhecer eu não olhava para esta ferida, não falava dela a ninguém, a não ser aos mais íntimos. Mas nestes últimos anos, também por causa da morte do meu filho, vi crescer uma familiaridade com Jesus inesperada. Então já não tenho medo e parto, mas vou rever os lugares onde cresci e onde já O esperava. E quem sabe o que mais vai me fazer descobrir... Obrigada pela tua amizade, que é mesmo um presente grande que Deus quis dar-me».

Jesus entrou na história para vencer todos os medos, todas as solidões, todos os obstáculos entre nós.

<sup>148</sup> Francisco, *Audiência geral*, 20 de setembro de 2017.

<sup>149</sup> Jo 3,5.

<sup>150</sup> L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, Bur, Milão 2009, p. 436.

É disto – do encontro real com Cristo na história – que o nosso mundo precisa, cada vez mais determinado pelos medos, pela desconfiança. Da experiência da Sua presença vitoriosa e transformadora nasce todo e qualquer ímpeto nosso. Dom Giussani sempre nos lembra: «É o conhecimento do poder de Jesus Cristo a razão profunda de qualquer gesto nosso de presença social e de comunicação ao mundo»,<sup>151</sup> que é aquilo que todos esperam. «Quando essa Presença atua em todas as relações da vida, quando nela ficam “penduradas” todas as relações; quando elas são salvas, julgadas, coordenadas, avaliadas, usadas à luz dessa Presença, tem-se uma cultura nova. Esta nasce então da posição que se assume perante tal Presença excepcional e decisiva para a vida».<sup>152</sup>

Portanto, que ninguém se engane: o conhecimento de Jesus a que Dom Giussani nos incentiva não é para nos tirar do real, das circunstâncias, mas para encher da Sua presença cada gesto, qualquer nossa «atividade associativa, operativa, caritativa, cultural, social, política». É assim que o início permanece, sem nunca se tornar passado: «No início construía-se, [...] procurava-se construir sobre alguma coisa que estava a acontecer e que nos tinha investido. Por mais ingénua e exageradamente desproporcionada que fosse, esta era uma posição pura».<sup>153</sup> Ao vivermos cada gesto a partir da pertença a Cristo presente, aumentaremos cada vez mais o conhecimento d’Ele e teremos cada vez mais razões para confiar.

Podemos agora compreender de forma mais consciente o alcance do convite do Papa Francisco: «*Encorajo-vos [...] a organizar-vos [disse no Perú] [...] como comunidades eclesiais que vivem ao redor da pessoa de Jesus. [...] A salvação não é genérica, não é abstrata. O nosso Pai vê pessoas concretas, com rosto e histórias concretos, e todas as comunidades cristãs devem ser reflexo deste olhar de Deus, desta presença que cria laços*».<sup>154</sup>

É disto que o mundo está à espera: «“Este mundo espera ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus [...]”. O homem de todos os tempos espera este homem novo, sem poder ter plena consciência disso dado o caráter inimaginável da iniciativa de Deus»,<sup>155</sup> diz a Escola de Comunidade. Só esta presença diferente, original, pode responder à expectativa do homem de hoje, como vemos em tantos relatos que fazemos e em tantas pessoas que encontramos, conscientes das suas necessidades.

<sup>151</sup> L. Giussani, «Storia di liberazione», in H.U. von Balthasar - L. Giussani, *L'impegno del cristiano nel mondo*, op. cit., p. 140.

<sup>152</sup> S. Alberto - J. Prades - L. Giussani, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 152.

<sup>153</sup> L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., pp. 88-89.

<sup>154</sup> Francisco, *Encontro com a população, Puerto Maldonado (Peru)*, 19 de janeiro de 2018.

<sup>155</sup> L. Giussani, *Porquê a Igreja*, op. cit., p. 228-229.

A este propósito, escreve von Balthasar: «Enquanto cristão significar em primeiro lugar tradição e instituições, os movimentos de libertação dos tempos modernos terão uma enorme vantagem». E identifica com uma perspicácia incomparável de que forma o debate poderá ficar interessante: «O verdadeiro confronto só terá lugar quando o cristão se empenhar [...] em mostrar que a autoabertura de Deus em Jesus Cristo é convite para entrarmos no espaço de liberdade absoluta, o único em que se pode desdobrar a liberdade humana».<sup>156</sup>

---

<sup>156</sup> H.U. von Balthasar, «Premessa», in H.U. von Balthasar - L. Giussani, *L'impegno del cristiano nel mondo*, op. cit., p. 24.



# *Domingo 29 de abril, manhã*

*À entrada e à saída:*

*Ludwig van Beethoven, Sinfonia n. 9 em ré menor, op. 125 «Coral»*

*Herbert von Karajan – Berliner Philharmoniker*

*“Spirto Gentil” n. 27, Deutsche Grammophon*

*Angelus*

*Laudes*

## ■ ASSEMBLEIA

***Davide Prosperi.*** A recolha de perguntas foi muito rica. Chegaram mais de mil e cem. É um sinal de que aquilo que vivemos nestes dias e as coisas que nos foram ditas se tocaram profundamente com perguntas e necessidades que temos na vida. Tanto é assim, que a maior parte das perguntas, como vamos ver, estão acompanhadas de experiências pessoais que confirmam ou se veem questionadas pelas coisas ouvidas. E isto é muito bom, é mesmo o sinal da utilidade de um gesto como este, porque sem a experiência de cada um de nós sendo questionada, não seria o mesmo gesto e levaríamos para casa muito pouco.

Entre as muitas questões que colocaram, houve três que nos marcaram de um modo particular. Resumo-as brevemente antes de começar com as perguntas.

A primeira tem a ver com o conhecimento novo, que faz crescer uma familiaridade com Cristo. Isto marcou muito, e volta a aparecer de várias maneiras: quer como algo que percebemos como já pertencente à experiência que vivemos, quer como algo que nos impressionou como uma sugestão inesperada, todos nós experimentamos o desejo de que a nossa vida – às vezes aparentemente vazia, repetitiva ou infeliz – possa ser invadida por esta familiaridade com o Senhor que torna tudo belo e grande, como foi para aqueles que estavam com Ele nas estradas da Galileia; que possamos fazer a mesma experiência deles.

A segunda refere-se à centralidade da memória na vida do cristão. Esta palavra faz parte mesmo do nosso ADN. Dom Giussani praticamente reinventou o seu significado, tal era o seu entendimento da força extraordinária que ela tem no mundo em que vivemos. Não se trata apenas de uma bela recordação do passado, como ouvimos nestes dias, mas é a rocha em que se apoia a possibilidade de vivermos o presente, sem medo e sem reduções.

A terceira, por fim, diz respeito ao valor da nossa grande companhia. O facto de não estarmos sozinhos neste caminho não é apenas um consolo: é o caminho.

Como eu dizia, chegaram muitíssimas perguntas. Sei que muitos, às vezes, ficam desiludidos porque consideram muito importante uma determinada questão, que sentem especialmente urgente ou que surgiu ouvindo as coisas que tu disseste, e não encontram resposta. Todos mereceriam uma resposta, mas obviamente não é possível; e ninguém, no fundo, desejaria isso, pois mais cedo ou mais tarde todos querem regressar para casa! Queria perguntar-te se tens alguma coisa a dizer sobre isto.

**Julián Carrón.** Obrigado, sim, queria dizer que é uma coisa maravilhosa que tantos de vocês voltem para casa com perguntas. Deixem-nas em aberto! Vamos começar um caminho de companhia, trabalhando sobre tudo o que dissemos, como fazemos normalmente. Terem surgido perguntas em tantos de vocês é o primeiro sinal do que aconteceu nestes dias, do facto de que alguma coisa se moveu em nós. É por isso, o primeiro dom destes Exercícios e é, para mim em primeiro lugar, motivo de espanto. Ter perguntas, como sabemos, é crucial para identificar as respostas, para entender. Víamos isto quando andávamos na escola: quem não se esforçava para perceber, para fazer os trabalhos de casa, nunca tinha perguntas. Só quem se esforçava é que as tinha. Então, guardem no vosso coração as perguntas que têm, e prestem atenção aos sinais, aos indícios de resposta que encontrarem ao longo do caminho. A vida, assim, tornar-se-á na aventura fascinante do conhecimento. Sempre me impressionou, quanto a isto, uma frase de Dom Giussani, no começo do quarto capítulo d' *O Sentido Religioso*: «Nós somos feitos para a verdade, entendendo por verdade a correspondência entre consciência e realidade». Por isso, «não será inútil repetir que o verdadeiro problema pelo que diz respeito à demanda da verdade [...] não é o de ser preciso dispor de uma inteligência particular ou de um esforço especial ou de meios excepcionais a empregar para a alcançar. A verdade última é como encontrar uma coisa bonita no caminho: se estivermos atentos, vemo-la, reconhecemo-la. O problema, portanto, está na atenção».<sup>157</sup> Ter perguntas facilita a atenção.

**Prosperi.** Começemos então com as perguntas.

«Ontem de manhã disseste que só a partir da escolha e da preferência de Deus por mim é que posso conhecê-Lo e conhecer-me também a mim mesmo, e que o que conta é a relação que Ele estabelece comigo. Intuo que

---

<sup>157</sup> L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 53.

este é um olhar novo sobre mim, que me liberta da medida que tenho sobre mim mesmo. Podes retomar este ponto?»

**Carrón.** A primeira coisa é dar-se conta. Por isso dedicámos toda a lição de ontem de manhã à tomada de consciência da preferência de Deus, da Sua iniciativa para connosco. Como veem, impressiona-nos sempre. Nunca é óbvia, uma pessoa apercebe-se de toda a sua novidade, porque desafia a nossa mentalidade, que faz com que nos apoiemos no que pensamos e nos nossos esforços. Foi Ele quem tomou a iniciativa. O que fazer, então, para que essa consciência se torne cada vez mais nossa? O que dissemos ontem de manhã não foi o lembrete de algo preliminar, para depois passarmos a outra coisa no discurso. Foi, isso sim, a tentativa de mostrar como é que essa preferência, que marcou o início da história de Israel, toca a nossa vida e pode entrar nas entranhas do nosso eu. A experiência da preferência de Deus demonstra-se tão desejável, que não posso deixar de sentir toda a urgência de que se torne minha, que me invada, até o ponto de eu viver desta consciência. Mas trata-se de um caminho, amigos! Todo o percurso estabelecido por Deus é para podermos alcançar a certeza da relação com Ele, do Seu amor pela nossa vida. Todos nós vemos com que dificuldade isso penetra na nossa mentalidade: de facto, nós achamos que é só uma questão de eficiência nossa, das nossas tentativas, das nossas análises, da nossa inteligência.

Dom Giussani ressalta que a coisa mais distante da nossa mentalidade é que um acontecimento – um acontecimento que volta a ocorrer continuamente – seja o que nos desperta para nós mesmos, para a verdade da nossa vida. Por isso a questão, como foi para o povo de Israel, é prestar atenção a qualquer sinal do acontecimento que volta a ocorrer, a qualquer indício daquela iniciativa incessante que Deus toma para podermos fazer experiência d’Ele – «Eu sou o Senhor» –, para podermos olhar-nos com o mesmo olhar que o Mistério tem por nós: «Preferi-te, és muito precioso para mim». Todo e qualquer gesto de Deus é para nos dizer isto, desde o início até agora. Não há um gesto de Deus, uma forma com que se aproxime de nós, que não seja para nos dizer isto. Daqui, pouco a pouco, nasce a consciência de que tu e eu *somos* a relação que Ele estabelece contigo e comigo, com cada um de nós. Imaginemos levantar-nos de manhã, todos os dias, com a consciência de Alguém que nos diz: «És muito precioso para mim». Que novidade entraria, independentemente do que tivéssemos de enfrentar! Como eu dizia ontem, citando von Balthasar, «o amor que Deus me tem faz de mim o que eu sou em verdade».<sup>158</sup> Se não nos olharmos assim, não nos olhamos bem.

---

<sup>158</sup> Ver aqui, p. 21.

Este olhar aconteceu e ninguém mais pode arrancá-lo da história. Deus é absolutamente único e, enquanto me concede Seu amor, torna-me único também a mim. Tu e eu somos definidos por esse olhar sobre nós. Qualquer outra imagem é uma redução de nós mesmos.

Começa então um caminho que é uma luta. Muitas vezes, com efeito, caímos nas medidas: se sou capaz de fazer isto ou aquilo, se consigo ser coerente, se o meu desempenho é adequado, como é que os outros me julgam... O nosso caminho é uma luta entre a minha medida – ou a dos outros – e a preferência que entrou na minha vida. Há Alguém que me diz: «Podes medir-te o quanto quiseres, podes cair o quando quiseres nas tuas medidas, mas tu és muito precioso para mim, vais sempre poder deixar entrar novamente em ti a minha preferência. Tu não és definido pela tua medida, tu és a preferência que eu tenho por ti». Daqui, só daqui, é que pode nascer uma ternura por nós, um olhar que nos permita abraçar-nos a nós mesmos sem ser um sentimentalismo. Na medida em que o acolhes, tu podes começar a lançar esse olhar na tua experiência, em tudo o que tocares. Quando essa Presença começa a investir todas as relações da vida, como dizíamos concluindo a lição de ontem à tarde, quando nela ficam suspensos todos os relacionamentos, quando eles são salvos, julgados, coordenados, avaliados e usados à luz dessa Presença, então tem-se uma cultura nova, um olhar novo para tudo. Porque a cultura nova nasce da posição que assumimos diante de tal Presença excepcional e decisiva para a vida. É o início de outro mundo, neste mundo. Convém-nos não perder este início, convém-nos que ele nunca se reduza a algo passado, mas que seja sempre um presente. Todo o esforço de Deus, a quantidade incalculável de iniciativas que Ele toma, é para nos convencer disto: «És muito precioso para mim, e nenhum dos teus erros, nenhum dos teus esquecimentos, nenhum dos teus maus humores pode apagar isto da face da terra». Por que razão então lutar contra esta evidência em nome de uma medida nossa, que jamais será verdadeira? De que adianta? A única verdade é esta: «És muito precioso para mim». A nossa luta será sempre uma luta desigual, porque, ainda que não nos demos conta, o que nos define em última instância é o olhar absolutamente único que Cristo tem por nós. Todo o trabalho da vida consiste nesta luta para deixá-lo entrar. De quanto tempo vamos precisar para que a consciência do Seu olhar penetre nas nossas entranhas?

***Prosperi.*** Agora há duas perguntas sobre o tema da memória.

«Que diferença há entre o “já sabido” e a “memória”? Existe alguma maneira de partir da experiência feita que é uma hipótese de partida no juízo sobre tudo? Ou isto está errado?»

A segunda, parecida, é um exemplo pessoal: «Ontem de manhã, disseste que “a fonte escorre por toda a nossa pessoa mesmo quando estamos absorvidos pelos compromissos terrenos”. Podes explicar melhor isso? Sou um profissional liberal e o meu dia está cheio de exigências de natureza “técnica”, às quais tenho de responder com urgência e sem parar. Muitas vezes, mesmo desejando, parece-me que a familiaridade com Jesus não aumenta. Como faço para ter o acontecimento sempre presente nos olhos e para aumentar isso nas ocupações do trabalho, que têm como objeto uma matéria que não parece ter nenhum nexos com Cristo? É um problema de crescimento da memória?»

**Carrón.** A diferença entre o «já sabido» e a «memória» – no sentido que Dom Giussani usa, quer dizer, no significado autenticamente cristão da palavra “memória” – é muito simples de entender. Trata-se de duas maneiras opostas de estar em relação ao que nos aconteceu. Pensemos em como, da mesma história, aquela de que falámos ontem de manhã, tenham nascido duas posturas antitéticas. Por um lado, a dos fariseus. Eles conheciam bem a sua história, eram os que mais a levavam a sério, aparentemente, mas a certa altura isso levou-os a achar que já sabiam como as coisas eram. E este «já sabido» paralisou-os, em vez de abri-los – como deveria ter acontecido precisamente por força daquilo que conheciam – para a nova iniciativa que o Mistério estava a tomar diante deles. Por outro lado, tem-se a postura de Nossa Senhora, de João e de André. Atenção, os fariseus, Nossa Senhora, João e André eram contemporâneos, viviam todos no mesmo momento e tinham todos a mesma grande história por trás. Mas esta história, em Nossa Senhora e em João e André, pelo modo como a tinham vivido, originou neles a abertura total à novidade que Cristo representava e que fora antecipada por tudo o que a iniciativa de Deus já fizera até então. A imanência àquela história particular, a memória dela, escancarou-os à ação imprevisível de Deus. Nos fariseus deu-se exatamente o contrário. Portanto a verificação, o teste se estou na postura do «já sabido» ou da «memória» é se estou aberto ao imprevisto que Deus faz acontecer perante os meus olhos ou então se estou fechado. Este fechamento não é só dos fariseus. Também Pedro o experimentou. Quando Jesus perguntou aos discípulos: «E vós, quem dizeis que eu sou?», Pedro respondeu: «Tu és o Messias, o Cristo, o Filho do Deus vivo». «Feliz és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi um ser humano que te revelou isso, mas o meu Pai que está no céu».<sup>159</sup> A mais ninguém Jesus dirigiu tamanho louvor. Mas, um segundo depois, Pedro acha

---

<sup>159</sup> Cf. Mt 16,15-17.

que já entendeu e que já sabe como são as coisas, e ele próprio faz o teste de que falei. Com efeito, depois de ter-lhe dito: «Feliz és tu, Simão», Jesus acrescenta: «Agora vamos a Jerusalém, pois devo dar a vida por vós». Pedro diz-lhe: «Nem se fala nisso!» Depois de tudo aquilo que tinha visto – a sua vida com Jesus fora de facto uma novidade contínua, feita de acontecimentos que nunca poderia ter imaginado –, logo após ter dado aquela resposta pela qual fora elogiado, em vez de seguir o imprevisto, ou seja, o que Jesus lhe dissera, Pedro fã-lo sentar-se no banco dos réus: «Não é possível! Que isto nunca aconteça!».<sup>160</sup> Vale também para nós: a nossa história de movimento, pela natureza que tem, em vez de ser o que origina uma abertura inesgotável à novidade da iniciativa de Cristo, pode tornar-se, pelo modo como a vivemos, o «já sabido» que torna “supérfluo” seguir: achamos que já não precisamos de seguir! Vemos isto pelo facto de dizermos a Jesus, como Pedro, o que deveria fazer. Num determinado momento, repondo uma comparação que usamos outras vezes, comportamo-nos como Kant: «Se já temos o Evangelho, por que ainda precisamos seguir? Podemos agir por conta própria». Nesta posição – dos fariseus, de Pedro, de Kant e muitas vezes nossa – o «já sabido» vence sobre a «memória». Desta forma, a lição de ontem não quis ser sobre a “história sagrada”, que vocês já conhecem, mas a tentativa de nos tornar conscientes do método de Deus, um método que ainda não é nosso, que ainda não aprendemos ou aceitamos, ao qual podemos ter sempre a tentação de nos subtrair, de modo que frequentemente acabamos dizendo, como Pedro: «Não, não, não pode ser assim». Mudamos de método, desligando-nos da origem. Mas o método será sempre o mesmo: uma iniciativa constante de Cristo, para seguirmos. Não diz respeito apenas ao passado, mas também e sobretudo ao presente. Por isso, Jesus adverte: «Quem recebe aquele que eu enviar, a mim recebe»,<sup>161</sup> porque Ele continua a enviar outros através dos quais se torna presente. Sem voltar a acontecer esta iniciativa, sim voltar a acontecer a Sua presença diante dos nossos olhos, não há experiência cristã, e com aquilo que “já sabemos” não duramos nem sequer um dia. O método de Deus corresponde à nossa necessidade. Temos de estar conscientes disso.

Vamos à segunda pergunta: como fazer para sempre ter o acontecimento de Cristo nos olhos e para aumentar a consciência da Sua presença nas atividades do trabalho? Lembro-me que uma vez me perguntaram como se podia fazer memória de Cristo enquanto se trabalhava. Respondi invertendo os termos do problema: «E tu, como é que consegues trabalhar sem

---

<sup>160</sup> Cf. Mt 16,22.

<sup>161</sup> Jo 13,20.

fazer memória de Cristo?» Como é que vocês se arranjam com tantas horas de trabalho, às vezes entre complicações e dificuldades, sem fazer memória? Como é que consegues acordar de manhã e levantares-te da cama, olhar para a tua mulher ou o teu marido e os filhos sem fazer memória? É justamente o contrário, como disse a nossa amiga indiana: mesmo quando tinha tentado fugir do que lhe acontecera, não conseguiu evitar que a primeira coisa que lhe vinha à cabeça quando abria os olhos fossem os rostos das pessoas que tinha encontrado e que tinham como única característica terem sido conquistadas por Cristo. A memória do que a conquistara determinava a espera por tudo. A memória é o fruto de uma familiaridade que a tudo torna leve. Estes Exercícios indicam-nos o caminho que temos de percorrer: não porque o decidimos nós, mas porque Ele o traçou. Se voltamos à origem, é para voltarmos a pôr diante dos nossos olhos o método de Deus: uma história, começada no passado, que continua no presente. Por isso, qualquer coisa, qualquer desafio, qualquer sofrimento são um convite à memória. Até mesmo qualquer insatisfação é uma ocasião para a memória: «Mas eu não te faço falta?»

**Prosperi.** «Podérias esclarecer o que significa que só se compreende com uma razão afetivamente empenhada?»

**Carrón.** Preparando os Exercícios – a primeira graça para mim é preparar este momento, na esperança de ser útil também para vocês –, marcou-me um texto que eu li muitas vezes; está contido no terceiro capítulo d' *O Sentido Religioso*. Depois de ter falado da descoberta de Pasteur – provavelmente todos se lembram desta passagem –, Dom Giussani dá um exemplo: «Suponhamos que Marco e eu vamos caminhando pelos passeios da cidade, porque Marco me apresentou um problema sério e eu me esforço por lhe dar explicações. Ele vai-me seguindo, e eu, cada vez mais apaixonado, mais lúcido – penso eu –, vou-lhe expondo as minhas razões. “Então, percebes?” “Sim, sim, até aqui cheguei.” Vamos com os olhos presos no passeio, discutindo. Mas ele levanta os olhos, enquanto, do lado oposto, vem uma miúda engraçada, e Marco: “Sim, sim”, repete cada vez mais mecanicamente, olhando para a bela figurinha e voltando a cabeça, enquanto ela se afasta. Até que, recolhendo melancolicamente o olhar quando ela se some no horizonte, regressa a mim no próprio instante em que eu termino e lhe digo: “Então, estás de acordo, Marco?”. E ele: “Não, não! Não estou convencido!”». Dom Giussani comenta: «Não é justo». Porquê? «Porque não estive atento. É o delito que a maior parte dos homens comete em face do problema do destino, da fé, da religião, da Igreja, do cristianismo» e de tudo aquilo

que acontece. Por que é que esta página me tocou tanto? Por causa daquilo que Giussani diz logo a seguir: «A grande maioria comete este tipo de delito porque, “em questões muitas outras ocupado”, o seu cérebro está “morto e sepultado”»<sup>162</sup>, ou seja, tudo menos empenhado. «Morto e sepultado», diz assim mesmo! Não é que não ocorram factos espetaculares – por isso ontem eu contei o milagre da multiplicação dos pães –, mas se o cérebro, diante de semelhantes factos, está «morto e sepultado», nós não os vemos. Por isso Dom Giussani sublinha que só pode entender quem estiver «comprometido com o que experimenta».<sup>163</sup> Quer dizer: a realidade existe, e existe também o meu eu, dotado do critério para reconhecer a verdade, mas a verdade da realidade e a natureza do meu eu só vêm à tona numa experiência, quando o meu eu está comprometido com o que existe e – ao mesmo tempo – está comprometido com o que experimenta, no que experimenta, quando depara com o que existe. É como quando se vai comprar sapatos: vê os sapatos na montra e pensa: «Estes sapatos foram feitos para mim. Combinam perfeitamente com o meu vestido. Parecem até ser o meu número». Mas só quando uma pessoa entra na loja e prova concretamente os sapatos, comprometendo-se com o que experimenta, é que vai saber se lhe servem. Tudo pode funcionar perfeitamente na nossa cabeça, como ouvimos ontem. A pessoa pensa: «Eu posso ir-me embora do Movimento, no fundo eu não preciso mais dele», porque está convencida de que percebeu; mas quando se compromete com o que experimenta, tendo-se ido embora, a decepção assume e o juízo começa a vir ao de cima. E só quando volta, começa a dar-se conta das coisas. É sempre a mesma história. Nós só percebemos se nos comprometemos com tudo o que nos afeta e no que experimentamos, caso contrário tudo o que acontece será inútil para o caminho que temos de percorrer. Portanto, é-nos pedido um trabalho. Não há outra forma de perceber. Muitas vezes nós esperamos um milagre que nos poupe a liberdade, mas Giussani diz-nos: «Esperem um caminho e não um milagre que vos evite as responsabilidades, que anule o vosso cansaço, que torne a vossa liberdade mecânica».<sup>164</sup> Só quem fizer o caminho, a partir de um encontro ou de um milagre, é que vai poder perceber verdadeiramente, senão vai acabar na mesma situação dos discípulos que discutiam sobre o pão no barco, aos quais Jesus disse: «E ainda não entendeis?».<sup>165</sup> Se não nos comprometermos com o que encontramos e no que experimentamos, vamos começar sempre

<sup>162</sup> L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 47.

<sup>163</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, Bur, Milão 1996, p. 82.

<sup>164</sup> L. Giussani em A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*, op. cit., p. 654.

<sup>165</sup> Mc 8,21.



do zero, vamos depender constantemente do humor, não vamos conhecer verdadeiramente o que temos à frente, e por isso nada do que acontece vai aumentar a familiaridade com Cristo. O problema não é não fazermos as coisas, mas que nas coisas que fazemos não nos empenhamos numa comparação constante com o nosso eu, e assim não conhecemos a Cristo. A pessoa até pode errar, e com seus erros perceber que o que faz não a realiza, identificando a diferença entre Cristo e aquilo de onde esperava a sua realização; percebe que o seu fazer não a satisfaz, porque Cristo não está nesse fazer. Quando, tendo errado, percebo que Cristo estava ausente da minha vida, fico agradecido por isto: a consciência do meu erro faz-me voltar a Ele, como aconteceu com o filho pródigo. A questão não é nunca errar. A fé, de facto, não é só para os anjos. É para os pobres coitados, os que tropeçam como nós, que aprendem sempre do que acontece; é, pois, para homens de carne e osso.

**Prosperi.** «Marcou-me a passagem sobre Deus fazendo crescer a familiaridade consigo através das rebeliões e das decepções do povo de Israel, assim como a forma com que Jesus respondeu à incredulidade dos apóstolos não com novos milagres, mas desafiando-os sobre a origem. Como é que se faz para ter certeza de que, com as decepções, rebeliões e incredulidades, nos desafios da realidade, cresce a familiaridade com Jesus?»

**Carrón.** Isso é o que vocês próprios têm de verificar, não adianta eu explicar. É preciso verificarmos se, precisamente quando vivemos as nossas rebeldias, as nossas decepções, os nossos erros, Deus continua a tomar a iniciativa em relação a nós, e se através dementa aos poucos a nossa familiaridade com Ele. Deus não se torna presente na nossa vida só quando somos bons. Mesmo quando o povo de Israel reclama por não ter alimento, Deus intervém em seu auxílio, não espera que eles sejam bons para o fazer. Deus intervém, faz-nos sentir a Sua presença, usando de tudo, até as nossas rebeldias, justamente para nos mostrar a diferença que Ele representa. Em relação a isto, é de muito consolo reler a frase de São Paulo: «Tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus»,<sup>166</sup> com o comentário de Santo Agostinho: *Etiam peccata*, até os pecados. Deus serve-se de tudo para nos mostrar o Seu rosto. Como vocês fazem com os vossos filhos: quando se revoltam, quando estão zangados com vocês, quando se fecham em si mesmos, vocês continuam a tomar a iniciativa com eles, e é precisamente nisso que eles podem reconhecer a vossa diferença e pensar: «Ainda

<sup>166</sup> Rm 8,28.

bem que tenho a minha mãe!» Isso vale também para nós: ainda bem que Te temos a Ti, Cristo! Nas desilusões, nas quedas, não me abandonas, e em qualquer situação eu posso voltar para Ti. Então, ficamos mais felizes com o facto de Cristo existir do que deprimidos por termos errado. A gratidão pela existência de Cristo prevalece sobre a dor do pecado; como a criança que chora: vê a mãe e enquanto ainda está a chorar, começa a sorrir. Desta forma, quanto mais a pessoa vê Cristo em ação na sua própria vida – para isso precisamos de estar atentos ao que acontece, às iniciativas sempre novas que Deus toma connosco –, mais cresce a disponibilidade para confiar n'Ele. É como se ele nos dissesse: «Mas por que é que estás agitado, se eu estou aqui? Ainda não percebeste? Por que é que estás agitado por te teres esquecido do pão? Não percebeste quem eu sou?» Todas as vezes, através de tudo o que acontece, Cristo com a Sua ternura nos retoma novamente, para entrar cada vez mais no fundo do nosso ser.

**Prosperi.** Talvez já tenhas respondido em parte, mas ainda assim leio a próxima pergunta. «Fiquei comovido ao ouvir-te dizer que aquilo de que sou feito é a liberdade e que sou chamado a participar da mesma liberdade com que Deus ama tudo. Dizias que a origem da escolha de Deus coincide com a finalidade dessa escolha. Foi como debruçar-me sobre uma possibilidade nunca pensada, sobre um cenário nunca visto: nunca pensei isto de mim. Em certo sentido, a familiaridade que desejo com Cristo coincide com essa liberdade, que me parece o bem mais precioso: uma liberdade cheia de inteligência. O que a conserva e que nexo tem com o conhecimento?»

**Carrón.** Esta liberdade pode surgir-nos como uma «possibilidade nunca antes pensada». E no entanto é precisamente o que nós somos, o nosso nome: Comunhão e Libertação. Nós pertencemos a este lugar justamente por essa experiência de liberdade. Obviamente não é suficiente repetir um nome para a experiência de libertação entrar nas nossas entranhas: é preciso que cresça uma familiaridade com Cristo. É por isso que eu insisto que a primeira questão, a decisiva, é esta familiaridade. Se não tivermos cada vez mais certeza d'Ele, da Sua presença, da Sua paixão por nós, certeza de que o caminho que nos faz percorrer é para nós, será impossível fazermos experiência da liberdade. A liberdade, de facto, é como uma surpresa que brota dessa familiaridade, não é o resultado de um esforço nosso ou de uma análise nossa. Devemos preocupar-nos apenas com uma coisa: seguir Cristo quando intervier, como aconteceu ao povo de Israel. Compreenderemos então que a liberdade sempre é fruto de sermos libertados, de deixarmos entrar a Sua Presença na nossa vida. Devemos prestar atenção a isto cons-

tantemente: a como se introduz em nós esta «possibilidade nunca antes pensada» de liberdade. Por isso não é inútil voltar ao povo de Israel, para ver como da iniciativa de Deus, através de todas as peripécias, todos os erros, todos os desafios, todas as dificuldades, todos os factores que caracterizaram a sua história, surge a libertação. No seio da história da salvação, que continua hoje e nos envolve, tudo é precioso para que a familiaridade com o Senhor possa entrar cada vez mais em nós. Basta apenas darmos-nos conta de que precisamos de permanecer ligados à origem, à «fonte», que é Ele, se quisermos realmente ser livres. Com efeito, a tentação de pensar que tudo depende de um esforço nosso e não da certeza de uma Presença está sempre à espreita. Mas o que conserva a experiência da liberdade é permanecer em relação com Aquele que a origina. Quando Israel achou que possuía a verdade e se separou do Senhor que o tinha libertado, teve a confirmação: acabou na escravidão. A liberdade nunca vai ser uma posse nossa, é um dom que recebemos continuamente. É isto o que temos dificuldade em entender. Tratamos a liberdade como se fosse uma caneta que alguém nos dá: «Agora é minha – pensamos – e ninguém ma tira». Isto é falso. A liberdade é como um fogo: se não for alimentado, extingue-se. Se nos afastamos da fonte, que é a presença de Cristo que acontece, voltamos a cair nalguma espécie de escravidão, como dizíamos ontem. Compreendemos então por que toda a tentativa de Deus é a de nos conduzir ao olhar da criança que nos foi testemunhado por Jesus, que recebe tudo como dom do Pai. Isto significa que eu só posso continuar livre se aceitar a liberdade que Outro me dá. E esta é a coisa mais difícil de fazer entrar na nossa cabeça, a mudança mais árdua na nossa maneira de conceber. A conversão, como dissemos tantas vezes, está no nível da consciência de si e do que o acontecimento de Cristo é para nós. Muitas vezes, com efeito, usamos a palavra «acontecimento» para indicar um gatilho que foi ativado num dado momento, após o qual as coisas seguiram em frente por conta própria. Pelo contrário, o acontecimento de que estamos a falar acontece continuamente, está sempre presente, caso contrário a liberdade perde-se, torna-se impossível.

Será crucial, portanto, retomar a Primeira Lição, trabalhando sobre ela nos próximos meses, pois é o que sentimos como mais longe de nós, enquanto mentalidade: somos tentados a achar que o dom recebido – a nossa libertação – já se tenha tornado ou possa tornar-se uma posse nossa.

**Prosperi.** «Ontem disseste que Cristo está aqui para nós, para vencer todos os nossos medos. Eu tenho medo pelos meus filhos, tenho medo de educá-los nesta cultura que diz que ser homem ou mulher não é um dado

objectivo, e onde é o Estado quem decide se o meu filho deve viver ou morrer. Como é que faço para combater este medo, como é que faço também para estar diante de colegas e amigos que acreditam nisto, sem continuar a queixar-me e a sentir-me continuamente esmagada?»

**Carrón.** Esse é um enorme desafio, para ela e para cada um de nós. Cada um deve fazer a verificação de como responderia a essas perguntas. É crucial. Esta nossa amiga só não pode ficar determinada pelo medo se Cristo for capaz de fazer dela uma criatura nova. Este é o salto de consciência de que fala a Página Um, para o qual Dom Giussani sempre nos chamou a atenção: quanto mais os dias são difíceis, mais é o tempo da pessoa. O desafio é a geração de um sujeito, caso contrário deveríamos declarar o cristianismo morto e sepultado, como alguma coisa que servia para uma outra época, mas não serve para hoje! O cristianismo nasceu em dias piores do que os nossos, no Império Romano, e atravessou momentos realmente difíceis, mas nenhum poder deste mundo pôde impedir a formação de um eu, de uma criatura nova, como testemunha São Paulo. Se não fizerem a experiência da criatura nova que Cristo trouxe ao mundo, vocês vão contagiar os vossos filhos com a vossa própria insegurança existencial, vão injetar o medo no sangue deles. E não vão conseguir resolver a situação simplesmente dando bons conselhos: é muito pouco para combater uma situação como a descrita na pergunta. Vocês só vão conseguir acompanhar os vossos filhos se eles virem em vocês uma certeza, senão vão acabar por lhes comunicar a vossa cultura, que nasce de uma insegurança existencial. Mas ninguém disse que temos de estar no mundo desta maneira! Podemos estar neste mundo de outra maneira! É o grande desafio que a Igreja tem hoje pela frente: formar sujeitos capazes de viver de maneira diferente justamente nesta sociedade, não no redil, não no quartel, não num espaço protegido; ou seja, formar sujeitos capazes de estar neste mundo, vivendo não de forma ambígua, mas trazendo consigo toda a novidade de uma presença original, que nasce da fé vivida, porque é isto o que interessa e desafia os outros. É o desafio mais poderoso pelo qual eles podem sentir-se investidos e do qual, consciente ou inconscientemente, estão à espera.

Estes Exercícios são a tentativa de continuar o nosso caminho para uma familiaridade cada vez maior com Cristo, nossa certeza, para que não prevaleça em nós a insegurança existencial e, portanto, o medo, que tornará o nosso contributo igual a zero. Só quando não comunicamos a insegurança, mas a certeza que nasce da fé, da familiaridade com Cristo; só quando não comunicamos um «já sabido» – que não basta nem sequer para nós vivermos: sabemos por experiência que mesmo conhecer a Escola

de Comunidade como discurso não é suficiente para vencer o medo –, mas uma frescura de vida nova, só então identificamos uma presença adequada para o desafio que vivemos. O Mistério fez-se carne para poder acompanhar a nossa vida, a fim de que entrasse na história uma presença diferente, que contagia os outros de acordo com um desígnio que não é o nosso, como vemos em tantas ocasiões.

**Prosperi.** «Eu e o meu marido não podemos ter filhos. Esta estranha iniciativa que Deus tomou connosco não me faz sentir preferida. O meu coração grita este desejo de maternidade, mas dou-me conta de que ultimamente o meu coração está endurecido, reduzido a uma forma de felicidade minha, e a queixa dos discípulos prevalece também na minha vida (por que não podemos ter filhos? por quê logo nós?). Como é que se faz para não reduzir este desejo e para ter um coração novo quando a realidade te diz que não? Por que razão é que Deus coloca no meu coração um desejo que a realidade me nega? Como é que o coração endurecido pode renascer de uma ferida?»

**Carrón.** Aquilo que Deus coloca no teu coração é o desejo de felicidade, não a forma específica da sua realização, que tu, muito compreensivelmente, fixas. E Deus respondeu ao teu desejo de felicidade dando a vida por ti. Se ficarmos espantados e agradecidos por isto, se nos apoiarmos totalmente na presença de Cristo morto e ressuscitado, então poderemos enfrentar qualquer situação. Senão prevalecerá o medo. Encarnando-se, morrendo na cruz por nós, ressuscitando, e com isso permanecendo presente na história, Deus deu-nos uma superabundância de resposta, para além de qualquer medida. Como estar, então, diante da situação misteriosa que tu descreveste? Por que tinha de acontecer precisamente com vocês? Não sei porquê, ou melhor: Cristo não nos dá uma resposta intelectual, na forma de uma explicação, mas diz-nos: «A resposta ao teu desejo sou eu». Só aceitando isto, ou seja, fazendo experiência da correspondência única da Sua presença no teu coração, é que vais poder olhar para a ferida de não ter filhos e seres grata por Cristo existir. Esta é a esperança da vida. Qual será a maneira pela qual o Mistério te fará transbordar de plenitude e de alegria, é o que Ele te vai mostrar através daquilo que acontecer. O importante é que a lamentação não prevaleça sobre o espanto pela superabundância do que Ele te dá. Somos livres e felizes porque temos tudo. Insisto, se não fizermos a experiência de nos apoiarmos na plenitude da Sua presença, se não estivermos agradecidos por termos encontrado Cristo e não experimentarmos que tudo é abraçado por Ele, então as queixas levarão a melhor.

**Prosperi.** «Imerso na cultura de hoje, o homem tende a esmiuçar os problemas e a analisá-los para chegar ao fundo de todas as questões. Como é possível chegar a um olhar mais de criança sobre a realidade, sem censurar a própria abordagem racional? Como encarar as perguntas de hoje com o coração de uma criança?»

**Carrón.** É uma questão à qual Dom Giussani sempre voltou: é fácil para uma criança estar na postura com que nascemos, ou seja, numa simplicidade e sinceridade perante o real, naquela abertura afirmativa que se expressa como curiosidade. Mas se um adulto não se empenhar numa constante educação para isto, se o considerar como uma mera espontaneidade, não conseguirá torná-lo verdadeiramente seu, aliás, aos poucos irá perdê-lo, cedendo ao pensamento de que esta abertura é coisa de ingénuo, boa para as crianças, mas que nos adultos tenha de dar lugar à única posição realmente “inteligente”, que é o ceticismo. «Não sou nada ingénuo!»: quantas vezes não ouvimos isto de pessoas adultas? A questão, atenção, não é ser “ingénuo”, mas permanecer na postura original em que somos criados, com os olhos escancarados para o real. Não gostarias de olhar para a tua mulher como da primeira vez? Ou para os teus filhos como quando os viste sair do teu ventre? O que nos permite ter este olhar quando depois de nos tornarmos adultos? Para nós, como dizia Nicodemos, é impossível. Só pode ser um dom, que deve ser constantemente respondido numa educação. Por isso, se não nascemos novamente de cada vez, este olhar desaparece, e com ele também a razão, que fica reduzida a medida. Para conhecer autenticamente o real, é preciso acima de tudo uma «razão que se abre», se escancara, antes de uma «razão que explica».<sup>167</sup> Por isso, para Giussani, o problema da inteligência está todo contido no episódio de João e André. No encontro com Jesus de Nazaré, João e André são atraídos, fascinados, tomados; é neste momento que a sua razão, enquanto sustentada pela afeição, se abre e se realiza conforme toda a sua natureza. Pois bem, a única razão verdadeira é a que se mantém toda escancarada para o real, como se dá na criança. Por isso, dissemos, sem participar de um lugar onde somos continuamente escancarados, acabamos encalhados nas nossas análises, adotando sem saber «os esquemas do mundo, que amanhã serão diferentes dos de hoje».<sup>168</sup> Pelo contrário, «a cultura nova [...] parte de um encontro feito» diz Giussani «de um acontecimento em que se participa, do embate com uma Presença, não de livros que se lêem ou

<sup>167</sup> S. Alberto - J. Prades - L. Giussani, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 22.

<sup>168</sup> *Ibidem*, 75.

de ideias que se ouvem. Este encontro tem um valor genético, na medida em que representa o nascimento de um sujeito novo, que surge num lugar determinado e num momento da história, e aí é alimentado e cresce como personalidade nova, com uma concepção única e irreduzível a qualquer outra, [...] um conhecimento diferente». <sup>169</sup> Será que estamos dispostos a não nos separar deste encontro que tem um valor genético para podermos manter um olhar verdadeiro sobre o real? Só Cristo salva a razão! Com as nossas análises não vamos muito longe.

**Prosperi.** «Quando falavas da redução do acontecimento a ideologia fizeste surgir uma pergunta que me vem muitas vezes à cabeça: que diferença há entre pessoas boas (baptizadas ou não) e quem encontrou Cristo?»

**Carrón.** Há uma diferença inconfundível, que não é criada por nós. Se nós estamos aqui é justamente porque nos deparámos com esta diferença. Como a nossa amiga indiana: encontrou-se diante de palavras e factos, de uma presença humana realmente impensável, de pessoas com uma abertura do coração e da razão, de um olhar sobre si e sobre os outros, uma gratuidade, uma letícia, uma fecundidade, uma construtividade, como dizíamos ontem à tarde, que não têm comparação, com uma forma de enfrentar a vida, a dor e a morte que não pode nascer de capacidades próprias. Seria bom reler a *Carta a Diogneto*, mas seria preciso acima de tudo olhar à nossa volta: entre nós há muitos exemplos de uma forma de estar até nas circunstâncias mais difíceis com uma plenitude e uma esperança que o homem não pode dar-se a si mesmo. Por isso, Dom Giussani chama tal humanidade de «milagre». Se estamos aqui e não noutra lugar, é porque não se vê esta humanidade em toda a parte e não é fruto de um esforço de coerência do homem. Mas cada um deve dizer isto a partir da sua própria experiência, para responder à pergunta na primeira pessoa. Depende da consistência da nossa adesão.

**Prosperi.** A última série de perguntas tem a ver com a companhia.

«Na Introdução de sexta-feira, disseste-nos que “a nossa companhia deve descer mais a fundo, mais no fundo, e [...] deve dizer respeito ao nosso coração’ [...], deve introduzir-nos [...] a “uma relação pessoal com Ele”».

«Eu estou sozinho, moro longe das comunidades do Movimento. Como posso viver a familiaridade com Cristo? O que é que ela tem a ver com as questões concretas de todos os dias?»

---

<sup>169</sup> *Ibidem*, 152.

«A nossa amiga indiana já não está no lugar da companhia, mas é como se não pudesse arrancá-lo de si, mesmo tendo dito tantas vezes não. Que caminho é que este facto indica para a nossa vida?».

**Carrón.** A sugestão mais simples que vos dou é permanecer ligados à experiência, porque assim pode acontecer o que esta carta ilustra (e que nos ajuda a responder também à pergunta anterior): «Duas linhas para te comunicar a alegria e o espanto pela assembleia que fizemos ontem com o nosso *visitor*. Uma assembleia toda baseada na experiência, e que experiências! Foi a explosão do testemunho da verificação da fé na vida de cada um. Experiências de doença grave, de morte da mulher, de perda do trabalho, de um gosto ao jogar o próprio “eu” e envolver-se na vida da cidade em que se mora ou na própria escola, de dificuldades económicas com a chegada do sexto filho, de problemas na família com a presença de filhos adotados, de espanto com o milagre da disponibilidade dada por dois amigos ao receberem um nigeriano que ficou sem sítio para dormir. Foi realmente a demonstração de como a fé incide na vida e do cêntuplo nesta vida. Dentro de toda a dramaticidade da vida de cada um, era evidente que todos estavam felizes e cheios de letícia, e isto era desconcertante, deixava-nos sem fôlego: uma lufada de novidade e de fascínio. Se Jesus queria convencer-nos de que nos convém segui-Lo para o nosso bem e o de todos os irmãos homens, ontem Ele conseguiu!» Isto está ao alcance de qualquer um. Por isso, a sugestão que vos dou é: troquem amplamente experiências entre vocês, acompanhando-se no caminho. Hoje em dia ninguém pode dizer que está isolado. Há inúmeras possibilidades para se manter em contacto, ainda que alguém se encontre no lugar mais remoto do mundo. Temos o telemóvel, o Skype, a transmissão por vídeo da Escola de Comunidade, a *Passos*, o site de CL, enfim, tudo! Quem me dera ter tido à disposição todos estes instrumentos quando encontrei o Movimento. Portanto, quem quiser ser acompanhado tem tudo aquilo de que precisa. Quem te impede de usar estes instrumentos? É impressionante a consciência tão viva da rapariga indiana acerca do valor do encontro feito, do valor cognoscitivo do encontro. Entrou nela tamanha novidade, sentiu sobre si um olhar tão novo, que já não consegue esquecer. Nesta rapariga vemos documentado o que Dom Giussani nos diz: nela Cristo não está longe do coração, mas penetrou até ao fundo do coração. Por isso não está sozinha, carrega a companhia dentro de si. Não pode olhar para nada, entrar em relação com nada, sem fazer a comparação com o olhar que a invadiu, que agora já a constitui e que ela continua a experimentar na relação com os amigos. E mesmo agora, quando está isolada no meio do nada, continua a viver aquela relação como pode. A companhia de Cris-



to define-a, e por isso ela procura o Seu rosto em cada rosto que encontra pela rua. Se nós realmente dermos tudo de nós na vida, ricos de tudo o que o Mistério nos deu e nos dá, podemos dizer, como São Paulo aos cristãos de Corinto: «Não tendes falta de nenhum dom».<sup>170</sup>

**Domingo, dia 6 de maio, teve lugar a assembleia conclusiva dos Exercícios da Fraternidade em Ávila, Espanha, pregados pelo Padre Julián Carrón, dos quais voltamos a propor aqui três perguntas e respostas.**

*A eleição supõe que haja também «não eleitos»? Há algumas afirmações que fizeste sobre a eleição que ainda não percebi totalmente. Entendo a desproporção entre a graça e o mérito, mas a eleição parece algo de injusto, como se fosse algo anterior à liberdade e houvesse «não eleitos».*

**Julián Carrón.** Quando alguém te dá um presente, consideras essa pessoa injusta porque precede a tua liberdade?

*Não. Mas há pessoas a quem Deus não dá nada?*

Calma! Tu podes objectar aquilo que quiseres, mas não podes pôr em discussão o que acabaste de dizer. Não é injusto alguém dar-te alguma coisa antes de tu exerceres a tua liberdade. Aliás, é justamente o que tu estás à espera. Quando alguém te ama gratuitamente, é injusto porque precede o movimento da tua liberdade? Este é o ponto de partida, uma experiência elementar que todos nós vivemos, antes de qualquer reflexão. O primeiro gesto de Deus para permitir que o homem chegue à plenitude do seu destino não é uma explicação: se assim fosse, não demoraríamos a ficar bloqueados. O primeiro gesto é um facto – uma escolha, uma preferência totalmente gratuita, um vir ao teu encontro –, que te apanha tão desarmado porque acontece antes que tu possas encaixá-lo dentro dos teus esquemas ou colocá-lo em discussão. É impressionante. Se este facto não nos definir antes de qualquer outra coisa, estaremos sempre amarrados, aprisionados nas nossas medidas. O primeiro gesto de Deus no Antigo Testamento foi, portanto, uma iniciativa absolutamente gratuita, que não tinha nenhuma motivação anterior no homem. «O Senhor afeiçoou-se a vós e vos escolheu, não por serdes mais numerosos que os outros povos – na verdade sois o menor de todos».<sup>171</sup>

---

<sup>170</sup> Cf. 1Cor 1,7.

<sup>171</sup> Dt 7,7.

O mesmo se verifica quando Jesus vai a casa de Zaqueu. Não vai lá porque Zaqueu seja bom, sabe muito bem que ele é um pecador. A reação de Zaqueu – diz o Evangelho – é que «o recebeu com alegria».<sup>172</sup> Esta é a primeira experiência, algo de absolutamente elementar: um espanto. No entanto, é difícil, ou pelo menos, não é imediato, que uma pessoa permaneça nesta posição inicial; um momento depois, já nos perdemos. Constatamo-lo também na reacção daqueles que veem Jesus entrar na casa de Zaqueu. «Como, vai comer em casa de um pecador? Mas aquele ali não o merece! Como é possível?»<sup>173</sup> Consideram-no injusto. É isto o escândalo cristão.

*Mas o facto de que o amor de Deus exceda as nossas medidas e que a justiça humana seja de outra ordem, é uma coisa que aprendi a reconhecer na minha vida. Além disso, eu dou-me conta de que, quando meço em termos humanos, no fim fico com a minha tristeza e a minha solidão. Por outro lado, na parábola dos trabalhadores na vinha, fala-se de um amor igual para todos: dá ao último como ao primeiro, e o primeiro, se tiver um coração simples, se alegrará pelo último. Porém, quando tu falas de eleição, parece-me que ela implica que alguns não são escolhidos.*

Fico contente que te debates com o termo «eleição», porque na maior parte das vezes o damos como óbvio. O facto de não dar por óbvia a eleição é um dom que tu recebeste hoje; é um dom o facto de alguma coisa em ti se ter rebelado e ter-te feito dizer: «Isto não é justo!» Mas tu não estás sozinho: tens muitos companheiros de estrada, para os quais a palavra «eleição» deveria ser removida da Bíblia, por remeter para uma coisa injusta.

*Para mim foi sempre assim.*

É importante dar-mo-nos conta disto: parece-nos que é injusto porque para nós escolher alguém equivale a excluir outros. Raciocinamos assim porque não compreendemos o significado da ação de Deus, quer dizer, o motivo por que Ele faz uma escolha. Qual é o método de Deus? Bastaria ler dois trechos da Bíblia para ver que Deus, quando escolhe, não está a excluir ninguém. O primeiro: Deus «quer que todos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade»,<sup>174</sup> ou seja, o desígnio de Deus diz respeito a todos, abraça todos. O segundo: «Quando ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós».<sup>175</sup> Morreu por todos, ninguém é excluído.

Então, qual foi o método que Deus usou? Não escolheu alguns para excluir outros, mas para chegar aos outros através deles. Se nós fôssemos como

---

<sup>172</sup> Lc 19,6.

<sup>173</sup> Cf. Lc 19,7.

<sup>174</sup> 1Tm 2,4.

<sup>175</sup> Rm 5,8.

os terminais últimos de um grande centro de cálculo, os dados – neste caso, a salvação – chegariam a todos automática e simultaneamente, e tudo pareceria mais direto. Mas saltava-se por cima da liberdade do homem. Deus, porém, que nos quis livres, respeita a nossa liberdade justamente chamando alguns a responder livremente, e através deles chama outros a responder com essa mesma liberdade. É fundamental compreender este método, para que tu possas dar-te conta, ao mesmo tempo, da graça que recebeste e do facto de que não a recebeste só para ti, mas a fim de que ela chegue aos outros através de ti. Jesus não escolhe os doze só por eles mesmos, para que só eles possam gozar da presença d’Ele, mas para enviá-los ao mundo inteiro, a fim de testemunharem o que Cristo significa na vida. Qual é, de facto, a objeção mais grave que o anúncio cristão pode suscitar? Era o que os meus alunos de Madrid já me diziam: «O que o Evangelho diz é lindo, mas já não existe, já não lhe posso tocar». Como é que Deus responde a esta objeção? Agindo de modo a que o homem de hoje encontre uma pessoa – real, de carne e osso, como tu – em que possa ver acontecer o que ouvimos no Evangelho, ou seja, através da qual volta a dar-se o acontecimento original. Só assim o homem de hoje pode começar a interessar-se por Cristo: ainda não entende a origem da tua diferença, mas o encontro contigo, com uma pessoa real, provoca a sua razão e sua liberdade. Deus continua, segundo um desígnio que não é o nosso, a chamar-te, a ti que podes responder sim ou não, e se O aceitares Ele muda a tua vida, enche-a de alegria, de fecundidade, “demonstrando” com essa mudança a Sua presença a outros. É a mesma coisa que fez com Zaqueu e com os discípulos: escolhe-os para que, através deles, outros possam encontrar na carne – não nos seus pensamentos, não virtualmente, não como num sonho – alguém que desafie a sua razão e a sua liberdade.

Será que tudo isto é real? Sim, existe e tu viste-o. Por isso, o método de Deus não é injusto: é um método através do qual Deus, concretamente, realmente, historicamente, curvando-se à modalidade de compreensão do homem – que é carnal, histórica –, dialoga com a razão e a liberdade de cada um de nós. Evidentemente, se entendemos a eleição como exclusão de outros, é compreensível que nos pareça uma coisa injusta. Pelo contrário, se a concebemos como ela é, quer dizer, como um caminho para chegar aos outros, então a eleição não exclui ninguém. Este é o método de Deus, um método que respeita a liberdade do homem.

*O que significa que a liberdade acontece simultaneamente ao facto de sermos libertados? A prova de que conhecemos a Deus é que somos livres, e não somos livres se Ele não nos libertar constantemente, mas ao mesmo tempo Ele precisa da nossa liberdade para ser reconhecido. Sinto a necessidade de*

*compreender esta unidade na vida quotidiana, e como é que isso acontece em ti, Julián.*

Como vimos, nós entendemos o verdadeiro significado das palavras com a experiência. Por exemplo, compreendemos o que significa amar quando nos sentimos amados, como nos disse a nossa amiga que esteve na Índia. Ninguém a tinha olhado como aquela colega de faculdade que encontrou em Madrid, não imaginava que pudesse ser amada com semelhante gratuidade, e quando sua mãe a abandonou e declarou que não queria mais vê-la, tornou-se evidente que para entender o que significa amar, para poder amar, é preciso ser amada. A mesma coisa acontece com a liberdade: nós entendemos o que é a liberdade através da experiência. Por isso, Dom Giussani, pedagogicamente, sempre nos disse que, se quisermos entender o que é a liberdade, em vez de partir do substantivo, ou seja, da definição (que nos levaria a infinitas discussões), devemos partir da experiência, que é indicada pelo adjetivo: quando é que te sentes “livre”? Uma vez que o homem só consegue entender as coisas desta forma, ou seja, através da experiência, Deus, na sua ternura única, debruça-se sobre a nossa necessidade.

Com o propósito de fazer o povo de Israel compreender o que é a liberdade, Deus age de modo a que eles experimentem a libertação: tira-os do Egito, livrando-os da escravidão. Enquanto homens, os israelitas tinham sido criados livres, a liberdade pertencia pois à natureza deles. Mas no Egito não se sentiam livres. De facto, eram escravos. Também nós somos livres por natureza, mas ao mesmo tempo não nos sentimos livres nas circunstâncias, tanto assim é que ficamos sufocados. Quando o povo de Israel é libertado do Egito, vive uma experiência de liberdade, de libertação, e começa a confiar em Deus. Sentem-se livres, começam a respirar, deixam de estar sufocados nos trabalhos forçados. Mas, logo a seguir, muitas rebeliões se seguem a esta experiência de libertação. O povo de Israel, como vimos, cedeu repetidamente à presunção de poder conquistar sozinho a liberdade, e isto provocou escravidões posteriores. É o que também acontece connosco. Para podermos ser livres, precisamos de aceitar a condição que torna possível uma experiência efetiva de liberdade: sermos libertados. Assim nós, conquanto livres por natureza (não estamos sujeitos aos mecanismos do instinto), sufocamos nas circunstâncias, não conseguimos dizer «eu» até ao fundo: não somos livres. Por isso eu pergunto tantas vezes: quantas pessoas conhecem que sejam livres? Livres na realidade, não na imaginação delas. É preciso perceber que todos somos livres por natureza, mas que na realidade – não no seu quarto, no mundo virtual, nos seus sonhos, mas sim no dia a dia, no trabalho, em casa, com os amigos, nas circunstâncias – há realmente poucas pessoas livres. A este nível podemos identificar a diferença que o ges-

to de Deus introduz, reconhecendo que a liberdade se dá simultaneamente ao facto de sermos libertados.

Para perceber se somos livres, então, basta surpreendermo-nos em ação na realidade, nas circunstâncias concretas, para ver se respiramos lá onde vivemos. Se nos descobrimos focados em reclamar por haver sempre algo de errado, isto significa que a liberdade em nós é puro fingimento, de facto. É assim que cada um de nós pode apurar, para além das suas palavras, das suas interpretações ou das suas discussões, se é livre de verdade, e quem ou o quê o torna livre. O sinal de que eu acolho como dom o que recebo de Deus a cada instante é a minha libertação. Pelo contrário, quando tenho a pretensão de possuir a minha liberdade, quando a concebo como liberdade autónoma, quando já não me sinto necessitado e me separo da origem que me dá a liberdade, esta desaparece, e aí começo a ficar sufocado. Então, temos sempre necessidade de receber a libertação e de acolhê-la. Por isso, a nossa amiga indiana dizia: «Há um pequeno ponto que depende de mim», e é reconhecer tudo o que lhe aconteceu.

Não existe liberdade sem que eu acolha a libertação que Ele me quer dar. Para poder libertar-me, Deus precisa que eu me deixe libertar. Deus, com efeito, não quer entrar na nossa vida como um elefante numa loja de cristais, como um tanque de guerra que arrasa a nossa liberdade, sem nos pedir permissão. Deus respeita tão profundamente a nossa liberdade, que nos dá tudo, mas para entrar aguarda e mendiga o nosso sim, a nossa liberdade: «Acolhes-me?» «Alguém quer vir atrás de mim, quer seguir esta experiência?» Deus também nos oferece um método infalível para entendermos se estamos a seguir o Seu convite: a experiência do cem por um: «Quem me segue terá o cêntuplo».<sup>176</sup> Não é uma questão de discussões ou interpretações: não adiantam. Tu consegues saber se estás a acolher o que o Senhor te dá, verificando na realidade se a tua vida fica cem vezes mais humana, mais verdadeira, se a tua vida respira. Eu vivo assim, não tenho outra experiência para vos contar senão esta. Quando segues, respiras. Quando não segues, sufocas. Porque a liberdade é-nos sempre dada numa relação, e isto é o que aprendemos de toda a história que nos precedeu. Num determinado momento podemos achar que, como «já sabemos», como já recebemos, podemos deixar de receber, de acolher e de seguir o dom de Deus. Mas não, esta não é uma etapa superável, não existe um momento em que eu já não precise de receber e de acolher. Existe só uma consciência cada vez maior da necessidade que tenho de acolhê-lo. Porque, quanto mais compreendo de que se trata, quanto mais compreendo que a experiência da liberdade me é

---

<sup>176</sup> Cf. Mt 19,29.

dada, mais entendo que a única possibilidade de ser realmente livre, de fazer experiência da libertação, é recebê-la do Único que a pode dar e que a torna possível. Esta é uma decisão que não podemos delegar em ninguém.

*Gostaria de perceber melhor qual é o papel da companhia dentro deste percurso. Tu falas de uma «companhia» como ajuda «contra a desmoralização». Também dizes: «A nossa companhia [...] deve descer mais a fundo, mais no fundo» [...] deve introduzir-nos a “uma relação profundamente pessoal com Ele”, com Cristo». Isto interessa-me muito porque, devido ao percurso que fiz este ano, vejo como é necessária uma companhia como aquela de que tu falas. Reconheço certos rostos que são companhia, mas percebo que estamos muito bloqueados, a começar por mim. Sinto a exigência de sermos realmente uma ajuda uns para os outros. O que significa pertencer a um lugar, pertencer a esta companhia, para além do formalismo? Na Introdução, disseste: «Mas, chegando a este nível, esclarece Giussani, ao nível do meu reconhecimento de Ti, ó Cristo, ou seja, ao nível do coração, ninguém pode delegar nos outros uma resposta que só pode ser sua». E depois citaste Giussani: «O coração é a única coisa em que é como se não houvesse parceiros». Reconheço que este «não ter parceiros» é o maior sinal da minha grandeza. Não posso dá-lo por óbvio no momento de fazer o caminho de conhecimento de Cristo. Às vezes achamos que a insatisfação, a tristeza, o facto de as coisas não se encaixarem, as decepções, etc., sejam aspectos que temos de controlar, lapidar, eliminar. No entanto, eles são um eco do coração de que tu falas, o lugar da maior preferência de Deus por mim, da maior companhia. O coração, que não tem colaboradores, é o meu melhor colaborador. Mas muitas vezes percebo que no mundo adulto não nos atrevemos a partir deste colaborador que é o coração. Podes ajudar-nos neste ponto?*

Começo pela primeira pergunta. O Mistério, se estivermos atentos à maneira como tu descreveste as coisas, sempre nos dá algumas pistas. E qual é a pista que o Mistério te dá para poderes entender o que é a companhia? Tu reconheces na tua experiência que determinados rostos são companhia. Talvez não todos, mas a alguns reconheces claramente como companhia. Mais uma vez dizia a nossa amiga indiana: «Cristo devia ser como vocês, uma pessoa que ajudava os outros a perceberem-se, a olhar a fundo para o próprio coração», a conhecer o verdadeiro íntimo de cada um, «e a entender quem eram». O mesmo se deu com João e André: começaram a entender quem eram porque encontraram alguém, Jesus. Começaram a compreender seguindo aquela pessoa. Esta é modalidade, o método de Deus, desde Abraão até hoje. Então, tu podes entender seguindo aqueles rostos e ficando atenta à forma como acontece neles aquilo que desejas para ti. A primeira

questão, então, é de atenção. Acima de tudo, não é um problema de inteligência. Porque tu poderias dizer: «Eu sou mais inteligente e aquele ali é um ignorante, como é que me pode dizer algo de interessante?» É verdade, até pode ser um desgraçado, mas o Senhor serve-se dele – mesmo sendo um desgraçado – para te chamar. Então, a primeira questão é ter uma atenção, juntamente com a disponibilidade para seguir a forma com que o Mistério te chama: através daqueles rostos. É assim que tu descobres qual é a companhia verdadeira para a tua vida. Descobres e reconheces, mas não a decides. Às vezes, tu preferirias outros que são mais simpáticos, com quem te dás melhor, mas não és tu quem decide quem realmente te ajuda. Cabe-te a ti reconhecê-lo: estando com determinadas pessoas, tu voltas para casa e continuas com alguma coisa dentro, e vês que no dia seguinte te relacionas de forma diferente contigo própria e com a realidade, olhando as coisas de outra maneira. Então comesas a dar-te conta de que aquela é uma companhia que te faz ser mais tu mesma, que te faz ir até ao fundo de tudo.

Por isso dizíamos ontem que a companhia é o lugar, gerado por Cristo, que nos ajuda a ganhar consciência daquilo que somos. E qual é a maior ajuda que Ele te dá? Qual é a maior ajuda que Jesus dá aos Seus discípulos? Que companhia Jesus lhes faz? Tira-os das suas reduções, desperta o coração deles, gera um sujeito capaz de olhar toda a realidade, até à sua origem. O que faz Jesus quando se coloca como companheiro de caminho dos discípulos de Emaús? Tinham na sua frente uma longa lista de factos e de milagres de Jesus, e mesmo assim estavam a caminhar cheios de ceticismo. Aproxima-se aquele desconhecido, que pergunta sobre o que estão a discutir, e eles dizem-lhe: «Tu és o único forasteiro em Jerusalém a ignorar o que lá se passou dias?». <sup>177</sup> Ele sabia muito bem o que tinha acontecido... contudo, o que Jesus faz? Que companhia lhes faz? Diz: «Será que tendes o coração endurecido? Sois tão sem inteligência que não entendeis o que se passou?». <sup>178</sup> Jesus provoca-os a alargar o horizonte do olhar, a reabrir o coração e a razão. De facto, depois, quando o reconhecerem ao partir o pão, dirão um ao outro: «Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho?». <sup>179</sup> Qual foi a maior ajuda que Jesus lhes deu? Originou neles um eu capaz de reconhecê-Lo. Quanto mais se desperta o nosso coração, mais entendemos que ele não pode ser satisfeito senão por Quem o criou, e apenas no Qual ele encontra a sua realização. Cristo é o único que salva o desejo, que o faz vir ao de cima em toda a sua grandeza, na sua infinitu-

---

<sup>177</sup> Cf. Lc 24,18.

<sup>178</sup> Cf. Lc 24,25.

<sup>179</sup> Cf. Lc 24,32.

de, respondendo-lhe. Mas, quanto mais descubro a natureza do meu eu, a sua irredutibilidade, a sua unicidade, tanto mais se torna claro o caráter insubstituível da minha responsabilidade: não posso delegar em ninguém a responsabilidade de dizer «eu», de dizer «sim» a Quem me desperta e me pede para poder salvar-me.

Giussani diz-nos coisas que só começamos a entender quando acontecem em nós, quando fazemos experiência delas. Como quando nos diz que o eu «é relação direta e exclusiva com Deus».<sup>180</sup> Trata-se do «meu» eu e da «minha» relação pessoal com o Mistério: não posso delegá-lo em ninguém. Tu, eu, cada um de nós é único; não somos um entre os muitos do rebanho, uma pecinha de um mecanismo global, não. E o Mistério quer estabelecer com cada um de nós uma relação única, uma intimidade única. És tu quem é chamado, na primeira pessoa, e és tu quem vai dizer «sim» ou «não». Esta resposta não se pode delegar. Sempre me marcou o caminho que Giussani nos faz percorrer com os livros do *PerCurso*. No começo, no primeiro capítulo d' *O Sentido Religioso*, faz-nos reconhecer que temos o critério para discernir, para identificar aquilo de que o nosso coração precisa. Depois desenvolve o percurso todo, apresentando a pretensão cristã, o acontecimento de Cristo, o caminho dos discípulos, e depois a Igreja, como lugar da permanência de Cristo na história, e portanto também o nosso caminho. E no fim de todo este percurso diz: «A que é que Cristo confia tudo o que fez diante de ti? Qual é o critério último para julgar? O teu coração». Cristo não quer que adiramos a Ele mecanicamente. Quer que adiramos a Ele por O reconhecermos como a resposta à necessidade do nosso coração, caso contrário ficaria fora de nós. Percebem por que é que o nosso «sim» não pode ser delegado em ninguém? Giussani diz que ninguém pode fazer batota: Cristo não faz batota connosco, mas nós também não podemos fazer batota com Ele. Isto é o que torna a vida verdadeiramente dramática. Neste sentido, o coração não tem parceiros. «O amor que Deus me tem faz de mim o que eu sou em verdade e definitividade: estabelece o Eu que Deus quer ver na Sua frente e ter para Si, dirigido a Si», afirmava von Balthasar. A predileção que Ele tem por ti é a única que pode corresponder completamente ao teu coração. E os outros, por sua vez, na medida em que vivem esta relação, ajudam-me a não me contentar com qualquer coisa menor do que esta, fazem com que eu vá até ao fundo da minha necessidade humana.

Portanto, todo o desígnio de Deus é para podermos encontrar o Único que nos responde. E, se não tivermos uma resposta para nós, para cada um de nós, não teremos também uma resposta para os outros: o mundo ficará

<sup>180</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Tenacitas, Coimbra 2012, p. 109.



sem resposta. Se não fizermos, na primeira pessoa, experiência de Cristo como resposta à espera infinita do nosso coração, não poderemos comunicá-Lo aos outros como um bem para eles. Só quem faz este caminho, quem vive esta experiência, é que pode propô-la aos outros com a certeza de que se trata daquilo que misteriosamente eles também procuram como que às apalpadelas. Esta é a maior aventura da vida: verificar cada dia mais que o que nos aconteceu, o encontro com Cristo, é a única coisa capaz de responder completamente às exigências do coração. Nós verificamos que esta familiaridade com Cristo se tornou o factor determinante da nossa vida no facto de sermos livres no meio das circunstâncias. Só assim vamos poder oferecer um contributo real ao anseio de liberdade que existe em todos. Por isso sempre me interpelou a seguinte afirmação de von Balthasar: «Enquanto cristão significar em primeiro lugar tradição e instituições, os movimentos de libertação dos tempos modernos terão uma enorme vantagem» – a estes movimentos chamamos hoje de «populistas» –, porque não se verão desafiados por nós, nós não representaremos nenhum desafio para eles. «O verdadeiro confronto só terá lugar quando o cristão se comprometer [...] a mostrar que a autoabertura de Deus em Jesus Cristo é convite para entrarmos no espaço de liberdade absoluta, o único em que se pode desdobrar a liberdade humana».<sup>181</sup>

---

<sup>181</sup> Ver aqui, pp. 21, 62.

# SANTA MISSA

*Leituras da Santa Missa: At 9,26-31; Sal 21; 1Jo 3,18-24; Jo 15,1-8*

## HOMILIA DO PADRE JULIÁN CARRÓN

Não há dia em que a liturgia não coloque diante dos nossos olhos a constante iniciativa de Deus. Hoje fá-lo com a história da conversão de Saulo, a pessoa mais impensável, o perseguidor dos primeiros cristãos. Mas nada é impossível a Deus. É nisto mesmo que se torna visível a liberdade de Deus: escolhe alguém como Paulo para mostrar que é sempre Ele quem toma a iniciativa: «Tu és precioso a meus olhos». <sup>182</sup> Consciente desta preferência, Paulo dirá depois nas suas epístolas: «Eu sei em quem confio». <sup>183</sup> Ninguém tinha percebido o que lhe tinha acontecido na estrada para Damasco, mas tornou-se logo claro que alguma coisa de importante lhe devia ter acontecido: de facto, passou a conviver com aqueles a quem antes perseguia. Obviamente, os cristãos de Damasco, vendo-o no meio deles, tinham medo dele e não conseguiam acreditar que se tivesse tornado um discípulo de Jesus. Mas ele permanecia com eles, e os Atos contam que «falava e discutia e ia e vinha em Jerusalém com todos os outros». O facto de lhe ter acontecido alguma coisa tornava-se palpável, tocável, ao frequentar aquela nova companhia de amigos, com quem começou a jogar o jogo da vida.

É este o desafio que cada um de nós tem pela frente, em qualquer momento: «Este é o seu mandamento: que acreditemos no nome do seu Filho, Jesus Cristo», como fez São Paulo. Mas como permanecer nesta atitude? Não há trecho do Evangelho que possa sintetizar melhor o que dissemos nestes dias do que o que acabamos de ouvir. Não há possibilidade de vida separados d'Ele. Com a imagem da videira e dos ramos, Jesus diz como é absolutamente crucial que fiquemos ligados a Ele. Separados d'Ele, secamos e não produzimos fruto. Como vocês veem, hoje de manhã volta o mesmo verbo que utilizamos ontem: permanecer. Se quisermos produzir fruto, é preciso uma só coisa: permanecer ligados à videira. Jesus diz aos discípulos: «Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim também vós não podereis dar fruto, se não permanecerdes em mim». Porque «Eu sou a videira e vós os ramos. Aquele que permanecer em mim, e eu nele, esse produz muito fruto». Por isso, se alguém quiser produzir fruto, há aqui uma indicação simples, ao alcance de todos. Jesus não nos pede que façamos algum esforço particular nem

---

<sup>182</sup> Is 43,4.

<sup>183</sup> Cf. 2Tm 1,12.

nos submetamos a uma prática ascética. Põe uma só condição: permanecer ligados à videira, que é Ele. A verificação se estamos ou não ligados à videira é o fruto que produzimos: o cêntuplo, uma nova forma de estar no real. É isto o que dá testemunho d'Ele. «Se permanecerdes em mim», produzireis fruto e «nisto meu Pai é glorificado». Pelo fruto, que até os outros poderão ver, a Sua glória vai continuar a resplandecer no real, na história dos homens, porque a glória é o esplendor da verdade.

Tudo quanto dissemos desde sexta-feira à noite até esta manhã é para que esta glória se manifeste. Não devemos separar-nos da videira, para que, pelo fruto em nós que vem apenas d'Ele, possa resplandecer a Sua glória na face da terra. Isto pode acontecer no meio de todos os nossos limites e erros, porque o fruto – uma mudança da nossa humanidade, de outra forma impossível – é obra Sua em nós. Se nós O deixarmos entrar, se nos deixarmos conquistar por Ele, nada poderá impedir a manifestação da glória de Deus através do fruto que Ele vai fazer nascer, com espanto, diante dos nossos olhos, na nossa vida. «Sem mim nada podeis fazer», diz Jesus. Se não aprendermos isto, vamos tornar-nos ramos secos bons para serem queimados.

Peçamos para cada um de nós que fiquemos juntos, como São Paulo com seus novos amigos, só para isto: para reconhecê-Lo, para permanecermos ligados à videira que é Ele, para viver um laço que nos rejuvenesce o tempo todo, de modo a podermos testemunhar a todos os nossos irmãos homens quem é Cristo e que o Pai de Jesus está na origem de tudo.

**AVISOS**  
**Julián Carrón**

**Fundo comum**

No ano passado enviamos uma carta a quem havia anos não dava nenhum sinal de participação nos gestos da Fraternidade, e outra a quem no decorrer do ano anterior não tinha depositado nem sequer um euro para o fundo comum. Foi surpreendente ver a resposta de milhares de pessoas, que responderam positivamente a essa iniciativa – que foi um gesto de amizade –, às vezes até apresentando situações difíceis nas quais, de várias maneiras, foi possível intervir. Leio algumas cartas recebidas.

Uma pessoa escreveu: «Respondo à carta na qual me recordam que não participo nos Exercícios e não pago o fundo comum. É verdade, foram anos de desgaste nas minhas relações com o Movimento, e assim de certo afastamento. A carta recordou-me muitas coisas bonitas que vivi no Movimento. Agora acompanho um pouco mais e depusitei 60 euros no fundo comum (é tudo o que posso fazer) para me sentir parte do Movimento».

Um de vocês disse: «Agradeço infinitamente por ter recebido uma chamada de atenção para o sacrifício do Fundo Comum. Há anos que não conseguimos dar nem sequer aquela quota ínfima que eu e o meu marido tínhamos prometido pagar. Estivemos, e ainda estamos, a passar por um período difícil e não pouco problemático. Perguntei ao meu marido se podia fazer o depósito para saldar ao menos em parte a nossa “dívida” para com o fundo comum, mas ainda com a pergunta: “Será que vamos conseguir?”. Que surpresa foi a resposta dele! “Claro que sim, avança!”. A sua resposta foi um consolo para mim, e permitiu-me ajuizar só com o coração».

Eis o testemunho de uma família: «Não pagamos o fundo comum, eu e o meu marido, há dois anos, ou seja, desde que ele ficou novamente sem emprego. Eu trabalho em part-time. No último mês de setembro, encontrei um segundo trabalho por um ano, pequeno mas suficiente para fazer frente às necessidades básicas da nossa família. Em 2018, queria voltar a depositar o fundo comum, reduzindo-o a 5 euros mensais para ambos. Lamento muito, mas neste momento não conseguimos fazer de outra maneira. Desejo porém voltar a pagar o fundo comum, não quero perder o sentido deste gesto, já esperei demais, é como se alguma coisa me faltasse!».

Outro amigo escreveu: «Marcou-me muito uma passagem da carta que me foi enviada: “Na relação com Cristo não há medida; não há medida, há apenas o coração: ou eu quero, ou não quero”. Há cerca de trinta anos, com

alguns amigos do Movimento, fantasiávamos sobre o que desejávamos para o futuro: um queria ganhar a lotaria, outro queria participar nos Jogos Olímpicos, eu pelo meu turno respondi de caras: “Ser cada vez mais agarrado por Cristo”, resposta que surpreendeu toda a gente, eu incluído. Desde então, passei por muitas coisas, inclusive o despedimento. Tive de diminuir drasticamente a minha quota. Ainda assim, queria ser fiel, mas depois não depusitei mais. Em Setembro, a tua carta como que me despertou, e assim, diminuindo ainda mais a quantia, consegui cobrir os atrasos e, hoje, depois de ter recebido o pagamento de alguns trabalhos feitos, posso aumentar um pouquinho a quota. É irrisório, eu sei, mas agora é assim, depois veremos. Obrigado pela tua paternidade, rezo por ti todos os dias».

Como veem, o envio dessas cartas foi uma ocasião para retomarem a relação com a vida da Fraternidade. Alguns, pelo contrário, comunicaram-nos que enveredaram por outro caminho.

A decisão de escrever as duas cartas foi ditada pela paixão por todos os que pretendem percorrer o caminho da Fraternidade, a fim de poderem ser acompanhados com toda a seriedade possível. No livro *Una strana compagnia*, lemos que Dom Giussani, falando do fundo comum como de uma ajuda para vivermos a pobreza, dizia durante os primeiros Exercícios da Fraternidade: «A pobreza não é não ter nada para administrar: a pobreza é administrar tendo como finalidade que tudo seja em função do reino de Deus, em função da Igreja».<sup>184</sup> E é justamente para vivermos em função da Igreja que queremos ajudar-nos também agora. Neste sentido, é impressionante para mim o testemunho que nos dão os nossos amigos venezuelanos: na situação dramática de pobreza geral (causada pela alta inflação que os atinge e que todos nós conhecemos), são, percentualmente, o país em absoluto mais fiel ao pagamento do fundo comum! É comovente o facto de nos terem escrito para comunicar o quanto lamentam terem diminuído o valor do fundo comum em 2017: «O câmbio entre Euro e Bolívar variou muitíssimo entre o primeiro semestre e o final do ano, sem uma mudança correspondente no salário das pessoas. Mas, apesar da crise, muitos continuaram fiéis ao gesto do fundo comum». Uma fidelidade assim não pode deixar de nos questionar!

### **Passos**

Faço questão de partilhar com vocês uma novidade que considero que possa ser uma provocação a mais para nos compararmos com os conteúdos destes dias. Devem lembrar-se que, no ano passado, coincidindo justamente com os Exercícios, inauguramos o novo site e as redes sociais do

<sup>184</sup> L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 106.

Movimento, porque as mudanças provocadas pela Internet nos empurravam nessa direção. Isto teve uma repercussão evidente na maneira de fazer a *Passos*. Chegamos assim à nova *Passos*, que a partir de hoje está disponível para todos. A nossa revista apresenta-se completamente renovada na forma e nos conteúdos.

Por quê continuar a fazer a *Passos*? Por quê mudar? É iluminador o que Dom Giussani nos disse a este respeito: «A comunicação é consequência [...] [de] duas dimensões: uma consciência crítica e sistemática da própria vida e uma humanidade nova. Mas as duas primeiras dimensões não podem subsistir se faltar a terceira, que é a paixão em comunicar aos outros o princípio de vida, a realidade de vida, aquela nossa unidade, aquele acontecimento que nos libertou».<sup>185</sup> E ainda: a imprensa – ainda não havia o digital – «é o principal instrumento para o aumento da nossa autoconsciência e para uma comunicação com os outros».<sup>186</sup>

Dentro deste horizonte, quisemos acertar o passo com as enormes e repentinas transformações que observamos há anos e que nos chamam a uma mudança necessária: a revolução da comunicação digital, os desafios que todos estamos a enfrentar no mundo editorial, a mudança de hábitos que envolve todas as pessoas, nós incluídos, etc.

Daqui a tentativa de renovar a revista, levando tudo isto em conta. A nova *Passos* quer então completar e integrar a comunicação que é realizada pela Internet, respondendo principalmente à exigência de aprofundamento, dando a alguns temas e assuntos, escolhidos em cada edição, todo o espaço necessário para um trabalho de compreensão, de reflexão e de diálogo. Com a nova *Passos*, estamos a dizer: «Na grande agitação dos dias, semanas, meses, faz uma pausa, pára um pouco!» Talvez nos convenha. A *Passos* é essa tentativa – temos de nos lembrar sempre de que é uma tentativa – de chamar a atenção para um tema, uma pessoa, uma experiência, uma situação, que consideramos realmente relevante para o caminho que estamos a fazer.

O site e as redes sociais vão continuar a seguir o ritmo do dia-a-dia, facto a facto, juízo a juízo, acompanhando em tempo real o caminho de todos com textos essenciais, a partir da Escola de Comunidade.

Temos fome de tudo o que nos pode ajudar a dilatar a razão, a aprofundar o carisma, a verificar a fé. Igualmente, temos o desejo de nos comunicar com os outros, de nos interessarmos por eles, de fazermos uma parte

<sup>185</sup> L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., p. 39.

<sup>186</sup> FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO, *Documentação audiovisual*, Encontro dos padres de CL de Itália, Idice San Lazzaro di Savena (BO), 20 de maio de 1985.

do caminho juntos, assim como aconteceu, por exemplo, durante toda a série de encontros, tanto na Itália como no exterior, a partir das apresentações da biografia de Dom Giussani e d' *A Beleza desarmada*.

Se continuamos a fazer a *Passos*, se quisemos mudá-la acentuando a sua razão de ser como ocasião de educação e encontro, é devido a esta paixão, esta fome que nos constitui. É difícil aprofundar o caminho sem um compromisso sério, uma atenção. Sem isto, acabaremos por ser prisioneiros da mentalidade de todos.

Como podemos tornar-nos todos mais protagonistas desta tentativa? A nossa preocupação, a minha preocupação não pode ser senão educativa. Faço minhas as palavras de Dom Giussani: «Peço-vos que não sintam isto como uma propaganda da *Litterae* [é válido também hoje para a *Passos*], mas como a urgência da nossa comunhão».<sup>187</sup> Ainda Dom Giussani, dizia-nos que a revista «faz parte do projeto de vida, é um instrumento do projeto»,<sup>188</sup> «espelho da vitalidade do movimento. E isto implica uma participação criativa».<sup>189</sup> Por isso escrevam, sugiram temas, factos e pessoas, porque a nossa revista «é um espaço livremente acessível a todos quantos têm uma vida para comunicar».<sup>190</sup>

Esta, portanto, é a primeira forma de participar na comunicação do Movimento, uma participação criativa. Uma forma que está ao alcance de cada um de nós: não se trata apenas de escrever sobre factos e pessoas, mas também de identificar e sugerir quem quer que possa ter um talento na fotografia ou na criação de vídeos, ou nas redes sociais, etc. Seguramente, nas vossas comunidades, há jovens capazes.

Também é possível participar usando a *Passos* para um diálogo com um amigo: se é útil para mim, pode ser útil para ele também. Oferecer uma assinatura ou um exemplar são uma ocasião de encontro, de testemunho, de missão. Pensem que muitos bispos e núncios – no mundo inteiro, até em lugares onde o Movimento não está – nos escrevem para nos agradecer a oportunidade que têm de ler textos de Dom Giussani e de permanecer em contato com a vida do Movimento. Convido-os, pois, a difundir a revista, utilizando inclusive o ensejo da nova roupagem gráfica, quer pessoalmente

<sup>187</sup> FCL, *Documentação audiovisual*, Encontro dos padres de CL, Bolonha, 6 de março de 1978.

<sup>188</sup> FCL, *Documentação audiovisual*, Diaconia diocesana de CL, Milão, 16 de junho de 1980.

<sup>189</sup> FCL, *Documentação audiovisual*, Encontro dos padres de CL, Imola (BO), 2 de fevereiro de 1987.

<sup>190</sup> FCL, *Documentação audiovisual*, Jornada de fim de ano de CL, Milão, 3 de junho de 1989.

te, quer comunitariamente, como fazem – pensem só! – as mulheres da Rose em Kampala, que vivem como um acontecimento a chegada de cada número novo da *Traces*. Quem nos dera que também a recebêssemos assim cada vez que chega!

Por fim, peço-vos que tenham em consideração a assinatura como forma concreta de apoio a todo o empenho para desenvolver a comunicação do Movimento – deste o site até às redes sociais e à revista –, que depende da atenção de cada um de nós. Assinar a *Passos* é o modo como podemos garantir este sustento a todos os nossos instrumentos de comunicação. Obrigado.



## MENSAGENS RECEBIDAS

Caríssimos,

Mais uma vez o Senhor vos oferece a vocês, reunidos para os Exercícios anuais, a ocasião de um retomar de consciência. Esta consiste no dom da redescoberta de que Jesus é o Destino do homem e portanto é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Também este ano, como em muitas circunstâncias da existência humana e através das relações que por graça cada um de nós estabelece com os outros, Ele faz de nós «uma coisa nova».

Neste Tempo Pascal, a liturgia chamou-nos a não conhecer mais nada segundo a carne, nem sequer o próprio Jesus. De facto, se estamos em Cristo, somos uma criatura nova.

Qual é a razão pela qual, todos os anos, quem conduz a *Fraternidade de Comunhão e Libertação* sente o dever de chamar a atenção de todos os membros para estes elementos substanciais da existência cristã? Parece-me que essa razão se encontra no risco que se aninha na pergunta: «Não o notais?» A distração e o esquecimento invadem o quotidiano e assim perde-se de vista a única coisa necessária: o amor de Cristo que nos urge.

Façamos nossa, pois, a invocação para que o Pai nos ofereça passar da inata fragilidade humana à existência nova em Cristo Ressuscitado.

Com afeto, uma bênção especial

*S.E.R. cardeal Angelo Scola*

*Arcebispo emérito de Milão*

Caríssimo padre Julián Carrón,

a ti e a todos a minha saudação e minha oração para o bom andamento destes Exercícios Espirituais da *Fraternidade de Comunhão e Libertação*.

O tema destes Exercícios: «Eis que faço uma coisa nova: não o notais?» (Is 43,19) propõe-nos a novidade e a beleza do que nos aconteceu no encontro com Cristo através da experiência do carisma como facto não ocasional, mas evento estável numa história de graça, num povo em que se revelou a misericórdia do Senhor.

Esta novidade ecoa com autoridade no que o Papa Francisco nos indica na sua última Exortação Apostólica *Gaudete et exultate*; onde, juntamente com a «santidade “ao pé da porta”» (n. 7), nos propõe a mensagem das bem-aventuranças como caminho específico de uma experiência laical na Igreja e no mundo.

Diante das incertezas do presente, como a falta de definição de um governo para o país e a persistente onda da crise económica, o Papa convida-nos a uma santidade que também é ousadia, «*parresia*»: «O próprio Jesus vem ao nosso encontro, repetindo-nos com serenidade e firmeza: “não temais!”», indicando-nos «uma existência aberta, porque está disponível para Deus e para os irmãos» (n. 129).

Neste apelo, que une a ousadia à confiança, sentimos que nos voltam a ser propostas as palavras do Senhor que Dom Giussani nos repetia com frequência: «Até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão contados. Não tenhais medo!» (Lc 12,7). E o coração aquece, confortado pela grande Presença que faz novas todas as coisas e nos envia em missão.

Cheio de confiança, peço também para mim e para todo o Movimento o dom do Espírito e a disponibilidade para respondermos ao mandato do Senhor seguindo o passo que você nos indica.

Cumprimento-os cordialmente  
e invoco sobre todos vocês a bênção do Senhor e a proteção da Mãe de Deus,

*S.E.R. monsenhor Filippo Santoro*  
*Arcebispo Metropolitano de Taranto*

Caríssimo padre Julián,

Que bonito é o título destes Exercícios: «*Eis que faço uma coisa nova: não o notais?*» (Isaías). A palavra do profeta chega ao povo em exílio, como anúncio de bem que floresce na desolação e na tristeza de um mundo que desmoronou, com a destruição do templo: Deus surpreende-nos sempre, como o Papa Francisco gosta de dizer, fazendo «uma coisa nova», introduzindo uma vida nova, uma presença nova entre nós e na história, tanto ontem como hoje.

Mesmo de longe, uno-me com a oração e o afeto a toda a grande companhia da Fraternidade e peço, por intercessão do Servo de Deus Dom Giussani, que o Espírito do Senhor nos torne capazes de reconhecer os sinais desta “novidade”, que nada pode impedir ou parar.

*S.E.R. monsenhor Corrado Sanguineti*  
*Bispo de Pavia*

## TELEGRAMAS ENVIADOS

*Sua Santidade Papa Francisco*

Santidade,

agradecemos-lhe pelo seu convite a fazemos experiência viva de Cristo presente, contemplando o Seu rosto que recompõe a nossa humanidade. Dedicamos a isso os Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que reuniram em Rimini 21 mil pessoas, enquanto outros milhares estavam ligados via satélite em 13 países. A partir da frase de Isaías: «Eis que faço uma coisa nova: não a notais?», perguntamo-nos por que temos tanta dificuldade em reconhecer a presença de Cristo na história. A *Lumen fidei* indicou o caminho da resposta: «A nossa cultura perdeu a noção desta presença concreta de Deus no mundo».

Por isso nos identificamos com o método escolhido por Deus para revelar-se, revivendo os momentos da história bíblica, até à sua realização em Cristo, que na Igreja continua a alcançar a nossa vida com uma atração vencedora. «A pessoa encontra-se a si mesma num encontro vivo» (Dom Giussani).

Nestes dias pedimos para voltar a ser crianças, para reconhecer os sinais de Deus e participar da novidade que Cristo trouxe na história. Levantar o olhar de nós mesmos para Ele, deixando que a Sua presença penetre no nosso coração, permite-nos «manter aceso o fogo» do início, como nos disse na Praça São Pedro. Experimentamos a alegria, que é o sinal da familiaridade com Cristo, que nos faz cantar: *Fac ut ardeat cor meum in amando Christum Deum ut sibi complacem*.

Regressamos às nossas casas mais certos de que a presença de Cristo define o nosso rosto no mundo e indica a razão profunda de todo e qualquer gesto nosso de presença. Vendo como o senhor se move todos os dias, estamos conscientes de que só uma presença original – porque centrada em Cristo – pode mover o homem de hoje.

Continuando na oração quotidiana em sustento do seu ministério petrino, dedicamos-lhe todo o nosso afeto de filhos.

*padre Julián Carrón*

*Sua Santidade Papa emérito Bento XVI*

Santidade,

«Eis que faço uma coisa nova: não o notais?» Isaías acompanhou-nos nestes Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, num caminho de conhecimento de Cristo a fim de que o entusiasmo por Ele mobilize a nossa liberdade determinando o nosso rosto humano. Pedindo-lhe uma oração para nos tornarmos como crianças a fim de reconhecermos os rebentos de Deus em ação no mundo e segui-los com toda a energia da nossa liberdade, pedimos, por intercessão de Dom Giussani, que o Pai lhe dê sempre a paz e a letícia do coração.

*padre Julián Carrón*

*S.E.R. cardeal Gualtiero Bassetti*

*Presidente da Conferência Episcopal Italiana*

Eminência caríssima,

nos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que reuniram em Rimini 21 mil pessoas, meditamos as palavras de Isaías, «Eis que faço uma coisa nova: não o notais?» Desejosos de voltarmos a ser crianças para conhecer a Cristo e crescer na familiaridade com Ele, que define o nosso rosto no mundo, segundo o ensinamento de Dom Giussani e seguindo o Papa Francisco, confirmamos-lhe o compromisso de sermos instrumentos da presença da Igreja em Itália.

*padre Julián Carrón*

*S.E.R. cardeal Angelo Scola*

*Arcebispo emérito de Milão*

Caríssimo Angelo,

conscientes do risco da distração e do esquecimento de que nos falaste na tua mensagem, retomamos a grande lição de von Balthasar que nos convidava a voltarmos a ser crianças para conhecermos Cristo presente, única razão da nossa esperança. Desejamos-te que vivas cada vez mais a familiaridade com Cristo, a única coisa necessária também para nós – no seguimento de Dom Giussani e do Papa – para sermos instrumentos do avanço da novidade de Cristo que renova a face da terra, a começar pela nossa.

*padre Julián Carrón*

*S.E.R. monsenhor Filippo Santoro  
Arcebispo Metropolitano de Taranto*

Caríssimo Filippo,  
gratos pela tua carta, a experiência destes dias foi um passo para uma familiaridade com Cristo que nos enche de entusiasmo por Ele e do desejo de estarmos disponíveis como crianças para seguir o Senhor que quer atingir os corações incertos dos nossos irmãos homens.

*padre Julián Carrón*

*S.E.R. monsenhor Corrado Sanguineti  
Bispo de Pavia*

Caríssimo Corrado,  
nos Exercícios da Fraternidade o acontecimento que tomou a nossa vida aconteceu em nós como uma coisa nova, até tornar Jesus mais familiar em nós e entre nós. Gratos pelas tuas orações, estamos mais disponíveis a dar-nos conta dos sinais da Sua ação no mundo.

*padre Julián Carrón*

## A ARTE NA NOSSA COMPANHIA

*Organização de Sandro Chierici e Nadia Righi*

*(Guia para a leitura das imagens retiradas da História da Arte que acompanhavam a audição dos trechos de música clássica à entrada e à saída)*

Poucos artistas como Caravaggio contam a história sagrada como um contínuo recontar do Acontecimento no hoje. A utilização de modelos tomados da vida quotidiana sugere que experimentar Cristo presente é uma oportunidade oferecida a todos nós, independentemente da nossa condição. A intuição desta possibilidade impele o artista, movido pelo desejo de compreender o sentido profundo da realidade, a representar-se várias vezes como ator e espectador do drama da história de Deus feito homem.

*O sacrifício de Isaac* – Florença, Galeria dos Oficinos

*Anunciação* – Nancy, Museu das Belas Artes

*Sagrada Família com São João menino* – Coleção particular (Nova Iorque, Metropolitan Museum)

*Nossa Senhora e o menino com Sant'Ana* – Roma, Galeria Borghese

*Adoração dos pastores* – Messina, Museu Regional

*Repouso durante a fuga para o Egito* – Roma, Galeria Doria Pamphili

*A vocação de São Mateus* – Roma, São Luís dos Franceses

*Marta e Maria Madalena* – Detroit, Detroit Institute of Arts

*A captura de Cristo* – Dublin, National Gallery of Ireland

*A deposição no sepulcro* – Cidade do Vaticano, Pinacoteca Vaticana

*A ceia em Emaús* – Londres, National Gallery

*A ceia em Emaús* – Milão, Pinacoteca de Brera

*A incredulidade de São Tomé – Potsdam, Sanssouci*

*Morte da Virgem – Paris, Louvre*

*A crucificação de Pedro – Roma, Santa Maria del Popolo*

*A conversão de Saulo – Roma, Santa Maria del Popolo*

*São Mateus e o anjo – Roma, São Luís dos Franceses*

*O martírio de São Mateus – Roma, São Luís dos Franceses*

*Enterro de Santa Lucia – Siracusa, Santa Lucia al Sepolcro*

*Martírio de Sant' Úrsula – Nápoles, Coleção Banca Intesa*

*As sete obras de misericórdia – Nápoles, Pio Monte da Misericórdia*

*Nossa Senhora dos peregrinos – Roma, Sant'Agostinho*

## COMENTÁRIOS DE DOM GIUSSANI ÀS MÚSICAS DE ENTRADA

Os textos são retirados do volume *Spirto Gentil. Um convite à audição da grande música conduzida por Luigi Giussani*, organização de S. Chierici e S. Giampaolo, Bur, Milão 2011.

Sexta-feira 27 de abril, noite – A. Dvořák, *Stabat Mater op. 58*

«Faz com que o meu coração se dê conta desta força misteriosa e real graças à qual tudo vibra, graças à qual tudo renasce, que o meu coração se dê conta do Mistério que dá a vida e que me chamou, Presença humana que me envolveu e se envolve comigo» (p. 289)

Sábado 28 de abril, manhã – W.A. Mozart, *Grande Missa em dó menor K 427*

«Deus comunicou-se ao homem na sua carne, no seu tempo e espaço vivido, na sua vida como tempo e espaço vivido, como relação vivida. O Mistério aparece-nos na experiência, nalguma coisa que sofremos, desejamos, erramos, fazemos bem, em alguma coisa que experimentamos; na experiência humana tal como ela é, inteira.

Pudéssemos também nós, como Mozart, contemplar com a mesma simplicidade e intensidade o início no mundo e na história da misericórdia e do perdão, e ir beber à fonte que é o “sim” de Maria!» (p. 55)

Sábado 28 de abril, tarde – A. Dvořák, *Trio n. 4 op. 90, “Dumky”*

«Ouvindo estes trechos de Dvořák, breves mas intensos, puros como o ar rarefeito da montanha, não podemos senão voltar a ser crianças. Dvořák incarna um coração de criança. [...] Aquilo que é necessário para apreciar esta música é sermos assim pequenos, ou seja, simples de coração ou pobres de espírito. Pobre é aquele que reconhece não ter nada: eu não sou nada. Tu – Mistério que fazes todas as coisas – existes. Chama-se perdido à expressão da própria pobreza» (p. 300).



Domingo 29 de abril, manhã – L. van Beethoven, *Sinfonia n. 9*

«Nós somos como uma sinfonia pequena diante daquilo que devia ser, um pouco mesquinha, um pouco assustada, um pouco intimidada. E, no entanto, no que diz respeito à *Nona Sinfonia* [...] a nossa catedral, não de notas, é feita para encher a história. Nós aproximamo-nos deste destino obedecendo a uma tarefa, aderindo com a nossa liberdade à tarefa que nos é confiada. E qual é esta tarefa? A tarefa da vida é a paternidade e a maternidade; ou seja, chegar à maturidade do amor. A tarefa da vida é imitar o Pai continuando o canto de Jesus na história» (p. 117).

## Índice

---

MENSAGEM ENVIADA PELO PAPA FRANCISCO 3

### ***Sexta-feira, 27 de abril, noite***

INTRODUÇÃO 4

SANTA MISSA – *HOMILIA DO PADRE STEFANO ALBERTO* 17

### ***Sábado, 28 de abril, manhã***

PRIMEIRA MEDITAÇÃO – «*Nós conhecemos e acreditamos no amor que Deus tem por nós!*» 18

SANTA MISSA – *HOMILIA DE S.E.R. CARDEAL KEVIN JOSEPH FARRELL* 36

### ***Sábado, 28 de abril, tarde***

SEGUNDA MEDITAÇÃO – «*Bem-aventurados os olhos que veem o que vós vedes*» 41

### ***Domingo, 29 de abril, manhã***

ASSEMBLEIA 63

SANTA MISSA – *HOMILIA DO PADRE JULIÁN CARRÓN* 88

AVISOS 90

MENSAGENS RECEBIDAS 95

TELEGRAMAS ENVIADOS 97

A ARTE E A MÚSICA NA NOSSA COMPANHIA 100

---



